



## O ecumenismo hoje. Uma reflexão teoecológica

**Francisco de Assis Silva**

“Ser ecumênico é abrir-se à alteridade”

**Walter Altmann**

500 anos depois: Recordar a Reforma,  
olhando para os desafios comuns da cristandade

**Nancy Cardoso**

Ecumenismo, ecologia, economia:  
um olhar feminino e feminista

E mais:

>> **Andrei Cechin**

“Estamos usando em um ano o que a  
natureza demora um ano e  
meio para recompor”

>> **Mário Francis Petry Londero**

O acontecer na clínica

# O ecumenismo hoje. Uma reflexão teocológica

O que significa ser ecumênico no atual contexto contemporâneo? Que avanços e obstáculos existem na busca de unidade das Igrejas cristãs? E, diante da chamada crise ambiental, qual o papel das cristãs e dos cristãos na defesa da Criação? Por ocasião do 6º Encontro de Agentes para o Ecumenismo (Mutirão Ecumênico), promovido pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB e Conselho Latino-Americano de Igrejas - CLAI, com a participação de agentes ecumênicos dos estados do RS, SC, PR e SP, a **IHU On-Line** dedica esta edição ao ecumenismo hoje, em perspectiva teocológica.

Colaboram nesta edição o bispo anglicano **Dom Francisco de Assis Silva**, primeiro vice-presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), para quem viver um ecumenismo prático significa estar consciente de nossos próprios traços para poder interagir com o diferente. Para o pastor luterano e moderador do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), **Walter Altmann**, a celebração dos 500 anos da Reforma protestante deve ocorrer em espírito ecumênico e na noção de que a Igreja da Reforma deve ser sempre Igreja em Reforma (*semper reformanda*). Já o bispo da Diocese de Chapecó e presidente do CONIC, **Dom Manoel João Francisco**, afirma que tolerância e alteridade são princípios para confiar no outro, reconhecendo as diferenças entre as Igrejas cristãs.

Ecumênico também significa ser universal, no sentido de assumir o fato de pertencermos ao cosmos como membros da comunidade da vida, afirma o monge beneditino **Marcelo Barros**. “O ecumenismo é movido pelo Espírito e não pode ser considerado propriedade de nenhuma igreja”, relata o histórico militante do ecumenismo, **Anivaldo Padilha**, leigo metodista. Já teóloga metodista **Nancy Cardoso Pereira** explica, a partir de um olhar ecofeminista, que ecumenismo, ecologia, economia compartilham o “oikos”, a unidade básica social, ou seja, três formas de estar no mundo e de organizar a vida no mundo. Nesse contexto, é necessária uma “mudança de paradigma” diante da crise ambiental: uma revisão de ideias, hábitos e práticas rumo a uma nova organização coletiva, defende o teólogo luterano **Haroldo Reimer**.

Os palestrantes do Mutirão também colaboram no debate. Para o teólogo **Erico Hammes**, professor da PUCRS, a identidade, também religiosa, só é possível na consciência de si frente a alguém. É construída a partir da não identidade, ou seja, da alteridade. Já o teólogo especialista em ecumenismo e sacerdote católico **Paulo Homero Gozzi** defende que a espiritualidade ecumênica nos leva a ser honestos com nós mesmos, com os irmãos e com Deus, já que uma identidade sadia não se perturba ao ver a beleza da verdade presente nos outros. O teólogo e assessor do moderador do Comitê Central do CMI, **Marcelo Schneider**, explica que é preciso superar uma certa redução da agenda ecumênica ao nível das relações institucionais ou de canais de diplomacia e cordialidade entre iguais. Nesse contexto, defender a criação é uma consequência natural do deslumbramento com o seu esplendor e também uma decorrência do conhecimento de um sem-número de ameaças à sua plena manifestação, aponta o ecologista **Arno Kayser**.

“Economia para a vida implica na preservação do meio ambiente, que é condição de vida, e na vida de todas as pessoas - vida corporal, a única que temos e podemos cuidar de fato - pois a vida eterna é graça de Deus”, afirma o teólogo **Jung Mo Sung**.

Completam esta edição, o artigo *Uma outra cauda longa: concentração diversificada das mídias contemporâneas* de **João Martins Ladeira**, do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade - CEPOS -, do PPG em Comunicação da Unisinos, e duas entrevistas. Na primeira, o economista **Andrei Cechin**, constata que “estamos usando em um ano o que a natureza demora um ano e meio para recompor”. Na segunda, o psicólogo **Mário Francis Petry Londero**, mestrando do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional e residente em Psicologia na Residência Integrada em Saúde do Grupo Hospitalar Conceição, adianta aspectos que abordará no **IHU Ideias** desta quinta-feira, falando sobre o “acontecer na clínica”. **Mirim Trentini**, do setor de atendimento da Gerência Serviços de Informação - GSI, é a colega entrevistada desta semana. Ela conta um pouco mais de sua vida, sonhos e esperanças.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

## Expediente

**IHU On-Line** é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Rafaela Kley e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 4121.



LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



Ministério  
da Cultura



## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Dom Francisco de Assis Silva: “Ser ecumênico é abrir-se à alteridade”

PÁGINA 08 | Walter Altmann: 500 anos depois: Recordar a Reforma, olhando para os desafios comuns da cristandade

PÁGINA 12 | Manoel João Francisco: Tolerância e alteridade: princípios para confiar no outro, reconhecendo as diferenças

PÁGINA 17 | Marcelo Barros: Ecumenismo e macroecumenismo: unidade interior na diversidade de caminhos

PÁGINA 22 | Anivaldo Padilha: “O ecumenismo é movido pelo Espírito e não pode ser considerado propriedade de nenhuma igreja”

PÁGINA 28 | Nancy Cardoso Pereira: Ecumenismo, ecologia, economia: um olhar feminino e feminista

PÁGINA 31 | Haroldo Reimer: De apocalípticos a proféticos: a metanoia necessária diante da Criação

PÁGINA 35 | Erico Hammes: “A abertura para a unidade com o outro/a é inerente à identidade”

PÁGINA 38 | Paulo Homero Gozzi: Unidade, liberdade, caridade: o desafio de superar a “ignorância” em torno do ecumenismo

PÁGINA 42 | Marcelo Schneider: Nem diplomacia, nem cordialidade: um mandato apostólico fundamental

PÁGINA 46 | Arno Kayser: Criação: denominação cristã para a sinfonia do universo

### B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 51 | Jung Mo Sung: “Economia para a vida”: contribuições da teologia para a crítica à idolatria

» Coluna do Cepos

PÁGINA 58 | João Martins Ladeira: Uma outra cauda longa: concentração diversificada das mídias contemporâneas

» Destaques On-Line

PÁGINA 60 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 65 | Andrei Cechin: “Estamos usando em um ano o que a natureza demora um ano e meio para recompor”

PÁGINA 70 | Mário Francis Petry Londero: O acontecer na clínica

» IHU Repórter

PÁGINA 74 | Miriam Trentini



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## “Ser ecumênico é abrir-se à alteridade”

Para o bispo anglicano Dom Francisco de Assis Silva, viver um ecumenismo prático significa estar consciente de nossos próprios traços (identidade) para poder interagir com o diferente e chegarmos à compreensão de que a diferença é apenas uma diferença e não erro (unidade diversa)

POR MOISÉS SBARDELLOTTO

O consenso ecumênico “pode ser construído a partir da ação concreta diante de uma sociedade que clama por justiça e paz. Enquanto se trabalha, não há lugar para se discutir semântica”, afirma o bispo anglicano D. Francisco de Assis Silva, primeiro vice-presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - Conic. Por isso, resume, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, “ser ecumênico é abrir-se à alteridade”. Nesse sentido, o ecumenismo prático é “estar consciente de nossos próprios traços (identidade) para poder interagir com o diferente e chegarmos à compreensão de que a diferença é apenas uma diferença e não erro (unidade diversa)”, explica.

“O fundamentalismo só tem lugar nas mentes e corações inseguros de sua própria verdade”, sintetiza. “Posso até afirmar que enquanto as hierarquias primam pelo diálogo teológico - de corte mais eclesiológico - os leigos e leigas estão se voltando mais para o embate político e aí temos uma dinâmica mais agregadora”, afirma D. Francisco, apontando para o espaço mais frutífero da caminhada ecumênica.

Por outro lado, sobre o tema do Mutirão Ecumênico Sulão VI - “Unidos em Cristo na defesa da Criação” - D. Francisco afirma: “Como formadoras de opinião e portadoras da mensagem de um Evangelho transformador, as diversas comunidades e famílias cristãs podem, à luz de uma teologia da Criação, conscientizar os fiéis a serem mais responsáveis pela integridade da Criação. Defender a Criação significa, antes de tudo, reafirmar a sacralidade do Mundo como efeito do amor e da sabedoria do Criador”.

Dom Francisco de Assis Silva é bispo da Diocese Sul-Occidental da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, que abrange os estados do RS e SC, cuja sede localiza-se em Santa Maria, RS, e primeiro vice-presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em uma sociedade como a atual, marcada paradoxalmente por sincretismos e fundamentalismos de todos os tipos, o que significa ser ecumênico? Como equilibrar “identidade” com “unidade”?**

**Francisco de Assis Silva -** Ser ecumênico acima de tudo é abrir-se à alteridade. Partir do pressuposto de que nossas crenças não possuem a exclusividade da certeza absoluta e de que, como pessoas que vivem a fé a vivem num contexto, há aspectos que precisamos respeitar e aprender na experiência religiosa dos outros. Para tanto, viver um ecumenismo prático significa estar consciente de nossos próprios traços (identidade) para poder interagir com o diferente e chegarmos

à compreensão de que a diferença é apenas uma diferença e não erro (unidade diversa). Esta postura refreia o preconceito - uma das causas mais primárias do conflito religioso - e estimula o diálogo. Ao longo da experiência que tenho tido o privilégio de viver, aprendi muito a ouvir atentamente os outros e a buscar um alicerce comum. Nenhuma casa, mesmo com paredes pintadas de cores diversas, se sustenta se não tem um fundamento sólido. O fundamentalismo só tem lugar nas mentes e corações inseguros de sua própria verdade.

**IHU On-Line - Em sua opinião, quais são os grandes pilares teológicos do ecumenismo hoje? Em que pontos é**

**possível encontrar consensos e parâmetros básicos?**

**Francisco de Assis Silva -** Entendo que os pilares básicos para o consenso são uma teologia da Criação que nos leva a crer que em Deus reside a fonte de toda a vida e nos convida a viver harmonicamente com a Natureza e com nossos semelhantes. Acrescente-se a isso a compreensão de que o Divino sempre quer estar em diálogo conosco. Isso nada mais é do que uma teologia da Revelação que nos desafia sempre a aprender que Ele pode se manifestar de diversas maneiras e nos ensinar a viver uma unidade com Ele. Nesse processo de Revelação, Jesus representa o ápice dessa relação de Deus conosco. Temos aí, então, dois consensos fun-

damentais para construir uma vivência ecumênica.

As ações ecumênicas podem ser fortalecidas na medida em que não se priorize ou se force um consenso sobre outras modalidades teológicas. Tome-se o exemplo da eclesiologia. Buscar uma eclesiologia comum pode significar apenas um debate inconsequente sobre sua natureza, sem contudo alcançar um parâmetro comum. Todos os modelos de como as igrejas se organizam são frutos de uma conjuntura histórica que surgiram exatamente em razões de dissensos. Logo, este não é o caminho desejado para fortalecer o ecumenismo. Penso que o consenso pode ser construído a partir da ação concreta diante de uma sociedade que clama por justiça e paz. Enquanto se trabalha, não há lugar para se discutir semântica.

**IHU On-Line - Qual a sua avaliação da caminhada ecumênica no Brasil? Que avanços ocorreram nos últimos anos e onde ainda é necessário um maior comprometimento por parte das igrejas?**

**Francisco de Assis Silva** - Na minha visão, o ecumenismo tem avançado na razão direta da capacidade de articulação entre as bases das igrejas. Não se pode desconhecer o crescimento de movimentos e de organismos não governamentais de caráter ecumênico que estão imprimindo uma pauta no diálogo ecumênico na direção de uma incidência pública. Isso necessariamente não tem tido a adesão de algumas das hierarquias das igrejas. Posso até afirmar que, enquanto as hierarquias primam pelo diálogo teológico - de corte mais eclesiológico -, os leigos e leigas estão se voltando mais para o embate político e aí temos uma dinâmica mais agregadora.

Por exemplo, cito o fenômeno do Fórum Social Mundial, em que a articulação da militância de base das diversas igrejas se faz em torno de pautas comuns e elege a luta por direitos, a questão do meio ambiente, o fortalecimento da sociedade civil, entre outras pautas como um “lugar” de comunhão. Muitas vezes, as próprias lideranças de suas igrejas nem se preocupam em oferecer a chancela oficial para essas ações. A meu ver, o

## “Enquanto as hierarquias primam pelo diálogo teológico, os leigos e leigas estão se voltando mais para o embate político”

que é necessário, tomando em conta o exemplo do Fórum Social Mundial, é uma maior aproximação entre as hierarquias e suas bases. Em outras palavras, uma aproximação entre a teoria e a prática.

**IHU On-Line - O senhor é vice-moderador da ACT Alliance (Acting by Churches Together), uma aliança que reúne mais de 100 agências cristãs que trabalham em ajuda humanitária e desenvolvimento social. Como vê o papel do Brasil nesta área, em especial das igrejas e organizações ecumênicas, neste momento de relativo progresso econômico?**

**Francisco de Assis Silva** - O Brasil tem um enorme acúmulo de experiência na capacidade que as igrejas - e aqui repito o papel dos leigos e leigas - desenvolveram no embate pela democracia e pela inclusão social. Esse acúmulo pode ajudar, em muito, no trabalho de ACT Alliance. É claro que a própria Aliança precisa se apropriar de processos conceituais que ainda dividem o Norte e o Sul; mais isso vai se conseguir na medida em que a Aliança também se fortalecer aqui no Brasil e na América Latina. Quando falo em Norte e Sul, quero ressaltar que ainda existe uma estrutura cultural onde o Norte tem capital e o Sul tem trabalho. Às vezes é preciso aproximar estas duas áreas para que se estabeleçam conceitos comuns acerca do que é desenvolvimento, emergência, direitos, etc. O caminhar da Aliança me parece apontar para isso, e aí teremos mesmo um ator capaz de interagir mais eficazmente na transformação do mapa das desigualdades no mundo.

**IHU On-Line - No âmbito católico, a criação, por parte de Bento XVI, dos**

ordinariatos especiais para comunidades anglicanas que desejam se converter ao catolicismo gerou muita polêmica no âmbito ecumênico. Como o senhor avalia o diálogo anglicano-católico ao longo do papado de Bento XVI?

**Francisco de Assis Silva** - Certamente o ordinariato criou uma espécie de constrangimento entre os anglicanos e também entre os representantes da ICAR [Igreja Católica Apostólica Romana] que fazem parte do grupo de diálogo internacional entre as duas igrejas. Eles não foram ouvidos sobre tão importante questão. Vozes importantes do catolicismo romano também ficaram constrangidas com a iniciativa unilateral do papa. No entanto, para nós, anglicanos, os efeitos dessa possível migração não nos afetam tanto. O mais importante é não abandonar a mesa do diálogo. Aliás, isso é o que nós, anglicanos, mais temos feito nos últimos anos com a discussão sobre as questões de sexualidade humana. Tenho certeza de que o diálogo continuará e, quem sabe, sairá um pouco do campo das elaborações documentais teológicas para ações mais concretas no campo da incidência política com uma agenda pautada pelo combate à pobreza, pelo respeito ao meio ambiente e outras pautas em que o consenso seja mais fácil. O ordinariato só será eficaz junto àqueles grupos mais tradicionalistas entre os anglicanos que já não comungam das teses principais da Comunhão. Se eles se sentem bem em buscar um abrigo especial dentro da ICAR, que sejam abençoados em seus propósitos.

**IHU On-Line - Ainda sobre a relação anglicano-católica, dois pontos-chave estiveram em “pauta” nos últimos tempos: o papel das mulheres e dos homossexuais na vida eclesial. Por que esses temas desafiam tanto as igrejas? É possível encontrar consensos teologicamente fundamentados acerca deles?**

**Francisco de Assis Silva** - Os diálogos têm servido para ajudar as duas igrejas a avançar na compreensão mútua do ministério e da autoridade. No entanto, isso ainda não tem conseguido transpor o conflito entre tradição e

razão. Para nós anglicanos, a tradição é um dos pilares do nosso ser igreja. A razão, inspirada pelo Espírito Santo, tem essa capacidade de interpelar a tradição quando ela tolhe os direitos das pessoas. É o que está acontecendo com a questão das mulheres e das pessoas homoafetivas. Hoje, salvo raras exceções, a questão das mulheres sacerdotes e bispas é comumente aceita dentro da Comunhão Anglicana. O que ainda persiste como um tema a se discutir na busca de um consenso é a questão de pessoas homoafetivas terem o direito de também serem sacerdotes. A discussão sobre o ministério feminino levou quase duas décadas para se resolver. A questão do ministério das pessoas homoafetivas pode levar também esse tempo, mas não quero ser categórico nesse prognóstico. As tomadas de decisão dentro da Comunhão Anglicana sempre procuram conciliar magistério com as interpelações de nosso tempo.

**IHU On-Line - Segundo o Mons. Mark Langham, do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, “antes do Concílio Vaticano II”, o ecumenismo era dizer aos anglicanos que se convertessem, e há quem diga que esse também é o ‘novo’ ecumenismo”. Em que aspectos é preciso voltar ao “espírito” do Concílio e em que outros é necessário superá-lo na**

10 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o *Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas*. Confira, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*, disponível em <http://migre.me/KtJn>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link <http://migre.me/KtJE>. (Nota da IHU On-Line)

**questão do ecumenismo?**

**Francisco de Assis Silva** - Em minha opinião, o Concílio Vaticano II foi a grande oportunidade de se superar a história de mútuas incompreensões entre as famílias cristãs. Penso que as declarações e resoluções daquela assembleia ainda falam às mentes de muitas pessoas, católicas na acepção original do termo, e as fazem acreditar que é possível ser diferente sem abdicar do propósito de se viver uma igreja que vive aberta para os novos tempos. Uma vez que o magistério da Igreja é construído gradativamente pela justaposição de “leituras” cada vez mais contemporâneas, o Concílio foi um grande avanço que gerou esperanças para o movimento ecumênico. Talvez se fizesse necessário retomar aquele espírito e avaliá-lo à luz da atual conjuntura, quase 50 anos depois. Quem sabe, no jubileu do Concílio, a ICAR não pudesse aproveitar para reler aquela experiência tão animadora.

**IHU On-Line - A temática do Mutirão Ecumênico deste ano é “Unidos em Cristo na defesa da Criação”. Para o senhor, qual o papel das igrejas diante da questão ambiental? Por outro lado, o que significa “defender a Criação”?**

**Francisco de Assis Silva** - As igrejas têm uma enorme responsabilidade sobre este tema. Como formadoras de opinião e portadoras da mensagem de um Evangelho transformador, as diversas comunidades e famílias cristãs podem, à luz de uma teologia da Criação, conscientizar os fiéis a serem mais responsáveis pela integridade da Criação. Defender a Criação significa, antes de tudo, reafirmar a sacralidade do Mundo como efeito do amor e da sabedoria do Criador. Em segundo lugar, significa deslocar o eixo hermenêutico de um antropocentrismo para um ecocentrismo. E, finalmente, à luz desse novo eixo, refletir sobre a necessidade de se preservar a natureza para as gerações futuras, como gesto de solidariedade e responsabilidade.

**IHU On-Line - Em âmbito brasileiro, que aspectos teológicos, sociais ou culturais, segundo o senhor, são os maiores impedimentos à unidade**

**cristã? É possível superá-los?**

**Francisco de Assis Silva** - Na dimensão do teológico, eu diria que um impedimento à unidade cristã é uma tendência que se tem visto em algumas famílias confessionais de mergulhar para dentro de si mesmas e recuar para uma postura proselitista ou doutrinária que acaba gerando estremecimentos políticos dentro delas próprias (o velho embate entre conservadores e liberais) e com outras confissões. Culturalmente, o grande desafio é ainda um certo preconceito religioso e disfarçadamente ideológico para com certas denominações ou religiões. Nessa mesma direção, costuma existir um apriorismo de rejeição a certas posturas éticas mais contextualizadas.

**IHU On-Line - Em 2012, o CONIC completará 30 anos. Como 1º vice-presidente, como o senhor avalia o papel do Conselho hoje na promoção do ecumenismo no Brasil?**

**Francisco de Assis Silva** - O CONIC é um grande promotor da unidade entre as igrejas no Brasil e seu papel tem sido cada vez mais relevante na busca de uma incidência pública relevante. Para além de um ecumenismo meramente celebrativo ou de cúpulas das igrejas, o CONIC tem sido um espaço de reflexão e de ação na busca de uma sociedade democrática, justa e comprometida com uma cultura de paz. Numa realidade de muita propaganda sobre progresso, bem-estar e prosperidade, o CONIC não pode perder a dimensão profética de apontar a realidade que não é tão glamorosa assim e liderar as igrejas na direção de um testemunho de fortalecimento da justiça em nosso país. Aspiro o CONIC com essa cara, juntando-se a outras redes na defesa de um Brasil melhor. E com lentes bem especiais: as lentes de uma teologia cristocêntrica!

#### LEIA MAIS

Francisco de Assis Silva já concedeu outra entrevista à IHU On-Line.

• As relações das Igrejas Anglicana e Católica Romana. Notícias do Dia, de 12-12-2009, disponível em <http://bit.ly/6Lw656>

## 500 anos depois: Recordar a Reforma, olhando para os desafios comuns da cristandade

A celebração dos 500 anos da Reforma protestante deve ocorrer sem conotações triunfalistas ou particularistas. Ela deve ocorrer em espírito ecumênico e na noção de que a Igreja da Reforma deve ser *sempre Igreja em Reforma (semper reformanda)*, afirma o moderador do CMI, Walter Altmann

POR MOISÉS SBARDELOTTO

**H**á quase 500 anos, católicos e luteranos passaram a percorrer caminhos quase paralelos, mas separados. Antes disso, há quase 1.000 anos, as cristandades oriental, ortodoxa e ocidental católica resolveram tomar estradas diferentes. Por isso, afirma Walter Altmann, pastor luterano e moderador do Conselho Mundial de Igrejas - CMI, a celebração da Reforma deve recordar o evento ocorrido 500 anos atrás, mas “seu olhar deve estar voltado à frente, detectando os desafios comuns que a cristandade como um todo tem diante de si e refletindo sobre a substância do testemunho evangélico diante deles”.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, o ex-presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB - explica que, inspirado na vocação para a unidade visível da cristandade, o movimento ecumênico deve tentar “transpor para a realidade o conhecimento de que a vontade de Deus é maior do que nossas estruturas e concepções teológicas construídas ao longo da história”. E lamenta: “Com relativa facilidade, caímos, então, na tentação de nos entrenchearmos em nossos muros confessionais estabelecidos. E isso é mais danoso para a integridade da mensagem cristã do que os antagonismos externos”.

Walter Altmann é pastor protestante luterano brasileiro, moderador do Conselho Mundial de Igrejas CMI e ex-presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. É doutor em teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha, com tese sobre o *Conceito de tradição em Karl Rahner*. Foi professor de Teologia Sistemática da Escola Superior de Teologia - EST, de São Leopoldo, da qual foi reitor de 1981 a 1987. De 1995 a 2001, exerceu o cargo de presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas - CLAI, com sede em Quito. De 2003 a 2007, foi membro do Conselho da Federação Luterana Mundial - FLM, com sede em Genebra, Suíça. Entre suas obras, destacamos *Lutero e libertação: Uma releitura de Lutero em perspectiva latino-americana* (Editora Sinodal, 1994). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O que significa ser ecumênico diante do atual contexto contemporâneo?**

**Walter Altmann** - Ser ecumênico significa construir pontes, pontes que conduzam a encontro e crescimento, a intercâmbio, compreensão mútua e cooperação. Trata-se de viver uma identidade cristã centrada na graça divina e na liberdade evangélica, contribuindo para superar tanto esquemas rígidos e intolerantes quanto posturas de liberalismo sem responsabilidades. Leva a sério e respeita convicções di-

vergentes, apresenta as convicções próprias com clareza sem pretender superioridade ou tentar imposições. Em suma, fomenta o encontro de pessoas livres e maduras, e assim se empenha pela unidade à qual Deus convoca a Igreja.

**IHU On-Line - Em sua opinião, em que pontos podem ser encontrados os grandes pilares teológicos do ecumenismo hoje? Por outro lado, que aspectos teológicos ainda obstaculizam a unidade?**

**Walter Altmann** - As ênfases que deram origem ao movimento ecumênico continuam perfeitamente válidas hoje em dia, ainda que sua compreensão e seus desdobramentos tenham sofrido adaptações e aprofundamentos: missão e evangelismo; diaconia e ação social; doutrina; educação cristã. Mais especificamente, o movimento ecumênico inspira-se na vocação para a unidade visível da cristandade, no testemunho profético da mensagem cristã, no empenho decidido por paz, justiça e cuidado para com a Criação.

Para tanto, recorre a suas fontes espirituais a partir da vocação em Cristo: fé, esperança e amor.

Além de obstáculos externos provenientes da fragmentação pós-moderna e de concepções militantemente anticristãs, há os obstáculos internos das dificuldades em transcendermos particularismos denominacionais, em aprofundarmos as implicações daquilo que fundamentalmente nos une. Em suma: resistimos a transpor para a realidade o conhecimento de que a vontade de Deus é maior do que nossas estruturas e concepções teológicas construídas ao longo da história. Com relativa facilidade, caímos, então, na tentação de nos entrencharmos em nossos muros confessionais estabelecidos. E isso é mais danoso para a integridade da mensagem cristã do que os antagonismos externos.

**IHU On-Line - Como moderador do Comitê Central do CMI, quais são as prioridades dessa comunidade de igrejas hoje?**

**Walter Altmann** - Além das prioridades históricas e fundamentais da busca da unidade visível, da missão, do testemunho profético e da ação social, há prioridades mais específicas, tais como: estudo mais aprofundado da natureza da Igreja; reflexão sobre um testemunhar ecumênico acerca da fé cristã, superando quaisquer posturas proselitistas, como abordar questões éticas candentes no âmbito da moral pessoal; espiritualidade; educação e formação ecumênicas; exame das consequências do cenário religioso cambiante na atualidade; igualdade entre mulheres e homens; espaço para os jovens e pessoas com deficiência; superação do racismo; questões indígenas; relações econômicas internacionais calcadas na justiça; defesa dos direitos humanos; compromisso com a paz, em particular buscando mediações e encontros em situações de conflito; cuidado para com a natureza, em especial preocupação com as mudanças climáticas; prevenção do HIV/Aids e cuidado para com pessoas por ele afetadas. Desdobrando em projetos específicos, haveria muito mais a acrescentar.

**IHU On-Line - Como o CMI está envolvido no diálogo inter-religioso?**

**Walter Altmann** - O diálogo e a cooperação inter-religiosa é uma das áreas programáticas do CMI. No dizer de Hans Küng<sup>1</sup>, “não pode haver paz entre as nações se não houver paz entre as religiões”. A “paz entre as religiões” também pode se converter em uma atitude propositiva comum, em defesa da ética nos afazeres políticos e nas relações internacionais; na rejeição decidida de qualquer tipo de espírito belicista, propiciando, ao invés, a construção de uma cultura de paz; no cuidado com a nossa casa comum, a saber, o planeta Terra. Particular atenção o CMI tem dado à situação no Oriente Médio, buscando espaços de encontro e canais de comunicação para o entendimento entre os povos. Aí, também em consideração à Terra Santa, por onde Jesus Cristo peregrinou, um destaque especial é dado à busca de vias de diálogo entre as religiões abraâmicas, a saber, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Há, nesse contexto, também uma preocupação com a crescente migração de pessoas cristãs do Oriente Médio para outros

<sup>1</sup> Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos - IHU desde 2008. Küng dedica-se atualmente ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva, e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o *Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial*, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFGO. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do *Projeto de ética mundial*. Confira no sítio do IHU, em <http://migre.me/R0s7>, a edição 240 da revista *IHU On-Line*, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. Visite, também, a página do Escritório da Fundação de Ética Mundial no Brasil, no sítio do IHU: <http://migre.me/R0sQ>. (Nota da IHU On-Line)

continentes, fazendo minguar a comunidade cristã naquela região, onde se encontram nossas origens históricas.

**IHU On-Line - No âmbito católico, a criação, por parte de Bento XVI, dos ordinariatos especiais para comunidades anglicanas que desejam se converter ao catolicismo gerou muita polêmica no âmbito ecumênico. Nos EUA, já há comunidades luteranas solicitando a mesma “acolhida”. Como o senhor avalia o diálogo luterano-católico ao longo do papado de Bento XVI?**

**Walter Altmann** - De um lado, deve haver a liberdade para “conversões” de uma confissão religiosa a outra conforme a livre consciência de cada qual. E cada confissão religiosa terá suas próprias modalidades de acolhida de quem deseje aderir a ela. Nesse sentido, a criação dos ordinariatos não deixa de ser uma modalidade de reconhecimento da proveniência verdadeiramente eclesial de quem nele seja acolhido. Por outro lado, o ecumenismo não incentiva medidas que possam ser consideradas proselitistas e venham a tensionar as relações entre as confissões religiosas, mas se empenha por processos de aproximação e encontro mútuos, que venham a explorar caminhos de unidade. Quanto ao diálogo católico-luterano, nos últimos anos ele tem prosseguido ininterruptamente como reflexo do compromisso de ambas as confissões, embora não se vislumbrem, no atual momento para o futuro próximo, novos passos significativos no processo de reconhecimento mútuo.

**IHU On-Line - Luteranos de todo o mundo estão em contagem regressiva para celebrar os 500 anos da Reforma Protestante, em 31 de outubro de 2017. Como esse acontecimento e a figura de Lutero nos inspiram a refletir sobre o ecumenismo hoje?**

**Walter Altmann** - A celebração dos 500 anos da Reforma Protestante<sup>2</sup> deve

<sup>2</sup> Reforma Protestante: movimento reformista cristão iniciado no início do século XVI por Martinho Lutero, quando através da publicação de suas 95 teses, em 31-10-1517 na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, protestou contra diversos pontos da doutrina da Igreja Católica, propondo uma reforma no catolicismo. Lutero foi apoiado por vários religiosos e

ocorrer sem conotações triunfalistas ou particularistas. Ela deve ocorrer em espírito ecumênico e na noção de que a Igreja da Reforma deve ser sempre *Igreja em Reforma* (*semper reformanda*). Por isso mesmo, ainda que a celebração *recorde* o evento ocorrido 500 anos atrás, seu *olhar* deve estar voltado à frente, detectando os desafios comuns que a cristandade como um todo tem diante de si e refletindo sobre a substância do testemunho evangélico diante deles. Lutero<sup>3</sup> jamais pretendeu fundar uma “nova” igreja, muito menos que um segmento da cristandade se designasse por seu nome, o que ele rechaçou com veemência, mas que, contudo, por contingência histórica, aconteceu. Assim, só será fiel ao espírito da Reforma aquela celebração que refletir a sério tanto as limitações da própria Reforma quanto a contribuição que ela pode proporcionar não a uma parte, mas ao conjunto da cristandade.

#### **IHU On-Line - Como o senhor avalia os frutos da Declaração Conjunta Sobre a Doutrina da Justificação<sup>4</sup>, assi-**

governantes europeus provocando uma revolução religiosa, iniciada na Alemanha, e estendendo-se pela Suíça, França, Países Baixos, Reino Unido, Escandinávia e algumas partes do Leste europeu, principalmente os Países Bálticos e a Hungria. A resposta da Igreja Católica Romana foi o movimento conhecido como Contra-Reforma ou Reforma Católica, iniciada no Concílio de Trento. O resultado da Reforma Protestante foi a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os reformados ou protestantes, originando o Protestantismo. (Nota da IHU On-Line)

3 **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da IHU On-Line, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em <http://bit.ly/duDz1j>. (Nota da IHU On-Line)

4 **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação da Federação Luterana Mundial e da Igreja Católica**: documento assinado em 31 de outubro de 1999, na cidade de Augsburg, estabelecendo que as confissões católica e luterana professam a mesma doutrina sobre a justificação pela fé, embora com diferentes desdobramentos. Assinaram o bispo luterano Christian Krause e pela Santa Sé o cardeal Edward I. Cassidy. Os membros da Federação Luterana Mundial, presidida pelo reverendo Ishmael Noko e do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, presidido pelo cardeal Walter Kasper festejaram a assi-

## “A diversidade religiosa reflete não apenas o desenvolvimento histórico de cada uma das confissões, mas também diferentes estratificações sociais em sua membresia”

**nada por luteranos e católicos? Depois de cinco séculos de separação, que outras “declarações conjuntas” luteranos e católicos poderiam fazer neste momento?**

**Walter Altmann** - Sem dúvida, a Declaração Conjunta é um marco histórico de extraordinária proporção não apenas nas relações católico-luteranas, mas também para o todo do diálogo ecumênico. Aliás, é significativo que também o metodismo mundial veio a oficialmente referendar essa declaração. Contudo, como em relação a todos os avanços desse tipo, seu alcance não pode consistir em ser celebrado, mas em tomá-lo a sério como impulso para novas possibilidades de entendimento e cooperação. A celebração só tem sentido quando acompanhada de compromisso para novos passos na caminhada ecumênica. Há entre o povo cristão um anseio muito grande, já bastante reprimido, de que o entendimento venha a avançar oficialmente nas áreas do reconhecimento mútuo dos ministérios e na celebração conjunta da Eucaristia, refletindo avanços do diálogo teológico nessas áreas.

Por exemplo, enquanto não se alcança a comunhão eucarística plena, poderia ser exercitada mais a chamada “hospitalidade eucarística”, em que uma confissão abre as portas de sua celebração eucarística para participação de membros de outra confissão. Realisticamente, porém, reconhecemos

natura do documento, pois era um passo para o ecumenismo entre as denominações cristãs. (Nota da IHU On-Line)

que não há à vista reconhecimentos oficiais nesses tópicos. Assim, sou de opinião que devemos encarar precisamente o próximo evento dos 500 anos da Reforma como ocasião para uma visão conjunta de nossa história e de nosso compromisso para com o futuro das relações entre a Igreja Católica e as igrejas da Reforma.

**IHU On-Line - A partir da tradição brasileira e latino-americana, como a teologia pode estimular a caminhada ecumênica, e em que a ação ecumênica pode desafiar os debates teológicos?**

**Walter Altmann** - No Brasil e na América Latina, provavelmente em boa medida como reflexo de um modo peculiar de ser em consonância com nossa realidade cultural, desenvolvemos uma peculiar sensibilidade para as situações concretas e uma capacidade de respondermos a elas pastoralmente e de maneira pró-ativa. cremos, inclusive, que esse modo de ser é não só compatível, como radicalmente apropriado, quando procuramos fazer jus ao desafio evangélico de sermos uma comunidade peregrina a serviço das pessoas mais necessitadas e mais vulneráveis. Não por acaso desenvolveram-se aqui a concepção teológica e a atitude prática de “opção preferencial pelos pobres”. Esse é também, precisamente, um terreno em que membros de diferentes confissões religiosas podem encontrar-se com grande “naturalidade” e, como decorrência, vivenciando o ser “um” na fé e na esperança. É absolutamente necessário, então, que o diálogo ecumênico reflita não apenas sobre as decorrências práticas de avanços no trato teórico de questões teológicas, como com igual intensidade sobre decorrências dos avanços pastorais e da ação profética das comunidades cristãs para o trato teórico dessas questões.

**IHU On-Line - Como as igrejas podem se comprometer de forma mais eficaz com os sujeitos contemporâneos mais vulneráveis no contexto brasileiro, como as mulheres, os negros, os índios e os homossexuais?**

**Walter Altmann** - Cada um dos grupos mencionados na pergunta tem as suas

especificidades e merece uma abordagem adequada a cada um deles, seja do ponto de vista sociológico ou do teológico. Devem ser considerados aspectos culturais e condicionamentos históricos, explorados os modernos conhecimentos científicos e observadas as dimensões pastorais. As respostas, portanto, sejam de concepção teórica quanto de abordagem prática, não serão simples, mas diversificadas, e é inevitável, inclusive, que venham acompanhadas de controvérsias, como a experiência tem demonstrado. Mas o que todos esses grupos têm em comum, ainda que em modalidades e intensidades diferentes, é a dolorosa experiência de opressão e discriminação. Todos eles seguem sofrendo odiosa violência. Portanto, o ponto de partida do posicionamento teórico e prático das igrejas, seguindo os preceitos do evangelho, é a sua aceitação incondicional como pessoas criadas à imagem de Deus. Ou seja, qualquer violência, injustiça ou exclusão deve ser entendida como cometida contra o próprio Deus. No posicionamento das igrejas, reflete-se, então, até que ponto elas levam realmente a sério a concepção teológica de que a justificação das pessoas se dá por graça e fé.

**IHU On-Line - Em âmbito brasileiro, que aspectos teológicos, sociais ou culturais, segundo o senhor, são os maiores impedimentos à unidade cristã? É possível superá-los?**

**Walter Altmann** - Em parte, a diversidade religiosa reflete não apenas o desenvolvimento histórico de cada uma das confissões, mas também diferentes estratificações sociais em sua membresia. Sem entrar em detalhes dessa ordem, mas adotando uma visão “panorâmica”, podemos registrar na realidade brasileira, de um lado, uma postura “sincrética” que contém uma boa dose de tolerância e aceitação do

**“Enquanto não se alcança a comunhão eucarística plena, poderia ser exercitada mais a chamada ‘hospitalidade eucarística’, em que uma confissão abre as portas de sua celebração eucarística para participação de membros de outra confissão”**

diferente, inclusive com mecanismos de assimilação para dentro de novas concepções e práticas, mas que, também pode implicar em indiferença e relativização de convicções e crenças. De outro lado, vemos igualmente exacerbação de convicções próprias levando à competição desenfreada entre confissões religiosas, até o ponto de levar à exclusão e à condenação de quem é diferente. Nesse cenário, não há outro caminho do que o empenho perseverante na caminhada ecumênica. É possível? Quem é cristão crê que “em Deus, tudo é possível”. Portanto, não temos razão para esmorecer.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Walter Altmann** - O ecumenismo é um projeto apaixonante. Séculos de divisão (se pensamos na Reforma na cristandade ocidental) ou, mesmo, um

milênio de divisão (se pensarmos na divisão entre cristandade oriental, ortodoxa, e ocidental católica), com todas as estruturas e tradições humanas arraigadas, convicções doutrinárias e morais estabelecidas e muitas vezes divergentes, uma história acompanhada de conflitos profundos, até mesmo guerras entre confissões (ainda que sempre tenha havido um pano de fundo político e econômico nos conflitos) - buscar a superação de tudo isso em nome de uma vocação divina comum, um empenho conjunto no anúncio do amor divino e em prol da paz, da justiça e de respeito pleno à criação de Deus, não haveria de ser um empreendimento simples, mas é tanto mais fascinante. E, assim como responde a uma vocação de Deus, encontra-se também sob a sua misericordiosa promessa. É belo ser ecumênico.

#### BAÚ DA IHU ON-LINE

A IHU On-Line já dedicou outras edições a temas que se relacionam com esta publicação. O material está disponível na página eletrônica do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

- Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência. Edição 224, de 20-06-2007, disponível em <http://bit.ly/qvgGCA>
- Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II. Edição 297, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/o2e8cX>
- Para onde vai a Igreja, hoje. Edição 320, de 21-12-2009, disponível em <http://bit.ly/ehaGmn>
- Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Edição 157, de 26-09-2005, disponível em <http://bit.ly/mT6cyj>
- A Igreja. 40 anos de Lumen Gentium, de 22-11-2004. Edição 124 disponível em <http://bit.ly/9FZTK>
- Para onde vai a Igreja, hoje? Edição 320, publicada em 21-12-2009, disponível em <http://bit.ly/ehaGmn>
- Por que ainda ser cristão? Edição 209, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/pNijmt>
- Mater et Magistra, 50 anos: Os desafios do Ensino Social da Igreja hoje, Edição 360, de 09-05-2011, disponível em <http://bit.ly/pwq2Hn>

**www.ihu.unisinos.br**

## Tolerância e alteridade: princípios para confiar no outro, reconhecendo as diferenças

As igrejas cristãs se encontram em meio a uma sociedade plural na qual têm que conviver com outras religiões e outras convicções, afirma D. Manoel João Francisco, bispo da Diocese de Chapecó e presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC

POR MOISÉS SBARDELOTTO

**E**m suas origens, o cristianismo já viveu em um mundo extraordinariamente plural em termos de crenças e culturas. “Hoje, estamos em situação semelhante a dos primeiros cristãos. As igrejas cristãs, especialmente o catolicismo e o protestantismo histórico, se encontram em meio a uma sociedade plural na qual têm que conviver com outras religiões e outras convicções”, defende D. Manoel João Francisco, bispo da Diocese de Chapecó, Santa Catarina.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, D. Manoel afirma que “ser ecumênico na sociedade em que vivemos significa enraizar-se em Cristo e, a partir dele, firmar nossa identidade sob a luz dos princípios da tolerância e da alteridade”. O primeiro princípio é a “capacidade de confiar no outro, permitindo que se expresse do jeito que é e da forma que lhe aprouver”. Já a alteridade é reconhecer “que o outro é diferente de mim e esta diferença nos distingue, mas não nos afasta”. Por isso, defende, “é preciso construir uma identidade relacional, onde o eu seja constitutivo do tu e vice versa”.

D. Manoel João Francisco é bispo da Diocese de Chapecó, em Santa Catarina, e presidente do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC, eleito para o período 2011-2015. Formou-se pela Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná e é mestre e doutor em Teologia Dogmática com especialização em Sacramentos pelo Pontifício Ateneu Santo Anselmo, de Roma. Foi professor de Teologia no Instituto Teológico de Santa Catarina - Itesc, de 1978 até 1998. Foi coordenador do Centro Ecumênico de Estudos em Florianópolis, presidente (um período) e vice-presidente (dois períodos) da Associação dos Liturgistas do Brasil - Asli e membro da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em uma sociedade como a atual, marcada paradoxalmente por sincretismos e fundamentalismos de todos os tipos, o que significa ser ecumênico?**

**Dom Manoel João Francisco** - Antes de tudo, é preciso dizer que, lá no seu início, o cristianismo já viveu em um mundo extraordinariamente plural no que diz respeito às crenças e às culturas. Em sua pregação no areópago, o apóstolo Paulo faz referência à diversidade religiosa dos gregos que tinham inclusive um altar dedicado ao deus desconhecido (At 17,23). Depois, o cristianismo tornou-se religião oficial. Enquanto aliado do poder passou a ser intolerante com as outras religiões.

Hoje, *mutatis mutandis*, estamos em situação semelhante a dos primeiros cristãos. As igrejas cristãs, especialmente o catolicismo e o protestantismo histórico, se encontram em meio a uma sociedade plural na qual têm que conviver com outras religiões e outras convicções.

Lá nos primórdios, os cristãos não tiveram medo de marcar sua identidade, contrapondo-se ao que consideravam errado e falso, sem, no entanto, deixar de acolher e incorporar em sua doutrina e em sua moral o que viam de bom nas crenças e cultura pagãs. Santo Agostinho, por exemplo, ensinava que, assim como o povo judeu, ao sair da escravidão se apropriou dos

objetos de ouro e prata dos egípcios. Da mesma forma os cristãos não só não deveriam temer e evitar as verdades da filosofia pagã, mas até mesmo reivindicá-las como suas.

Ser ecumênico na sociedade em que vivemos significa enraizar-se em Cristo e, a partir dele, firmar nossa identidade sob a luz dos princípios da tolerância e da alteridade. O princípio da tolerância é a capacidade de confiar no outro, permitindo que se expresse do jeito que é e da forma que lhe aprouver. A tolerância é um reflexo do amor ao próximo, renuncia a impor as próprias verdades e respeita a compreensão de verdade do outro. Essa atitude permite romper o círculo vicioso do preconceito

e os particularismos de toda espécie, inclusive o religioso. A tolerância, sem nos deixar cair na ingenuidade, nos leva a crer que o mal não tem a última palavra e que a eficácia do amor é lenta, mas eficaz.

O princípio da alteridade, como lembra o episcopado brasileiro, “é o reconhecimento de que o outro é diferente de mim e esta diferença nos distingue, mas não nos afasta. As diferenças nos atraem e complementam, convidando ao respeito mútuo, ao encontro, ao diálogo, à partilha, ao intercâmbio de vida e à solidariedade” (CNBB, Doc. 94, n. 8). O princípio da alteridade supõe a capacidade de apreciar a diferença como fonte de enriquecimento, de crescimento no processo de busca da verdade.

Nesse sentido, a exemplo dos primeiros cristãos, é preciso marcar nossa identidade sim, mas, sem exigir que nossa verdade e nossos valores sejam os únicos e exclusivos. Ser ecumênico nos dias de hoje significa, portanto, não ter medo de acolher o outro, até mesmo em sua intolerância. Ser como Abraão, que abandonou a segurança de sua cultura para ir em busca de uma terra estrangeira. Sem dúvida, tudo isto é graça que deve ser buscada na oração à luz da Palavra de Deus.

**IHU On-Line - Em sua opinião quais são os grandes pilares teológicos do ecumenismo hoje?**

**Dom Manoel João Francisco** - Por “pilares teológicos do ecumenismo” vamos entender aqui aqueles consensos que estão sendo construídos pelo diálogo entre as igrejas. A construção encontra-se em diferentes estágios para os diferentes pilares: para alguns deles ainda se está buscando o chão firme; outros estão construídos em parte; e talvez possamos verificar que algum pilar já está em condições de sustentar o edifício da unidade eclesial, como é o sacramento do Batismo. Como esses pilares já têm uma parte construída, sustentam a continuidade da busca da unidade dos cristãos; mas como estão ainda em construção, eles aparecem também como tarefas e desafios ao diálogo.

Não existe plena comunhão na interpretação do *kerigma* cristão e dos

## “As igrejas cristãs se encontram em meio a uma sociedade plural, na qual têm que conviver com outras religiões e outras convicções”

elementos que constituem a natureza e o conteúdo da fé, como a doutrina da graça, os sacramentos, a natureza da Igreja, os ministérios, entre outros. Compreensões divergentes da fé cristã sustentam as diferentes tradições eclesiais. Constata-se um consenso fundamental nos artigos primários da fé cristã, relativos ao Deus Uno e Trino, à pessoa de Jesus Cristo, à ação do Espírito Santo que a todos dispensa a graça salvífica. Esse pilar fundamental sustenta a busca do entendimento comum acerca das mediações da ação do Deus Uno e Trino e da manifestação da sua graça na história, ampliando o diálogo para a questão da eclesiologia, da missiologia e dos sacramentos.

No campo da eclesiologia, há um consenso substancial na compreensão da igreja como “Povo de Deus”, sustentada no sacerdócio comum dos fiéis através do sacramento do Batismo. Há também uma compreensão comum de Igreja enquanto “Corpo místico de Cristo”, e “Templo do Espírito Santo”, conforme as Escrituras. A Igreja é chamada a ser a comunhão de todos os que, pelo sacramento do Batismo, integram-se na comunidade dos que professam a fé em Cristo. Dessa forma, todos os batizados possuem o sacerdócio comum dos fiéis, que os torna iguais em dignidade cristã, na recepção da graça salvífica e no compromisso de testemunhar o evangelho no mundo, promovendo o Reino de “vida em abundância” para todos. (Cf. Jo 10,10.)

### Coerência no ensinamento de Jesus

A partir dessa base comum na compreensão da Igreja, podemos avançar em outros elementos que aparecem no

momento como questões nodais para o diálogo. Como deve ser a manifestação histórica da Igreja para que ela seja coerente com o ensinamento de Jesus Cristo? O dissenso manifesta-se tanto sobre quais são os elementos estruturais da Igreja, quanto sobre a compreensão teológica que se tem deles. Não é fácil um acordo sobre quais estruturas eclesiais nascem de circunstâncias históricas das comunidades e são apenas funcionais, de modo que a igreja seja *semper reformanda* conforme as necessidades do tempo; e quais poderiam ter origem nos elementos escriturísticos que melhor expressam a própria vontade de Cristo - elementos permanentes porque de *iure divino*.

Dentre esses elementos, destacam-se o ministério ordenado e a hierarquia na Igreja, sobretudo, o ministério petrino. Temas difíceis, mas que as comissões de diálogo bilateral e multilateral têm enfrentado. Em todas as igrejas, verifica-se a existência de pessoas instituídas para o exercício de funções que em sua finalidade coincidem: a pregação da Palavra e a celebração dos sacramentos. A questão é a compreensão teológica que se tem dessa instituição. Nisso as igrejas diferem sobretudo em relação à natureza sacramental dessa instituição/ordenação, a estrutura e o sujeito do ministério ordenado, a sucessão apostólica. O caminho do consenso leva a compreender que o ministério ordenado encontra sua razão a partir da missão de todo o povo de Deus. Deve-se entender a relação entre a liberdade do carisma e a institucionalização do ministério, chegando ao consenso de que há liberdade para as tradições eclesiais viverem sua ministerialidade, desde que explicitem as funções próprias do ministério que Jesus Cristo quer para sua Igreja. Afinal, o ministério é serviço, e todas as funções na Igreja devem ser expressões de serviço para a realização do projeto de Deus na história da humanidade.

Quanto ao ministério petrino, o que está em questão não é tanto o seu valor na Igreja, quanto o modo e o sujeito desse ministério. Não há consenso no modo primacial apresentado pela tradição católica, com todas as suas propriedades doutrinárias e jurídicas.

cas; mas também o modo conciliar/sinodal apresentado por outras igrejas não obtém consenso. Para avançar na unidade cristã, o primado deve abrir-se a novas possibilidades mediante uma reinterpretação teológica e uma reestruturação em nível prático que melhor possibilite a realização do seu serviço ao Evangelho e à unidade da Igreja.

Também a questão dos sacramentos é um pilar para o ecumenismo. Por eles, celebramos a fé da Igreja. A questão acerca do número dos sacramentos, sua instituição, fundamentação doutrinal e formas litúrgicas estão no centro da discussão ecumênica. Essa discussão nos leva ao abandono do entendimento individualista, mágico e descomprometido da eficácia sacramental. Eles não são túmulos, mas berços da comunidade cristã. Assim entendemos, por exemplo, a Eucaristia. As controvérsias sobre a presença real de Cristo nas espécies consagradas, a noção de sacrifício, o ministro, serão superadas na medida em que explicitarmos as convergências já existentes: ela é um memorial da paixão, morte e ressurreição de Cristo pela humanidade, o mistério central da Igreja, do qual esperamos um dia comungar plenamente.

Há, ainda, consensos relativos à espiritualidade, à pastoral e à ética, que também são pilares a serem construídos para se alcançar a unidade cristã.

**IHU On-Line - Em nível mundial, o Vaticano promoveu ações que geraram polêmica no âmbito ecumênico: de um lado, a retomada dos encontros de Assis, cuja nova edição irá ocorrer em outubro deste ano; de outro lado, a revogação da excomunhão aos lefebvrianos e a criação dos ordinariatos para o ingresso de comunidades anglicanas ao catolicismo. Como o senhor analisa a ação e o serviço ecumênico no papado de Bento XVI?**

**Dom Manoel João Francisco** - A questão ecumênica não é tranquila em nenhuma igreja. Existem afirmações e ações que expressam a convicção do compromisso ecumênico, mas existem também dificuldades internas que, por

## “Ser ecumênico na sociedade em que vivemos significa enraizar-se em Cristo e, a partir dele, firmar nossa identidade sob a luz dos princípios da tolerância e da alteridade”

vezes, fragilizam essas convicções. Trata-se das limitações e ambiguidades de toda instituição, e essa é uma realidade também na Igreja Católica.

Não há como negar que a Igreja Católica se integrou de modo decisivo na caminhada ecumênica a partir do Concílio Vaticano II, como bem mostram não apenas os decretos conciliares que explicitam uma relação identitária entre Igreja e ecumenismo, mas também as consequências do seu ensinamento. A Igreja Católica, hoje, participa de mais ou menos 70 conselhos de igrejas em todo o mundo; compõe 16 comissões de diálogo bilateral e tem tomado iniciativas que, de fato, fortalecem tanto o ecumenismo quanto o diálogo inter-religioso. Uma consequência disso é a nova postura da Igreja Católica no contexto do pluralismo eclesial e religioso, uma postura de acolhida das diferenças e do reconhecimento dos seus valores e de sua legitimidade; outro resultado positivo são os acordos doutrinários, como o da doutrina da justificação com os luteranos e os metodistas.

Mas, infelizmente nem sempre os resultados positivos obtidos pelo diálogo ecumênico e inter-religioso incidem no cotidiano da Igreja. Manifestam-se também sinais de recuo. Esse comportamento pode colocar dúvidas sobre o real compromisso ecumênico da Igreja Católica. São expressão disso alguns documentos emanados pela cúria romana cujos conteúdos e estilo fizeram ressurgir o espírito da polêmica e animosidades entre as igrejas, com sérias conse-

quências para as relações ecumênicas. Claro que houve dissenso acerca desses documentos no interior da própria Igreja Católica, por se entender que causam perplexidades. O fato é que tais documentos apresentam a doutrina católica sem considerar os progressos realizados pelo diálogo que ela mesma tem realizado até agora, principalmente a partir do Concílio Vaticano II. Evidentemente, não pode ser assim. Entre o tempo do Concílio e o tempo atual não há espaço vazio; ele foi preenchido por positivas relações, sintonias, convergências e consensos ecumênicos.

### Ritmo pós-conciliar

Neste contexto de dificuldades para manter o ritmo do pós-concílio é que se pode ler o atual momento ecumênico da Igreja Católica, bem como algumas decisões tomadas pelo Papa Bento XVI. Não se pode negar que Bento XVI dá continuidade tanto à orientação ecumênica do Concílio Vaticano II quanto ao posicionamento ecumênico de seus antecessores, sobretudo João Paulo II. O encontro de líderes religiosos em Assis, em outubro deste ano, é um sinal disso. Mas o é também o seu primeiro discurso, ainda na capela sistina pela ocasião da sua eleição, quando já tratou do ecumenismo.

A revogação da excomunhão aos lefebvrianos e a criação dos ordinariatos para o ingresso de comunidades anglicanas no catolicismo por si mesmas não significam abandono ou retrocesso no ecumenismo. Trata-se de uma oferta que o papa faz para quem quer viver na comunhão católica. E isso está contemplado no horizonte de liberdade de todas as Igrejas. O que pode dificultar o ecumenismo é outra coisa: os que entram na comunhão católica o fazem por convicção de que a tradição católica é, para eles, a melhor expressão da fé cristã, ou o fazem apenas para fugirem de conflitos com a tradição eclesial à qual pertencem. Se o fizerem por essa segunda opção, então claro que causarão obstáculos para a continuidade das relações ecumênicas da Igreja Católica com as demais igrejas.

**IHU On-Line - Qual a sua avaliação da caminhada ecumênica no Brasil? Que avanços ocorreram nos últimos anos? Por outro lado, em que pontos ainda é necessário um maior comprometimento por parte das igrejas?**

**Dom Manoel João Francisco** - Infelizmente é pouco conhecida a história do ecumenismo no Brasil. Mas já temos uma rica experiência que merece atenção, estudo, divulgação. Precisamos avaliar a caminhada ecumênica em nosso país em três principais horizontes: histórico, teológico e pastoral.

No horizonte histórico, contamos desde os primeiros passos com a Aliança Evangélica Brasileira (1903), a Comissão Brasileira de Cooperação (1920), a Confederação Evangélica Brasileira (1934). Claro, tratava-se de um diálogo e cooperação ecumênica apenas interprotestante, sobretudo de origem norte-americana, mas eram relações ecumênicas que vinham se desenvolvendo. O diálogo ganha força a partir dos anos 1950 e 1960, com a presença dos luteranos, anglicanos e católicos no movimento ecumênico. No campo teológico, o Brasil ainda não desenvolveu uma reflexão consistente. Mas destacam-se os seminários do Conic, que buscam sintonias e convergências sobre vários temas, como a hospitalidade eucarística, matrimônios mistos e o sacramento do Batismo - sobre o qual se obteve mútuo reconhecimento. No campo pastoral, cresce em alguns ambientes a sensibilidade para a relação entre missão e ecumenismo, e surgem positivas iniciativas de cooperação ecumênica entre as igrejas.

Como frutos do diálogo, podemos afirmar com o Papa João Paulo II, na carta encíclica *Ut Unum Sint*<sup>1</sup>: a fraternidade reencontrada pelo reconhecimento do único Batismo e pela exigência que Deus seja glorificado na sua obra; a solidariedade no serviço à humanidade; convergências na palavra de Deus e no culto divino; a construção em conjunto ou o empréstimo de edifícios para o culto; o apreço mútuo dos bens nas diferentes tradições eclesiais; o reconhecimento de que “é muito mais

<sup>1</sup> *Ut Unum Sint* (“que todos sejam um”): encíclica publicada pelo Papa João Paulo II em 25 de maio de 1995 sobre o empenho ecumênico. Disponível em <http://migre.me/5vjLd>. (Nota da IHU On-Line)

## “O dissenso manifesta-se tanto sobre quais são os elementos estruturais da igreja, quanto sobre a compreensão teológica que se tem deles”

forte aquilo que nos une do que quanto nos divide” (UUS 20.41-49).

Esses frutos permitem apontar cinco aspectos de crescimento nas relações ecumênicas: a) nas relações dos dirigentes das igrejas, existe a localização de pontos de encontro e mútua procura de avizinhamo e diálogo; b) no nível teológico-doutrinal, chegou-se a importantes convergências e consensos sobre vários elementos da fé cristã e eclesial; c) nas comunidades dos fiéis, cresce o convívio entre cristãos de diferentes confissões, vencendo-se preconceitos e hostilidades; d) no campo pastoral, a cooperação ecumênica é realidade em muitos ambientes; e) cresce a sensibilidade ecumênica na espiritualidade. Enfim, em muitos espaços a caminhada ecumênica desenvolve uma nova eclesiologia, relacional, dialógica, que superam tendências ao dogmatismo fixista e antidialógico.

**IHU On-Line - Em 2012, o Conic completará 30 anos. Como o Conic se cruza com a história do ecumenismo no Brasil? Que inspirações o fizeram nascer?**

**Dom Manoel João Francisco** - A história do ecumenismo no Brasil é anterior ao CONIC. Mas o Conic é certamente uma das principais expressões do movimento ecumênico no Brasil nos dias de hoje. Ele nasceu nos anos 1970 com a iniciativa de diálogo entre católicos, luteranos, anglicanos e metodistas na região da grande Porto Alegre-RS. Depois foi ampliado, contando com a participação de cristãos reformados e ortodoxos.

Na época do seu nascimento, o

ecumenismo vivia uma fase mais animadora do que a atual: o movimento ecumênico crescia em todo o mundo e os católicos eram orientados pelo Concílio Vaticano II a participarem das iniciativas ecumênicas. No Brasil, vivia-se sob a ditadura militar, havia - como em nossos dias - muita injustiça social, o que levou as igrejas a juntarem suas vozes para denunciarem as injustiças existentes. Em muitas igrejas desenvolvia-se a teologia da libertação. Nesse contexto, havia um clima muito propício para o ecumenismo, ajudando as igrejas no Brasil a se abrirem para o diálogo e a cooperação ecumênica.

Nesse sentido, pode-se dizer que o Conic foi, e continua sendo, um importante instrumento para que as igrejas pudessem unir suas vozes para pronunciamentos comuns frente às questões sociais e para dialogarem sobre os elementos teológico-pastorais que as dividem. A partir da década de 1970, grande parte da história do movimento ecumênico no Brasil passa pelo Conic e é por ele construída. Após 30 anos de existência, pode-se afirmar que o Conic tem cumprido sua função e certamente muito fará ainda para a promoção do movimento ecumênico no Brasil.

**IHU On-Line - Até que ponto o Conic reflete as experiências de suas igrejas-membro?**

**Dom Manoel João Francisco** - O Conic é um organismo ecumênico eclesiástico, atualmente composto por cinco igrejas. Cada uma delas tem a sua compreensão da fé cristã, da igreja, da missão, do mundo e dos elementos constitutivos da unidade cristã. Como organismo eclesiástico, o Conic está a serviço das igrejas, de modo que a sua função é possibilitar o encontro e o diálogo entre as igrejas-membro. Ele reflete as experiências das igrejas-membro no sentido que a agenda do Conic é expressão da consciência e convicção ecumênica das igrejas que o constituem. Quando essa agenda é enriquecida por eventos que fortalecem a caminhada ecumênica, ele naturalmente possibilita e expressa a aspiração da relação, da acolhida mútua e do compromisso comum entre as igrejas. Mas há um outro lado da moeda.

As limitações e fragilidades do Conic expressam também as limitações e fragilidades das igrejas-membro. As sérias dificuldades pelas quais o Conic tem passado nos últimos anos não se devem apenas à constatação de uma certa crise no movimento ecumênico em geral ou nos problemas financeiros. Elas se explicam também pelos limites no empenho ecumênico das igrejas. Aqui há um desafio sério para o Conic: ele não tem autoridade para propor às igrejas mudanças internas doutrinárias ou estruturais. Mas é sua função fazer uma provocação positiva às igrejas para que se encontrem a fim de dialogarem. E nessa provocação, cabe ao Conic constatar as dificuldades de suas igrejas e ampliar o horizonte da busca da superação dessas dificuldades. Esta é a sua função: possibilitar o encontro e o diálogo.

**IHU On-Line - Um dos pontos da missão do Conic é servir as igrejas do Brasil na “defesa da integridade da Criação”. O Mutirão Ecumênico deste ano também tem como tema “Unidos em Cristo na defesa da Criação”. Como isso desafia as igrejas cristãs especialmente no contexto brasileiro?**

**Dom Manoel João Francisco** - A relação entre ecumenismo e as lutas pela defesa da Criação estão no centro das aspirações ecumênicas. A proposta vem do Conselho Mundial de Igrejas. No Brasil, uma proposta ecumênica desse tema está na “Carta de Belém”, Conclusões da Consulta Ecumênica Internacional Criação e Libertação - O Desafio da Amazônia, realizada em Belém, estado do Pará, de 8 a 11 de setembro de 1991. Aqui se manifesta a necessidade de ampliar a pauta do diálogo ecumênico, na qual ganham sempre mais espaço as questões ecológicas.

Para as igrejas do Conic, a preocupação com as questões ecológicas significa coerência com a Fé no Deus Criador. Cuidar da Criação é cuidar para que o projeto de Deus se realize neste mundo. O Mutirão Ecumênico (também chamado Sulão de Ecumenismo VI) vem fortalecer as igrejas nesse compromisso ecumênico.

**IHU On-Line - Em âmbito brasilei-**

## “Não é fácil um acordo sobre quais estruturas eclesiais nascem de circunstâncias históricas das comunidades e são apenas funcionais, e quais poderiam ter origem nos elementos escriturísticos”

**ro, que aspectos teológicos, sociais e culturais, segundo o senhor, são os maiores impedimentos à unidade cristã? É possível superá-los?**

**Dom Manoel João Francisco** - Vamos contemplar alguns aspectos. Primeiro, no aspecto cultural, vivemos uma fragilização das relações entre pessoas e grupos que afetam também as instituições. Impera o individualismo, o subjetivismo, o império do eu versus o tu. Isso tem sérias implicações para as tradições religiosas e eclesiais, tornando difícil a proposta ecumênica do encontro, do diálogo, da comunhão. A grande dificuldade aqui é o equilíbrio da relação entre identidade e alteridade. Pessoas e instituições têm sua própria identidade, suas convicções. Isso é legítimo. Mas não se pode fazer da afirmação da própria identidade uma rejeição do outro. É preciso construir uma identidade relacional, onde o eu seja constitutivo do tu e vice-versa. Sem isso não há encontro de complementaridade entre as diferenças, não há acolhida que possibilite o mútuo enriquecimento. O desafio aqui é a capacidade de as igrejas se desinstalarem de seus espaços sociais, doutrinários e institucionais já estabelecidos, superando o fixismo de posições que não permitem relações de partilha.

Segundo, no aspecto social, as igrejas possuem diferentes compreensões da sociedade e não há consenso sobre o modo de situar-se nos conflitos que

nela ocorrem. Mas é preciso fazer o exercício de entender a história em suas dimensões política e econômica como o lugar onde estão e atuam. Ali é que devem discernir os sinais do Reino. As vicissitudes das pessoas no campo econômico, da saúde, do emprego, entre outros, as agruras da existência, são interpelações para as igrejas e o ecumenismo. A constatação da injustiça social alarmante em nosso país exige das igrejas uma compreensão comum dessa realidade para que possam assumir posicionamentos também comuns frente a ela. Estar situado no cotidiano da vida social é condição para que o ecumenismo seja uma proposta convincente para os nossos dias.

Em terceiro lugar, é preciso uma compreensão profunda do pluralismo religioso brasileiro. A configuração desse pluralismo é complexa, constituída, de um lado, pelo cristianismo com suas diferentes expressões - as denominações consideradas “históricas” e o pentecostalismo - e, de outro lado, pelo pluralismo religioso formado pelo cristianismo e por expressões de fé muito antigas, como as religiões primitivas dos povos indígenas e africanos, o judaísmo, o islamismo, o budismo e outras e por movimentos religiosos modernos, como o espiritismo, a nova era e outras de matriz oriental. Nesse cenário manifestam-se posições de fundamentalismo e intolerância religiosa, preconceitos e exclusões mútuas. Poucos são os espaços para um diálogo sereno e maduro que possibilite a convivência e cooperação entre as tradições eclesiais e religiosas. Entender o ecumenismo nesse contexto é um enorme desafio, na identificação dos parceiros, do conteúdo e do método do diálogo. Finalmente, isso implica na reflexão e prática teológico-pastoral. A contextualização sociocultural é o chão para o redimensionamento do pensamento teológico e da ação evangelizadora das igrejas. Há que se construir um eclesiologia com base no princípio da encarnação; uma espiritualidade socialmente ativa; os sacramentos como sinais proféticos do Reino. Possibilitando esses consensos, o

ecumenismo no Brasil contribui para a integração social, em todas as suas dimensões.

IHU On-Line - Uma das principais ações sociais dos bispos católicos do Brasil são as Campanhas da Fraternidade, das quais três edições foram ecumênicas (2000, 2005 e 2010). O que significa este compromisso conjunto e que frutos gerou?

Dom Manoel João Francisco - Antes de tudo, é bom esclarecer que as Campanhas da Fraternidade têm sido ecumênicas e não sobre ecumenismo. Embora o Conic tenha, desde a sua fundação, sonhado com uma Campanha da Fraternidade Ecumênica, a primeira aconteceu por iniciativa da CNBB. Na Assembleia Geral em abril de 1996 foi feita a proposta. O Conic, por sua vez, também em sua Assembleia Geral em novembro de 1996, aceitou. Com essa iniciativa, a CNBB quis oferecer “um testemunho e um sinal das muitas coisas novas que, no Jubileu do Ano 2000 e no 3º milênio, os discípulos e discípulas de Cristo poderiam oferecer ao mundo dividido e competitivo” (texto base n. 6).

Não é possível mensurar quantitativamente os frutos destas Campanhas da Fraternidade Ecumênicas. Mas, com certeza, um dos mais significativos frutos foi a divulgação do Conic com seus objetivos e atividades nos mais distantes lugares do país. Possibilitou também o conagraçamento de diferentes igrejas num trabalho concreto de âmbito nacional. Mas o principal fruto destas campanhas tem sido o Fundo Ecumênico de Solidariedade constituído pela coleta realizada no Domingo de Ramos. Através desse Fundo, as igrejas atendem às solicitações de ajuda financeira e incentivam os grupos e organizações comprometidas com projetos relacionados aos temas propostos. Em 2010, por exemplo, o Fundo apoiou 229 projetos sociais que, certamente, contribuíram e estão contribuindo na consolidação de um mundo de paz e sem exclusão, na preservação de nosso planeta terra e na mudança de uma economia de exploração e acumulação para uma economia de solidariedade e cooperação.

## Ecumenismo e macroecumenismo: unidade interior na diversidade de caminhos

Ecumênico significa ser universal, no sentido de assumir o fato de pertencermos ao cosmos como membros da comunidade da vida. É verdadeiramente ecumênico quem é aberto a tudo o que é humano, afirma o monge beneditino Marcelo Barros

POR MOISÉS SBARDELLOTTO

Se identidade pessoal ou grupal não se dá por contraposição e, sim, pela “capacidade de sermos nós mesmos/as na relação e no permanente aprendizado com os outros com os quais convivemos e interagimos”, no campo das culturas e das religiões também é assim. Essa é a opinião do monge beneditino Marcelo Barros, nesta entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Segundo Barros, “viver a ecumenicidade é ter um espírito universal”. Por isso que “a identidade cristã não se afirma pelo fato de ser oposta ou excluir outra religião e sim por viver o caminho do Cristo na comunhão com outras tradições e expressões de fé”, explica.

Para o monge, se uma igreja se fecha em si mesma e se centra em seu próprio mundo cultural, impede qualquer avanço ecumênico. “Quando os líderes eclesiásticos se refugiam em um saudosismo pessimista e fortalecem um clericalismo autoritário e centralizador, isso impede uma autêntica renovação espiritual, assim como o diálogo e a unidade com outras igrejas”, diz.

Isso também acontece no âmbito ecológico. “No contato com outras religiões e diante dos desafios da atualidade, a teologia e a mística cristãs têm aprendido a integrar mais profundamente Criação e história da salvação”. E essa retomada da dimensão ecológica da fé e da espiritualidade em nível ecumênico não poderá ser feita de forma isolada. “É preciso colocar-se juntas como igrejas e em diálogo com as tradições espirituais que vivem a espiritualidade ecológica há mais tempo (tradições indígenas e negras, por exemplo)”, afirma.

Marcelo Barros, monge beneditino, é biblista, membro da Comissão Latino-americana da Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo - ASETT e assessor nacional das comunidades eclesiais de base e de movimentos populares como o MST. Tem 40 livros publicados no Brasil e outros em outros países como Itália, Espanha e Bélgica. O seu livro mais recente é *Para onde vai Nuestra América: Espiritualidade socialista para o século XXI* (São Paulo: Ed. Nhanduti, 2011). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em uma sociedade marcada por sincretismos e fundamentalismos de todos os tipos, o que significa ser ecumênico?**

**Marcelo Barros** - Ecumênico significa ser universal, no sentido de assumir o fato de pertencermos ao cosmos como membros da comunidade da vida. É verdadeiramente ecumênico quem é aberto a tudo o que é humano. De fato, em 1910, o atual movimento ecumênico começou em Estocolmo, como caminho da unidade entre igrejas cristãs. No entanto, pouco a pouco, grupos e movimentos ecumênicos perceberam que viver a ecumenicidade é ter um espírito universal. Ora, isso só pode ser vivido a partir da inserção em sua própria realidade cultural, o que significa assumir o sincretismo não como mistura ou confusão de crenças, mas como síntese interior. Raimon Panikkar<sup>1</sup> chamava isso de “diálogo intrarreligioso”, um diálogo dentro de si mesmo que cria uma unidade interior na diversidade de caminhos.

**IHU On-Line - Como equilibrar “identidade” com “unidade”?**

**Marcelo Barros** - Na sociedade atual, quase ninguém se restringe a uma só atividade ou pertença. Eu sou monge beneditino e, ao mesmo tempo, assessor de movimentos populares, o que, em si, nada teria a ver com minha vocação de monge. Posso ainda me inserir em um partido político. Sou ao mesmo tempo amante do cinema e posso me ligar a um grupo de escritores. Atualmente, cada vez mais, as pessoas pertencem a várias instâncias ou diversas instituições.

No campo das culturas e religiões, também há muita relação e intercâmbios. Também no plano religioso, a pessoa pode viver uma identidade clara (por exemplo, ser cristã), mas, ao mesmo tempo, a partir de elementos culturais vindos da cultura negra, indígena ou mesmo espírita. Às vezes, as pessoas ou grupos sequer têm consciência disso. Por

1 Raimon Panikkar (1918-2010): padre e teólogo espanhol. Durante a sua carreira acadêmica teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Foi membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris) e presidente do Centro de Estudos Interculturais da Catalunha, Vivarium. (Nota da IHU On-Line)

**“Ecumênico significa ser universal, no sentido de assumir o fato de pertencermos ao cosmos como membros da comunidade da vida”**

exemplo, uma pessoa muito católica que todos os dias vai ao túmulo de sua mãe e ali oferece uma flor ou uma vela acesa, pensa estar cumprindo um costume de origem e de teor teológico católico e nem se dá conta de que aquele rito que ela cumpre vem de tradições religiosas pré-cristãs e que o catolicismo simplesmente assumiu e manteve. Do mesmo modo, se fôssemos averiguar mais detalhadamente a concepção de sacerdócio que padres católicos e fiéis mantêm até hoje, quanto desta concepção veio do evangelho e quanto depende de expressões das antigas religiões pagãs do Império Romano? Quase todo mundo vive uma identidade religiosa que é, ao mesmo tempo, una (aquela com a qual nos identificamos oficialmente) e plural (porque recebe influência de outras tradições).

Aliás, por falar em identidade, a identidade psicológica de um adolescente pode ser afirmada no confronto com o outro. Eu sou eu porque não sou você. No adulto, isso não pode e não deve ser assim. A identidade pessoal ou grupal não se dá por contraposição, mas sim pela capacidade de sermos nós mesmos/as na relação e no permanente aprendizado com os outros com os quais convivemos e interagimos. No campo das culturas e das religiões também é assim. A identidade cristã não se afirma pelo fato de ser oposta ou excluir outra religião, mas sim por viver o caminho do Cristo na comunhão com outras tradições e expressões de fé.

**IHU On-Line - Em sua opinião, quais são os atores e os marcos históricos mais importantes do movimento ecumênico no Brasil e na América Latina?**

**Marcelo Barros** - Uma coisa é o movimento ecumênico propriamente dito

e outra mais ampla e mais básica é o espírito ecumênico, ecumenicidade como dimensão da fé e da vida.

1º - Sobre o movimento ecumênico: na América Latina e no Brasil, o movimento ecumênico, no sentido estrito, teve poucos marcos importantes e relativamente poucos atores que se sobressaíram. O primeiro motivo disso foi que o cristianismo veio importado da Europa para os nossos países como religião conquistadora. Esse tipo de catolicismo ainda subsiste na mentalidade de Cristandade. Ele é contrário a qualquer movimento ecumênico. Por outro lado, a maioria das igrejas evangélicas também veio como “protestantismo de missão”, compreendendo a missão como converter à sua igreja o maior número possível de adeptos. Houve pastores e profetas do movimento ecumênico, tanto católicos, como evangélicos. Nos ambientes católicos, alguns monges beneditinos, ainda nos anos 1950, fundaram em São Paulo um Centro de diálogo e comunhão com os ortodoxos (*Cor Unum*). Um destes monges foi D. Mauro Bodemuller. Depois do Concílio Vaticano II, D. Aloísio Lorscheider,<sup>2</sup> ainda jovem e bispo de Santo Ângelo, foi o primeiro secretário da CNBB para a ação ecumênica. Ele percorreu o Brasil inteiro dando cursos e palestras sobre ecumenismo e preparando para a Igreja Católica um diretório ecumênico. Do lado protestante, alguns evangélicos fundaram centros ecumênicos que, no Rio de Janeiro e Curitiba, como Waldo César,<sup>3</sup> Domicio Mattos<sup>4</sup> e

2 Dom Aloísio Lorscheider (1924-2007): cardeal, arcebispo emérito de Aparecida do Norte, São Paulo. Concedeu entrevista à IHU On-Line na matéria de capa da 124ª edição, de 22-11-2004, que teve como tema os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://migre.me/5uU7M>. Este aniversário também pautou a palestra do evento IHU ideias de 25-11-2004, ministrada por Lorscheider e D. Boaventura Kloppenburg. (Nota da IHU On-Line)

3 Waldo Aranha Lenz César (1923-2007): sociólogo, romancista e líder ecumênico. Intellectual de formação religiosa protestante, foi bolsista do Instituto do Conselho Mundial de Igrejas, coordenou a seção de religião das enciclopédias Delta Larousse e Mirador Internacional e coordenou a Campanha Mundial contra a fome da FAO (ONU). Também atuou na coordenação da Conferência Evangélica do Brasil, destacando-se na organização da Conferência do Nordeste, na década de 1960. Fez parte do Núcleo de Pesquisas do Instituto de Estudos da Religião - ISER, assessorando diversas ONGs e instituições eclesiais. Foi ainda colunista do *Jornal do Brasil*. (Nota da IHU On-Line)

4 Domicio Pereira de Mattos (1916-): formou-

outros cumpriram uma boa ação ecumênica nos anos 1960 e 1970. Destes, o professor e sociólogo Jether Ramalho,<sup>5</sup> com seus mais de 85 anos, até hoje continua atuando e colaborando nas relações ecumênicas. No plano teológico, no final dos anos 1960, Richard Shaull<sup>6</sup> e Rubem Alves<sup>7</sup> ajudaram muito a abrir ambientes evangélicos ao ecumenismo e à Teologia da Libertação.<sup>8</sup>

se no Seminário Presbiteriano de Campinas em 1941, obteve o mestrado em jornalismo (1959) e em teologia (1969), na Universidade de Syracuse e no Union Theological Seminary de Nova York. Bacharelou-se em Direito (1972) e passou a exercer o magistério superior na Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas e na Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi o representante por duas vezes na Aliança Mundial Presbiteriana, em Evaston (EUA) e Genebra (Suíça). (Nota da IHU On-Line)

5 **Jether Ramalho** (1923-): congregacional, fundador e mentor do Centro Ecumênico de Documentação e Informação - Cedi. Dirigiu o Departamento de Ação Social da Confederação Evangélica do Brasil. Foi um dos organizadores e participantes da chamada Conferência do Nordeste, que causou uma cisão na própria Confederação. Foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e editor da revista Tempo e Presença, editada pelo Cedi, depois renomeado como Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, por 15 anos. Jether foi encarregado pelo Conselho Mundial de Igrejas - CMI de formar uma rede de organismos ecumênicos na América Latina. Sua tarefa junto ao Conselho era de visitar todos os países da região, prestando assessoria aos movimentos ecumênicos, principalmente na área de juventude. (Nota da IHU On-Line)

6 **Millard Richard Shaull** (1919-2002): teólogo presbiteriano ecumênico estadunidense, reconhecido por suas contribuições ao desenvolvimento da gênese da Teologia da Libertação latino-americana. Atuando como missionário na América Latina (Colômbia e Brasil), Shaull desenvolveu um pensamento teológico profundamente marcado pela centralidade de temáticas políticas e sociais características do contexto latino-americano. Sua reflexão teológica tem sido constantemente associada ao desenvolvimento da assim chamada "teologia da revolução", que alcançou status no cenário teológico internacional, sobretudo, a partir da Conferência Mundial sobre Igreja e Sociedade, realizada em Genebra, em 1966, sob os auspícios do CMI. (Nota da IHU On-Line)

7 **Rubem Alves** (1933-): psicanalista, educador, teólogo e escritor brasileiro, autor de livros e artigos sobre temas religiosos, educacionais e existenciais, além de uma série de livros infantis. Com Carlos Rodrigues Brandão, é autor de *Encantar o mundo pela palavra* (São Paulo: Papirus, 2006). (Nota da IHU On-Line)

8 **Teologia da libertação**: corrente teológica que engloba diversas teologias cristãs desenvolvidas no Terceiro Mundo ou nas periferias pobres do Primeiro Mundo a partir dos anos 1970. São baseadas na opção preferencial pelos pobres, contra a pobreza e pela sua libertação. Desenvolveu-se inicialmente na América Latina. Confira a edição 214, de 02-04-2007, da IHU On-Line dedicada a essa temática, disponível em <http://migre.me/5uV70>. (Nota da

2º - Quanto ao espírito ecumênico mais geral: desde o início da colonização, alguns missionários estabeleceram um diálogo respeitoso com as culturas indígenas. Nos países de cultura hispânica, Bartolomeu de las Casas,<sup>9</sup> Antonio de Montesinos,<sup>10</sup> São Martinho de Lima<sup>11</sup> (com os negros), Turíbio de Mongrovejo<sup>12</sup> no Peru e tantos outros praticaram nos primeiros tempos da conquista uma espiritualidade macroecumênica de defesa dos povos indígenas e respeito às suas culturas. No Brasil, José de Anchieta,<sup>13</sup> Antônio Vieira<sup>14</sup> e outros missionários

IHU On-Line)

9 **Frei Bartolomé de las Casas** (1474-1566): frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México. Foi grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Sobre ele, confirma a obra de Gustavo Gutiérrez, *O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992). Leia a entrevista *Bartolomeu de Las Casas, primeiro teólogo e filósofo da libertação*, concedida pelo filósofo italiano Giuseppe Tosi à IHU On-Line 342, de 06-09-2010, disponível em <http://bit.ly/9EU0G0>. (Nota da IHU On-Line)

10 **Frei Antonio de Montesinos** (?-1540): frade e pregador dominicano que se distinguiu no combate contra o abuso ao qual se submetiam os indígenas da América por parte dos colonizadores. (Nota da IHU On-Line)

11 **São Martinho de Lima ou São Martinho de Porres** (1579-1639): nasceu em Lima, Peru. Seu pai era espanhol, e sua mãe, negra, alforriada, natural do Panamá. Aos 15 anos, entrou para o convento dos Dominicanos em Lima. Era amigo de Santa Rosa de Lima. Foi canonizado em 6 de maio de 1962. (Nota da IHU On-Line)

12 **Turíbio de Mongrovejo** (1538-1606): sacerdote espanhol, foi sagrado bispo e enviado ao Peru. Deparou-se com muitas injustiças: indígenas oprimidos, pobres abandonados. Apoiado pela população, organizou as comunidades de sua diocese e depois reuniu assembleias e sinodos, convocando todos os habitantes para a evangelização. Sob sua direção, foram realizados dez concílios diocesanos e os três provinciais que formaram a estrutura legal da Igreja da América espanhola até o século XX. Fundou o primeiro seminário das Américas. (Nota da IHU On-Line)

13 **Beato José de Anchieta** (1534-1597): jesuíta espanhol, um dos fundadores de São Paulo e declarado beato pelo Papa João Paulo II. É chamado de Apóstolo do Brasil. Tendo o Pe. Manuel da Nóbrega, provincial dos Jesuítas no Brasil, solicitado mais sacerdotes para a atividade de evangelização do Brasil, o provincial da Ordem, Simão Rodrigues, indicou, entre outros, José de Anchieta. (Nota da IHU On-Line)

14 **Antônio Vieira** (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV, principalmente no que se referia às invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no

portugueses que defenderam os índios nas missões e reduções, mesmo com ambiguidades e dentro do sistema colonial (não romperam com ele), agiram em uma linha de respeito e defesa da vida.

Na realidade atual, teríamos de destacar muitos homens e mulheres que se consagraram à defesa dos índios e negros e ao diálogo com suas culturas. Alguns fizeram disso uma linha de pastoral na Igreja Católica. Podemos recordar no Equador Mons. Leônidas Proaño,<sup>15</sup> no México, Mons. Sergio Méndez Arceo<sup>16</sup> e Mons. Samuel Ruiz<sup>17</sup>. No Brasil, D. Pedro Casaldáliga<sup>18</sup>, D. Tomas Balduino<sup>19</sup> e D. José Ma-

Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Voltou novamente em 1681. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes. Confira a edição 244 da IHU On-Line, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*, disponível em <http://bit.ly/b8XEXF>. (Nota da IHU On-Line)

15 **Leonidas Eduardo Proaño Villalba** (1910-1988): bispo e teólogo equatoriano, bispo de Riobamba de 1954 a 1985, conhecido como Bispo dos Pobres e Bispo dos Índios. Confira, nas Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em 08-08-2008, a notícia *Leonidas Proaño. 'Ficam as árvores que semeaste'*, disponível em <http://migre.me/5uUHp>. (Nota da IHU On-Line)

16 **Sergio Méndez Arceo** (1907-1992): bispo mexicano, um dos ideólogos da Teologia da Libertação. Foi membro da Academia Mexicana de História de 1954 a 1972. Participou ativamente no Congresso dos Cristãos pelo Socialismo, em 1972. Conhecido como "bispo vermelho", denunciou a intervenção norte-americana no Vietnã, na América Central e em Cuba, e condenou os regimes militares na América Latina. (Nota da IHU On-Line)

17 **Samuel Ruiz García** (1924-2011): religioso mexicano, prelado da Igreja Católica Apostólica Romana, que serviu como bispo da Diocese de San Cristóbal de las Casas, Chiapas, de 1959 até 2000. Destacou-se como defensor dos direitos dos povos indígenas do México e da América Latina. (Nota da IHU On-Line)

18 **Dom Pedro Casaldáliga**: bispo prelado de São Félix, Mato Grosso. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Félix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena a terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da IHU On-Line, de 18-04-2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*, disponível em <http://migre.me/5uUUu>. (Nota da IHU On-Line)

19 **Dom Tomás Balduino, OP** (1922-): bispo e teólogo católico brasileiro, bispo-emérito de

ria Pires<sup>20</sup>, entre vários outros bispos, padres, pastores, religiosas e leigos/as, são exemplos de cristãos/ãs consagrados à defesa dos índios e negros, a partir do diálogo intercultural e inter-religioso. Criaram assim o conceito de “macroecumenismo a serviço da vida”. Para lembrar nomes femininos e não só de bispos católicos, podemos citar Mãe Menininha do Gantois<sup>21</sup> e Mãe Stella de Oxossi,<sup>22</sup> que, até hoje, em Salvador, continua sendo referência na defesa da cultura negra e do diálogo intercultural e inter-religioso.

### IHU On-Line - Que papel teve o Concílio Vaticano II para a ação e o serviço ecumênicos posteriores?

**Marcelo Barros** - Até o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica não aceitava oficialmente o ecumenismo. Antes, o movimento ecumênico era principalmente protestante. O diálogo com outras religiões era praticado por alguns monges e místicos que agiam sem apoio oficial. Foi o Vaticano II que abriu a Igreja Católica, tanto ao ecumenismo (entre igrejas), como ao macroecumenismo (com outras religiões). Para o caminho ecumênico, o Concílio contribuiu com a superação do conceito de missão como proselitismo e também propôs o caminho da unidade no serviço à paz e à justiça. Antes do Concílio, era comum os católicos pensarem que a unidade deveria se dar pela “volta” dos irmãos separados à Igreja Católica. O Concílio dei-

Goias e assessor da Comissão Pastoral da Terra. Pertence à Ordem dominicana. Neste ano, D. Tomás concedeu ao sítio do IHU a entrevista *Militares ameaçam religiosos em Goiás*, disponível em <http://migre.me/5uUYW>. (Nota da IHU On-Line)

20 Dom José Maria Pires (1919-): bispo católico brasileiro, arcebispo emérito da Paraíba. (Nota da IHU On-Line)

21 Maria Escolástica da Conceição Nazaré (1894-1986): conhecida como Mãe Menininha do Gantois, foi uma lyálorixá (mãe-de-santo) brasileira, da Bahia, filha de Oxum. Foi a quarta lyálorixá do Terreiro do Gantois e a mais famosa de todas as lyálorixá brasileiras. (Nota da IHU On-Line)

22 Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxossi, Odé Kayode (1925-): quinta lyálorixá do Ilê Axé Opó Afonjá em Salvador, Bahia. Em 2009, ao completar setenta anos de iniciação no Candomblé, recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade do Estado da Bahia. É detentora da comenda Maria Quitéria (da prefeitura do Salvador), Ordem do Cavaleiro (do governo da Bahia) e da comenda do Ministério da Cultura. (Nota da IHU On-Line)

## “Quase todos vivem uma identidade religiosa que é, ao mesmo tempo, uma (aquela com a qual nos identificamos oficialmente) e plural (porque recebe influência de outras tradições)”

xou claro: a única conversão possível deve ser ao Cristo e vivida por todos os cristãos. Além disso, o Concílio propôs às outras igrejas uma visão mais positiva com relação ao mundo e à relação entre fé e política.

### IHU On-Line - Que pontos do Concílio merecem ser ainda mais aprofundados/concretizados ou revistos/abandonados dos debates de então?

**Marcelo Barros** - Até hoje, a Igreja Católica ainda não vive na prática a eclesiologia da igreja local (*igreja* significa comunidade local). O Concílio vislumbrou isso, mas não concretizou esta teologia. A doutrina católica sobre ministérios - especificamente, o ministério do papa que o próprio Concílio não chegou a transformar - é um ponto a ser aprofundado, se as igrejas querem realmente retomar mais profundamente o caminho do Evangelho e caminhar para a unidade na diversidade ou “diversidade reconciliada”.

Sobre o diálogo com as outras religiões, o Concílio valorizou as outras tradições espirituais, abriu-se ao diálogo com elas, mas afirmou que isso deve se dar sob a unidade do Cristo. O setor atual da teologia chama isso de “inclusivismo” (todos os fiéis, em qualquer religião que seja, são salvos pela graça de Cristo). É uma concepção a ser superada, ou ao menos ampliada na direção de uma visão pluralista da fé e da salvação.

### IHU On-Line - Especificamente no

âmbito católico, que sombras e luzes o senhor percebe na caminhada ecumênica da Igreja Católica ao longo do papado de Bento XVI?

**Marcelo Barros** - Se uma igreja se fecha em si mesma e se centra em seu próprio mundo cultural, impede qualquer avanço ecumênico. Quando os líderes eclesiais se refugiam em um saudosismo pessimista e fortalecem um clericalismo autoritário e centralizador, isso impede uma autêntica renovação espiritual, assim como o diálogo e a unidade com outras igrejas. Onde não existe a mínima liberdade de expressão e a pesquisa teológica, só se tem permissão de repetir o que a autoridade suprema já falou; não há lugar para igrejas locais que sejam verdadeiras igrejas: elas se tornam meros departamentos da matriz ou central e sequer é possível algum processo de aproximação com outras igrejas.

### IHU On-Line - Em sua opinião, quais são as principais contribuições ao ecumenismo no contexto brasileiro?

**Marcelo Barros** - Sem dúvida, o surgimento nos anos 1970 da Pastoral da Terra com a CPT [Comissão Pastoral da Terra], da nova pastoral Indigenista com o Conselho Indigenista Missionário - Cimi e de outras pastorais, como a operária, a carcerária, a dos sofrendores de rua e com jovens, ao realizar concretamente a missão da Igreja como serviço libertador aos setores empobrecidos, possibilitou um ecumenismo de base. Esta foi e ainda é a maior contribuição ao ecumenismo na nossa realidade. Várias destas pastorais tiveram origem e têm natureza claramente ecumênicas.

### IHU On-Line - E os principais desafios/obstáculos eclesiais, sociais e culturais ao ecumenismo no contexto brasileiro?

**Marcelo Barros** - Mesmo se há mais de cem anos, já existe a separação entre Estado e Igreja, setores da hierarquia católica ainda exercem certo poder na sociedade e às vezes ainda expressam desejos de privilégios em áreas como educação e influência sobre o governo. Ainda viceja em certos ambientes católicos uma cultura de Crisandade que tende a desconhecer outras ex-

pressões espirituais. Além disso, em programas de rádio e televisão, alguns grupos pentecostais, neopentecostais e mesmo católicos rejeitam o diferente e chegam mesmo a atacar outros grupos espirituais como as religiões de tradição afrodescendente.

Além disso, as poucas iniciativas ecumênicas (boas e oportunas) como a Campanha da Fraternidade Ecumênica ainda são pensadas a partir exclusivamente da cultura católico-romana. Acontecem no tempo litúrgico da Quaresma praticado mais pela Igreja Católica. Os subsídios trazem propostas para Via Sacra e Adoração Eucarística, devoções católicas, mas não, por exemplo, para a Escola Dominical de igrejas evangélicas. Isso limita a participação de outras confissões.

Entretanto, o obstáculo maior para o ecumenismo no Brasil e em outros países ainda é a concepção de poder eclesiástico e a dificuldade de um diálogo fraterno, vivido como discipulado de iguais. Aí tocamos em temas como o da participação das mulheres nos ministérios e os assuntos ligados à moral.

**IHU On-Line - O Mutirão Ecumênico deste ano sugere a reflexão em torno do tema “Unidos em Cristo na defesa da Criação”. Em sua opinião, quais são as principais contribuições da teologia e da mística cristãs para a “defesa da Criação”?**

**Marcelo Barros** - A teologia e a mística cristã se formaram em um contexto cultural que, muitas vezes, separou Criação e Redenção. Uma antiga oração, até hoje usada no Natal, diz: “Ó Deus, de forma admirável criaste o ser humano, mas, através da vinda de Jesus, de forma mais admirável ainda o redimiste”. Este tipo de comparação coloca a obra da criação como algo do passado e de certa forma superada pela salvação trazida por Jesus. No contato com outras religiões (principalmente tradições mais ligadas à natureza) e diante dos desafios da atualidade (a destruição ecológica), a teologia e a mística cristãs têm aprendido a integrar mais profundamente Criação e História da Salvação. A contribuição específica da teologia e da espiritualidade cristãs para a defesa

da Criação tem sido, de um lado, testemunhar que a salvação realizada por Deus, através de Jesus, atinge não só a humanidade, mas todo o universo e, ao mesmo tempo, insistir na missão do ser humano em ser zelador e representante de Deus no cuidado com a criação.

**IHU On-Line - O lema do encontro é o versículo de Romanos 8, 19: “A criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus”. Como podemos compreender hoje o significado mais profundo dessa afirmação de Paulo aos cristãos de Roma, diante da crise ecológica?**

**Marcelo Barros** - Este texto revela a dimensão cósmica da redenção. Toda a natureza, criada por amor, sofre quando o ser humano se torna um Adão cego e malvado que a tiraniza. Essa mesma natureza, o universo inteiro, vive conosco a expectativa da plena libertação, iniciada pela ressurreição de Jesus e completada por todo ato de amor que atualiza a Páscoa nossa e do universo. A crise ecológica manifesta o domínio do egoísmo humano. Este Mutirão Ecumênico explicita que temos de colaborar com o parto (obra divina) de uma criação renovada e harmonizada com a humanidade nova da qual, ao menos em princípio, já devemos fazer parte.

**IHU On-Line - Como as igrejas cristãs podem recuperar ecumenicamente a dimensão ecológica da fé e da espiritualidade?**

**Marcelo Barros** - Em primeiro lugar, nenhuma igreja pode fazer isso sozinha ou isoladamente. É preciso colocar-se juntas como igrejas e em diálogo com as tradições espirituais que vivem a espiritualidade ecológica há mais tempo - as tradições indígenas e negras, por exemplo. Aí sim, é preciso retrabalhar a espiritualidade ecológica contida no louvor das celebrações (salmos e cânticos), no teor dos sacramentos (água, pão, vinho, etc.) e principalmente na valorização da vida como o que há de mais sagrado.

**IHU On-Line - Como você vê a relação entre democracia e ecumenismo?**

**Marcelo Barros** - Se cremos que o Es-

pírito de Deus está presente e atua em toda obra de justiça, paz e amor, não há dúvida de que este mesmo Espírito inspira as atuais manifestações da juventude e de grande parte da humanidade, o que está acontecendo em várias partes do mundo. São ações e movimentações para democratizar mais ainda a democracia e transformar a organização social do mundo, de forma que a democracia seja mais participativa e não só representativa. Esta juventude dos “indignados”, por exemplo, não se referem às igrejas. Entretanto, o próprio termo *igreja* surgiu no contexto do antigo mundo grego como assembleia de cidadãos. Paulo o universalizou e falou da igreja de Deus aberta a todos, escravos e livres, homens e mulheres, judeus e gentios.

**IHU On-Line - Como as igrejas podem se comprometer de forma mais eficaz com os sujeitos contemporâneos mais vulneráveis no contexto brasileiro, como as mulheres, os negros, os índios e os homossexuais?**

**Marcelo Barros** - Isso exige das igrejas uma visão diferente da que elas parecem ter sobre Deus e sobre a sua missão de igrejas. No modo atual como a Igreja Católica (e outras) pensa sobre Deus e compreende sua própria missão, é absolutamente compreensível que, na penúltima eleição presidencial nos EUA, bispos católicos tenham declarado voto por Bush.<sup>23</sup> Esses bispos sabiam que Bush tinha invadido violentamente o Iraque, tinha mandado jogar bombas sobre a população civil, trazido para Guatânamo prisioneiros de vários povos e defendia a tortura como meio normal de interrogação. Para os tais bispos, nada disso impedia que votassem nele. O mais importante era o fato de Bush ser contra o aborto e contra a aceitação civil para fins jurídicos da união gay.

Do mesmo modo, nas últimas semanas da recente campanha eleitoral, três bispos de São Paulo se posicionaram sobre em que candidato os católicos deveriam votar para presidente. Pouco importava qual dos candidatos

<sup>23</sup> George Walker Bush (1946-): foi o 43º presidente dos Estados Unidos, sucedendo Bill Clinton em 2001. Em 2009, foi sucedido por Barack Obama. Foi governador do Texas entre 1995 e 2000. (Nota da IHU On-Line)

serviria melhor ao povo mais pobre, apresentava um programa de governo mais coerente ou, por exemplo, qual deles favoreceria mais a integração latino-americana. Nada disso importava. Para eles, o único critério era não votar naquela candidata que, segundo boatos, seria favorável à liberalização do aborto em situações médicas que a Constituição já aprovava.

Este tipo de embate não é acidental. É decorrência de uma teologia e de uma forma de compreender a doutrina que ainda é oficial na Igreja Católica e em outras igrejas. É a mesma teologia e espiritualidade que fez com que, no ano passado, no Brasil, certos setores da hierarquia católica fizessem lobby e pressionasse o presidente contra o 3º Plano Nacional de Direitos Humanos. E farão isso contra qualquer iniciativa civil que vá além da compreensão moral que estes bispos têm e que acreditam dever ser de todos os católicos. Neste ponto, existe um forte ecumenismo ao inverso do que deveria ser o ecumenismo entre setores oficiais do Vaticano, grupos pentecostais e grupos fundamentalistas do islamismo por exemplo. Se não se repensa a compreensão de Deus, da fé e da eclesiologia, o testemunho que estes hierarcas continuarão a dar a muitos setores marginalizados e vítimas de violência e discriminação (como mulheres e homossexuais) é de desamor e de aliança com o sistema patriarcal e injusto.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Marcelo Barros** - Uma visão atual de espiritualidade ecumênica supõe não só a abertura para outras igrejas e tradições religiosas, mas também para muitos grupos e setores da sociedade que se ligam a uma opção pela justiça e pela paz, mas não pertencem a nenhuma tradição religiosa. Sinto que um desafio grande para a teologia ecumênica atual é ser capaz de relativizar uma linguagem teísta (na qual Deus é visto como alguém fora de nós mesmos e da vida) para inserir-se em uma espiritualidade na qual o mistério divino seja contemplado no interior do próprio ser humano, em todo ser vivo e transparente em todo o universo.

## “O ecumenismo é movido pelo Espírito e não pode ser considerado propriedade de nenhuma igreja”

É da natureza do ecumenismo ser democrático e desafiar todo e qualquer tipo de estruturas autoritárias. Um dos seus grandes desafios, portanto, é reconhecer que ele não se esgota nas instituições eclesiásticas, afirma o histórico militante do ecumenismo, Anivaldo Padilha

POR MOISÉS SBARDELOTTO

**M**arcado por uma caminhada com diversos momentos históricos importantes, o ecumenismo teve uma relação direta com marcos das lutas pela paz e pela justiça. “E, em não poucas ocasiões ou situações, fora do âmbito oficial das igrejas”, destaca o leigo metodista e militante do movimento ecumênico desde o final da década de 1950, Anivaldo Padilha.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, Padilha analisa o histórico do movimento ecumênico, repassando suas grandes contribuições em nível mundial, como os processos de reconciliação entre povos da Europa, no pós-guerra, sua função de canal de comunicação entre a sociedade Ocidental e a dos países do Leste Europeu durante o período da Guerra Fria, seu importante papel nas campanhas e nos processos contra o colonialismo, especialmente na África, o fato de ter colocado o ser humano e a participação popular no centro das discussões sobre desenvolvimento e meio ambiente. “Como brasileiros e latino-americanos, temos que enfatizar o papel do movimento ecumênico na luta contra as ditaduras e na defesa dos direitos humanos”, afirma.

Anivaldo Padilha é leigo metodista e associado de Koinonia Presença Ecu-mênica e Serviço e militante do movimento ecumênico desde o final da década de 1950. Foi líder do movimento ecumênico de juventude latino-americano na década de 1960, líder estudantil e participante da luta contra a ditadura. Foi preso em 1970 pelo DOI/CODI em São Paulo e, a partir de 1971, esteve exilado por 13 anos, no Chile, Estados Unidos e Suíça. Durante esse período, trabalhou no Conselho Nacional de Igrejas dos Estados Unidos e no Conselho Mundial de Igrejas, sempre em programas de defesa e promoção dos direitos humanos. É membro da Diretoria do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Região Brasil) e da Junta Diretiva do Church World Service, dos Estados Unidos. Está envolvido em várias iniciativas ecumênicas que visam à superação de todas as formas de intolerância. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em nível mundial, como o senhor analisa a caminhada ecumênica até hoje? Que avanços ocorreram?**

**Anivaldo Padilha** - O movimento ecumênico moderno, em nível mundial, celebrou oficialmente o seu marco fundante no ano passado ao comemorar os cem anos da realização da Conferência Missionária realizada em Edimburgo, Escócia, em 1910. Foi naquela conferência que os esforços ecumênicos, iniciados no final do século XIX entre missionários protestantes europeus e americanos e, de forma especial, entre jovens estudantes leigos, se transformaram em movimentos organizados que posteriormente (1948) fundaram o Conselho Mundial de Igrejas - CMI, que é a principal articulação ecumênica mundial.

Essa caminhada teve vários momentos importantes. Em suas primeiras décadas, o movimento inspirou iniciativas de aproximação e de diálogo entre as igrejas, o que resultou na formação de conselhos ou federações de igrejas em praticamente todos os países com presença cristã, em todas as regiões do mundo. Entretanto, creio que os momentos mais dinâmicos do movimento ecumênico, desde o seu início, aconteceram principalmente no âmbito das lutas pela Paz e pela Justiça e, em não poucas ocasiões ou situações, fora do âmbito oficial das igrejas.

Não foram poucos os grupos ecumênicos nacionais na Europa, especialmente na Alemanha, que sofreram perseguições e tiveram seus mártires porque se opuseram ao nazifascismo. Os processos de reconciliação entre povos da Europa, no pós-guerra, também tiveram no movimento ecumênico um de seus principais protagonistas. E durante o período da Guerra Fria, o movimento ecumênico organizado em torno do CMI foi um dos poucos canais de comunicação entre a sociedade Ocidental e a dos países do Leste Europeu. Aliás, essas relações com as igrejas e movimentos leigos nos países socialistas são um dos fatores que levaram grupos religiosos conservadores, apoiados pelo governo norte-americano, a acusarem o movimento ecumênico de comunista.

O movimento ecumênico teve tam-

## “Os momentos mais dinâmicos do movimento ecumênico, desde o seu início, aconteceram principalmente no âmbito das lutas pela Paz e pela Justiça”

bém papel importante nas campanhas e nos processos contra o colonialismo, especialmente na África. Uma das iniciativas ecumênicas mais notáveis foi o Programa de Combate ao Racismo - PCR. Criado em meados da década 1970, o PCR defendeu os direitos e as lutas de negros e povos indígenas em todos os países, mas estabeleceu como prioridade o apoio à luta contra o Apartheid, na África do Sul. Esse foi um dos programas mais bem sucedidos do CMI e, talvez por isso, o que mais sofreu ataques dos setores conservadores das igrejas e da mídia Ocidental.

### Ser humano e meio ambiente

Outra contribuição importante foi ter colocado o ser humano e a participação popular no centro das discussões sobre desenvolvimento (já na década de 1960) e o meio ambiente (década de 1980). Enquanto a ênfase desenvolvimentista era no crescimento econômico, o CMI criou o programa “Por uma Sociedade Participativa e Sustentável” com ênfase na participação e na sustentabilidade. Um dos seus desdobramentos foi o movimento conciliar “Justiça, Paz e Integridade da Criação”, estabelecido na Assembleia Geral em 1983, quando a questão ambiental foi definitiva e integralmente incorporada à intervenção ecumênica nos processos de desenvolvimento.

Merece destaque a promoção da Justiça nas relações de gênero, especialmente a reflexão teológica ecumênica dos últimos 40 anos que contribuiu para resgatar o papel importante da mulher na Bíblia, na Igreja e na sociedade. Este é um tema que ainda

desafia as igrejas, não só aquelas que ainda defendem e mantêm a tradição patriarcal, mas também as que já reconhecem formalmente a igualdade de gênero, inclusive no ministério ordenado, mas cuja cultura institucional machista ainda é hegemônica.

Por fim, mas sem esgotar o tema, como brasileiros e latino-americanos, temos que enfatizar o papel do movimento ecumênico na luta contra as ditaduras e na defesa dos direitos humanos. O movimento ecumênico teve papel fundamental na formação de praticamente todas as organizações de defesa dos DDHH na América Latina, além do fato de que essas organizações foram financiadas quase que exclusivamente por agências ecumênicas da Europa e da América do Norte. Esse protagonismo nem sempre foi divulgado, mas seus frutos permanecem, como ficou evidente em junho passado com a repatriação dos documentos do projeto “Brasil: Nunca Mais”.

Creio que um dos maiores avanços é o fato de que, apesar de suas crises periódicas, o ecumenismo está aí e veio para ficar. Pode-se ser a favor ou contra, mas não se pode ignorá-lo.

É claro que houve áreas em que o movimento ecumênico não avançou muito, principalmente no que podemos chamar de dimensão institucional do ecumenismo, isto é, nas ações e nas relações oficiais entre as igrejas. Tem havido esforços e avanços de diálogo em torno de questões doutrinárias, mas esses esforços têm tido impacto residual na vida das igrejas. Além disso, a questão eclesiológica, ou seja, a discussão sobre a natureza da Igreja, continua a ser um dos grandes gargalos do ecumenismo. No Brasil, o diálogo inter-religioso, envolvendo oficialmente as igrejas, também não avança, especialmente em relação às religiões de matriz africana.

**IHU On-Line - Quais são os pontos mais candentes, em sua opinião, no diálogo ecumênico hoje? Em que pontos é possível encontrar consenso ou ainda é preciso avançar?**

**Anivaldo Padilha** - Há vários desafios. Um deles é a crise do modelo institucional do ecumenismo. Há indícios fortes de que o modelo “conselhos de

igrejas” está em fase de esgotamento. Hoje, não há nenhum conselho de igrejas no mundo, seja nacional ou continental, que não esteja enfrentando o fenômeno da diminuição do seu carisma e poder de convocação ou de ação. Todos passam por crises financeiras que, na verdade, são sintomas de uma crise mais profunda: a crise das igrejas que resulta também em uma crise de visão ecumênica.

As igrejas com tradição ecumênica sofrem a influência e a pressão advindas das mudanças no campo religioso e cultural com o avanço dos movimentos carismáticos e neopentecostais e se sentem ameaçadas em sua segurança institucional ou em sua identidade. E a tendência de boa parte delas é priorizar a defesa de seus interesses institucionais, seja no sentido de preservação e fortalecimento da sua identidade tradicional, seja no sentido de mimetizar os métodos de sucesso de crescimento quantitativo das concorrentes. Com isso, o compromisso ecumênico tende a se enfraquecer. É óbvio que não se pode generalizar. Há muitas igrejas que ainda mantêm seu compromisso ecumênico mas mesmo essas enfrentam tensões internas.

Entretanto, ao mesmo tempo, notamos o crescimento de iniciativas ecumênicas não institucionalizadas. São grupos de pessoas que se organizam de forma autônoma em relação às suas igrejas em torno de objetivos comuns na defesa de direitos e na luta pela justiça social e pela sustentabilidade do planeta. Livres dos entraves das instituições eclesiais, atuam com liberdade e chegam aonde as igrejas têm medo ou não estão preparadas para agir. E, sem perderem suas identidades, conseguem romper as barreiras religiosas e contribuir para a superação dos preconceitos sociais, étnicos, de gênero e religiosos.

Um dos grandes desafios do ecumenismo é reconhecer que ele não se esgota nas instituições eclesiais. O ecumenismo é movido pelo Espírito e não pode ser considerado propriedade de nenhuma igreja. A administração sábia da relação dialética entre instituição e movimento é, provavelmente, a chave para o desenvolvimento de novos paradigmas de articulação ecu-

## “Como brasileiros e latino-americanos, temos que enfatizar o papel do movimento ecumênico na luta contra as ditaduras e na defesa dos direitos humanos”

mênicos. Mas para isso será necessário reconhecer que o movimento ecumênico sempre foi plural e que o que vemos hoje em termos de movimentos autônomos não é uma novidade. Aliás, o primeiro secretário geral do Conselho Mundial de Igrejas costumava dizer que ecumenismo é de pessoas e não de instituições. E que deve ser essencialmente um movimento de leigos e de leigas.

**IHU On-Line - Em que pontos é possível encontrar consenso ou ainda é preciso avançar?**

**Anivaldo Padilha** - Creio que há consenso relativo em torno de questões relacionadas à luta pela paz e pela justiça, ao meio ambiente, ao racismo, à violência, aos Direitos Humanos, entre outras. Entretanto, ainda não há consenso sobre o diálogo inter-religioso - em outras regiões do mundo esse diálogo é bastante avançado, mas não no Brasil. Este é um tema importante devido ao viés racista que permeia o preconceito contra as religiões indígenas e afro-brasileiras. Também há temas relacionados a novos direitos em torno dos quais não há consenso, sobre equidade de gênero, direitos sexuais e direitos reprodutivos. Dificilmente haverá consenso, porque o diálogo em torno deles se mostra prejudicado pelo fortalecimento do conservadorismo nas igrejas, especialmente o fundamentalismo bíblico no mundo evangélico e o integrismo no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana - ICAR. Essas dificuldades se encontram principalmente no âmbito do ecumenismo institucional.

No âmbito dos movimentos, o diá-

logo e as ações em torno desses temas são muito mais fáceis e a tendência é que as reflexões se aprofundem cada vez mais.

**IHU On-Line - Nesse contexto, quais as contribuições específicas da Igreja Metodista?**

**Anivaldo Padilha** - Eu diria que há dois momentos distintos na história de participação da Igreja Metodista no movimento ecumênico. O primeiro está relacionado aos primórdios do movimento ecumênico. A Igreja Metodista, em nível mundial e também no Brasil, sempre esteve presente entre os principais pioneiros do ecumenismo. Um dos pioneiros do ecumenismo foi John R. Mott<sup>1</sup>, um leigo metodista americano, que organizou e presidiu a Conferência Missionária de Edimburgo. Todos os movimentos surgidos a partir daquela conferência contaram com metodistas - clérigos e leigos - entre seus líderes. E dos sete secretários gerais que o CMI teve até hoje, três foram metodistas. No Brasil não foi diferente. A Igreja Metodista no Brasil participou da fundação de todas as organizações ecumênicas institucionais no país e as organizações autônomas sempre tiveram a presença de metodistas.

Entretanto, vivemos hoje um outro momento no Brasil. Grande parte da liderança da Igreja Metodista no Brasil, hoje, tem tendências antiecumênicas. Vivemos um grande retrocesso e me ariscaria a dizer que a Igreja Metodista no Brasil não tem muito com que contribuir hoje. Há seis anos o Concílio Geral decidiu retirar a Igreja Metodista de todas as organizações ecumênicas nas quais a ICAR participa oficialmente. É verdade que não houve nem há unanimidade em torno dessa decisão. Cerca

<sup>1</sup> John R. Mott (1865-1955): leigo metodista norte-americano, uma das maiores expressões do movimento ecumênico. Mott criou, em 1895, a Federação Mundial de Estudantes Cristãos. Foi secretário geral internacional da Associação Cristã de Moços, presidiu a Conferência Internacional de Missão, em Edimburgo (1910), e o Conselho Internacional de Missões (1921). Mott teve reconhecidos serviços à causa internacional, através dos esforços pela cooperação de todos os cristãos ao longo de quase 70 anos, ao receber o Prêmio Nobel da Paz em 1946. Chegou a presidir o Conselho Mundial de Igrejas (1954), um ano antes de sua morte. (Nota da IHU On-Line)

de 45% por cento dos delegados votaram contra. Grande parte dos pastores e pastoras e também de leigos não comunga dessa posição sectária. É de se lamentar que o ecumenismo, entendido também como abertura ao diálogo e ao respeito à diversidade, tornou-se um fator de divisão na igreja.

**IHU On-Line - Que papel teve o Concílio Ecumênico Vaticano II para a ação e o serviço ecumênicos posteriores? Que pontos merecem ser ainda mais aprofundados/concretizados ou revistos/abandonados dos debates de então?**

**Anivaldo Padilha** - O Concílio Vaticano II representou oficialmente a adesão da Igreja Católica Apostólica Romana ao ecumenismo. Desde então, as relações entre protestantes e católicos se intensificaram em todo o mundo, o que possibilitou ampliar e aprofundar o diálogo e as ações ecumênicas, até então limitadas às igrejas protestantes, anglicanas e ortodoxas. A ICAR passou a participar de conselhos de igrejas em vários países, inclusive no Brasil. A reflexão teológica também se beneficiou muito com a participação de teólogos católicos nos encontros ecumênicos. Talvez, uma das áreas mais beneficiadas foi a da pastoral porque aí há intercâmbios importantes entre leigos e teólogos das diversas igrejas e pessoas não necessariamente religiosas na luta pela paz e pela justiça.

É claro que o aprofundamento dessas relações não esteve e nem está isento de tensões no plano institucional. Na verdade, há recuos. O crescimento do conservadorismo, o enfraquecimento do compromisso ecumênico institucional em algumas igrejas protestantes e os recuos da ICAR em relação aos avanços do Concílio Vaticano II, indicam que o caminho ainda será tortuoso. E os documentos do Vaticano reafirmando a noção romana de que a ICAR é a única e verdadeira Igreja fortaleceu o anticatolicismo existente no meio protestante brasileiro. Entretanto, não sou pessimista, pois o impacto dos avanços conquistados nos últimos 40 anos ainda está presente em muitas das comunidades que vivenciaram esse período e essa experiência continua a ser partilhada

## “O ecumenismo está aí e veio para ficar. Pode-se ser a favor ou contra, mas não se pode ignorá-lo”

com as novas gerações.

**IHU On-Line - E, no Brasil, como foi sendo gestado o diálogo ecumênico? Quais foram os principais momentos dessa história?**

**Anivaldo Padilha** - Da mesma forma que no plano internacional, o movimento ecumênico no Brasil teve seu início e se desenvolveu primeiramente no âmbito das igrejas protestantes. Essa realidade começou a mudar na década de 1950 quando a Confederação Evangélica do Brasil - CEB, criada em 1934, inspirada pelo CMI, criou o Setor de Responsabilidade Social, responsável por desenvolver uma série de reflexões sobre o papel da Igreja no Brasil em um contexto de rápidas transformações sociais e políticas. Duas organizações ecumênicas também contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento desse processo: a União Latino-americana de Juventudes Ecumênicas - Ulaje e a União Cristã de Estudantes do Brasil - UCEB ambas protestantes e formadas por leigos e leigas. Desse processo surge o Movimento Latino-Americano de Igreja e Sociedade - Isal, que teve papel fundamental na organização do pensamento social ecumênico na América Latina, especialmente no Brasil.

A CEB organizou uma consulta e três conferências que impactaram profundamente setores importantes das igrejas protestantes. A consulta nacional, realizada em 1955, teve como tema “A responsabilidade social da Igreja” e lançou as bases para as três conferências que se seguiram: a primeira, em 1957 sobre “A Igreja e as rápidas transformações sociais no Brasil”; a segunda, em 1960, sobre a “Presença da Igreja na evolução da nacionalidade”; e a terceira, em 1962, com o tema “Cristo e o processo revo-

lucionário brasileiro”. Concomitantemente, a partir do início da década de 1960 a ICAR também passa a sentir os efeitos renovadores trazidos pelo Papa João XXIII.

Esses novos ares tiveram grande impacto nas igrejas, especialmente entre a juventude e intelectuais, estudantes, pastores e padres, levando-nos a construir processos de diálogo e de cooperação com outros setores da sociedade, nas lutas pelas transformações socioeconômicas em nosso país. É nesse contexto que germinam as sementes do que veio a ser conhecida como Teologia da Libertação, tanto em suas vertentes protestante quanto católica.

Esse processo é interrompido temporariamente pelo golpe militar de 1964, que leva à prisão, à clandestinidade ou ao exílio grande parte das nossas lideranças e ao desmantelamento das nossas organizações, inclusive da Confederação Evangélica do Brasil.

O período pós-golpe significou reaglutinar as pessoas, criar novas formas de articulação e redefinir nosso papel. Com o impacto renovador do Concílio Vaticano II e do Conselho Episcopal Latino-Americano Celam, em Medellín, em 1968, o movimento ecumênico ganha novo ímpeto e possibilita uma ação ecumênica mais efetiva com a participação de grandes contingentes católicos. É a partir desse momento que começam a surgir as diversas organizações ecumênicas na América Latina reunindo pessoas em torno da reflexão teológica, da defesa dos direitos humanos e promovendo a educação popular. Merece destaque o Centro de Documentação e Informação - Cedi, fundado em 1965, sobre os escombros da Confederação Evangélica do Brasil.

Com a intensificação da repressão e a institucionalização da tortura como método sistemático de interrogatório e instrumento de terror político do Estado, após o AI-5, coube ao movimento ecumênico desempenhar um papel importante em quatro áreas: 1) alimentar as redes ecumênicas internacionais com informações sobre o que se passava nos porões da ditadura; 2) criação de redes ecumênicas de apoio para proteger perseguidos

políticos rumo ao exílio; 3) promover a educação popular junto aos setores mais explorados da sociedade e apoiar as diversas pastorais, especialmente as relacionadas aos trabalhadores urbanos e rurais e às comunidades indígenas; 4) promoção do estudo popular da Bíblia e reflexão teológica sobre os desafios socioeconômicos. É nesse momento que surge a Coordenadoria Ecumênica de Serviço - Cese, em 1975, organizada com a participação oficial de cinco igrejas protestantes e a CNBB para apoio a projetos populares. É nesse momento, também, que surgem as condições que permitiram a criação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - Conic, em 1982.

O processo de redemocratização do Brasil e as grandes transformações no mundo a partir do final da década de 1980 colocaram novos desafios para o movimento ecumênico: deixar de ser o grande “guarda-chuva” das oposições à ditadura; compreender que é apenas mais um entre tantos outros movimentos da sociedade civil; lançar seu olhar para temas antes negligenciados, como as questões de gênero, racismo, diálogo inter-religioso, e os diversos tipos de intolerância existentes na sociedade e nas igrejas. Creio que ainda estamos vivendo esse momento.

**IHU On-Line - Nos anos 1970, o senhor foi preso e torturado por mais de 20 dias pela ditadura militar, quando militava por meio dos movimentos ecumênicos de juventude. Passado quase meio século, que frutos o senhor percebe ter colhido desse seu compromisso?**

**Anivaldo Padilha** - A prisão me fez ver o lado mais sombrio e mais sublime do ser humano. O lado sombrio foi constatar que o ser humano é capaz de praticar brutalidades inimagináveis quando o mal que está dentro de nós se sente livre para agir sem freios de qualquer natureza. A maioria dos torturadores era movida por uma ideologia de ódio que se tornava mais agudo na medida em que percebia que o prisioneiro se recusava a cooperar. Eles sabiam que a tortura era não somente um método de interrogatório, mas também parte de uma política de Terror do Estado.

## “É da natureza do ecumenismo ser democrático e, portanto, desafiar todo e qualquer tipo de estruturas autoritárias”

Não torturavam por prazer, mas para atingir um objetivo político, que era o de quebrar todo e qualquer tipo de resistência. Sabiam claramente que tipo de tortura deviam usar de acordo com o momento. E isso incluía tanto as torturas físicas quanto as morais e o assassinato.

Ao mesmo tempo, experimentei a prática de um dos valores mais nobres e profundos do ser humano, que é a solidariedade e o amor ao próximo. Isso se manifestava de várias maneiras: a força que cada um de nós tentava transmitir ao companheiro que era levado para ser “interrogado”; a manifestação de solidariedade e de cuidados quando um companheiro voltava das sessões de torturas; os momentos de descontração - apesar da tensão real que existia - que nos ajudava a recompor as forças e o senso de autoestima; as discussões sobre o porquê de estarmos lá, que nos ajudavam a renovar nossos compromissos; o espírito de doação e de entrega expressas na compreensão de que a prisão era também uma frente de luta e de resistência, e que poderia nos levar à morte.

A prisão me fez amadurecer como ser humano, aprofundar minhas convicções de Fé e meu compromisso ecumênico. Além de tudo, fortaleceu minha oposição a todo e qualquer tipo de autoritarismo e de intolerância, como valores a serem preservados e inegociáveis.

**IHU On-Line - Por outro lado, como o senhor vê a relação entre democracia e ecumenismo?**

**Anivaldo Padilha** - É da natureza do ecumenismo ser democrático e, portanto, desafiar todo e qualquer tipo de estruturas autoritárias. Essa é uma das razões pelas quais as instituições eclesásticas,

em geral, encontram dificuldades para viver o ecumenismo porque, internamente, elas nem sempre são democráticas. Creio que um dos papéis fundamentais do movimento ecumênico é o de educar para a prática democrática e contribuir para o aprofundamento de uma cultura democrática e da democracia em nosso país.

**IHU On-Line - É preciso “reencantar” o compromisso político das igrejas cristãs diante do cenário atual?**

**Anivaldo Padilha** - As igrejas, como instituições, sempre têm compromissos políticos, sejam eles explícitos ou não que, infelizmente, tendem a ser conservadores. Agora, se entendemos compromisso político como uma ação profética de denúncia das iniquidades sociais acompanhadas de ações concretas de promoção da Justiça, eu diria que o “reencantamento” deve ser visto como uma tarefa permanente. É importante recordar que, mesmo no período da ditadura, quando o regime militar era um divisor muito claro, as igrejas tiveram comportamento contraditório. Foram alguns setores delas que se colocaram contra o regime militar. Outros ou apoiaram ou se omitiram.

A realidade é muito mais complexa hoje. Não há um “inimigo” comum e as opções são mais difusas e, portanto, as ações também. Encontro pessoas e setores das igrejas envolvidos nas mais diversas lutas pela defesa de direitos, inclusive daqueles que parte importante da hierarquia das igrejas considera pecados, como os direitos sexuais e direitos reprodutivos. Se essa participação não é tão visível, talvez seja porque é realizada de forma autônoma e fora do controle das instituições eclesásticas. De certo modo, isso é positivo porque significa que os cristãos, motivados por sua fé, agem cada vez mais como cidadãos, de acordo com suas consciências, e em parceria com outras forças democráticas da sociedade. Vejo isso positivamente, pois evita a tentação que as igrejas sempre tiveram de “baptizar” ou de tutelar os processos sociais e políticos.

**IHU On-Line - A pluralidade cultural e religiosa existente no Brasil hoje**

**é um desafio para as igrejas cristãs? Por quê?**

**Anivaldo Padilha** - Sem dúvida, é um grande desafio porque as igrejas se acostumaram a pensar que o cristianismo tem o direito adquirido de exercer o monopólio religioso no Brasil. No entanto, a realidade sempre foi diferente porque outras formas de práticas religiosas sempre existiram, mesmo quando foram oficialmente desconsideradas e perseguidas.

Um dos grandes desafios para as igrejas, hoje, é o de reconhecerem que representam somente uma parcela, sem dúvida numericamente relevante, da realidade religiosa do Brasil. E que não poderemos desenvolver e fortalecer uma cultura verdadeiramente democrática se elas não reconhecerem a legitimidade das outras religiões dentro da diversidade cultural brasileira. A importância desse reconhecimento não pode ser subestimada, porque isso contribuirá também para a superação do racismo. Refiro-me de forma especial às religiões indígenas e afro-brasileiras que têm sido historicamente discriminadas e demonizadas pelas igrejas.

**IHU On-Line - O tema do Mutirão Ecumênico deste ano é “Unidos em Cristo na defesa da Criação” Em sua opinião, que papel tem o ecumenismo perante a questão ambiental?**

**Anivaldo Padilha** - O ecumenismo já tem dado algumas contribuições importantes, mas, obviamente, é preciso avançar. As reflexões teológicas e os processos de consultas e de mobilizações ecumênicas nacionais e internacionais têm contribuído para desconstruir o discurso teológico Ocidental de que o ser humano não é parte da natureza e que foi criado para dominá-la. Nesse processo, houve uma nova leitura da narrativa da Criação, no Gênesis, que possibilitou o reencontro com as culturas ancestrais e o reconhecimento de que fomos criados juntamente com todas as outras formas de vida e com as quais temos que conviver em harmonia. Isso nos ajuda a olhar o universo em toda a sua totalidade e compreender que fomos criados também para zelar e cuidar dele e não para usá-lo de forma exclusivista.

Temos que avançar na crítica teoló-

gica ao modelo econômico hegemônico e continuar a desafiar a sua lógica de progresso e de crescimento ilimitado baseado na busca frenética do lucro e da acumulação e concentração da riquezas. A reflexão teológica e crítica é uma das contribuições específicas que o movimento ecumênico pode dar.

Um desafio que temos é como envolver cada vez mais igrejas e comunidades nessas reflexões e como inspirá-las a se envolverem mais nas lutas por um novo modelo econômico socioecologicamente sustentável, economicamente viável e socialmente justo e respeitoso para com as culturas locais. É uma equação difícil e, por isso mesmo, desafiante.

**IHU On-Line - A reflexão ecológica, especialmente no Brasil, passa também pela justiça ambiental e pelos direitos dos povos indígenas. Como a ação ecumênica colaborou e pode ainda colaborar para o avanço de propostas concretas em torno desses eixos?**

**Anivaldo Padilha** - Vários estudos mostram que os que mais sofrem as consequências da degradação ambiental, no Brasil, são os pobres, especialmente a população negra e os povos indígenas. Portanto, ao falar de justiça ambiental, temos que ter claro que estamos falando também das suas consequências sociais e do racismo ambiental.

O movimento ecumênico há muitos anos tem tido papel importante nas lutas para a superação do racismo, pela defesa dos direitos dos pobres e pela defesa dos direitos culturais e territoriais dos povos indígenas. Seja atuando diretamente junto dos povos indígenas em apoio aos seus projetos e na divulgação nacional e internacional de suas lutas, seja em ações conjuntas de igrejas, por meio de suas organizações ecumênicas, em ações diretas de incidência sobre os governos.

Em termos de propostas concretas, creio que o papel do movimento ecumênico é o de atuar junto com outras organizações da sociedade civil na busca e no desenvolvimento de propostas. Ele não pode ter a pretensão de que deve ou que tem condições de conduzir processos. Por isso, qualquer proposta concreta terá que nascer da

interação com as comunidades mais atingidas. Creio que o papel do movimento ecumênico é diaconal (serviço ao próximo) e não de protagonista principal.

**IHU On-Line - Que “sinais dos tempos” da sociedade contemporânea mais interpelam as igrejas cristãs hoje, em sua caminhada ecumênica?**

**Anivaldo Padilha** - Creio que o os “sinais dos tempos” estão na crise do sistema financeiro mundial e na crise ambiental que são sintomas de uma crise mais profunda. A crise não é conjuntural. É sistêmica e, como tal, deverá ter impactos profundos em todo o mundo. Como cristãos somos chamados a lançar nosso olhar para além dos vagalhões e identificar quais são as ondas pequenas que estão se movendo no meio desse maremoto. Creio que essas pequenas ondas podem ser identificadas nas ações antissistêmicas, que vão desde as experiências concretas comunitárias que gestam novas formas de relações sociais, políticas e econômicas às grandes manifestações nacionais e mundiais contra o sistema econômico, passando também pelas mobilizações de setores historicamente discriminados em luta por seus direitos, especialmente as mulheres, os negros, os indígenas e homossexuais. São sinais de um novo mundo que está surgindo mas que não sabemos o que será nem quando. Temos que observá-los com os olhos da Fé e interpretá-los com esperança.

**IHU On-Line - Recentemente, o senhor participou de debates e da organização de um abaixo-assinado em apoio à proposta de criminalização da homofobia, por ocasião da Parada Gay. Como debater a questão de gênero de forma ecumênica? É possível um compromisso cristão em torno dessa luta?**

**Anivaldo Padilha** - Alguns levantamentos indicam que um homossexual é assassinado a cada 36 horas no Brasil. E tudo indica que esses dados não são completos, uma vez que muitos assassinatos de homossexuais não são registrados como tal. Essa é a realidade e é contra ela que temos que reagir.

Temos que reconhecer que as igrejas

têm uma grande parcela de responsabilidade pela disseminação do preconceito e do estigma contra pessoas cuja orientação sexual não coincide com os padrões estabelecidos pela nossa cultura, baseada em valores patriarcais. Nesse sentido, as igrejas são corresponsáveis por essa violência.

Creio que é mais fácil discutir a questão da diversidade de gênero no âmbito ecumênico do que nas igrejas porque encontramos mais liberdade de pensamento, de expressão e de ação nos espaços ecumênicos. Em minha opinião, a abordagem a partir de uma visão democrática e republicana é mais fácil e mais produtiva.

Para mim, a discussão teológica e dos textos bíblicos é muito importante e é isso que temos feito nos círculos ecumênicos nos quais transito. Entretanto, não considero importante a discussão sobre se homoafetividade é ou não pecado quando se trata de garantia de direitos civis. Essa é uma questão política e deve ser considerada no âmbito do Estado, e o Estado brasileiro é laico. Portanto, não compete ao Estado tomar decisões com base em princípios religiosos de nenhuma religião em particular.

As igrejas têm o direito garantido na Constituição de definir o que é pecado e estabelecer regras para qualquer tipo de comportamento e exigir que seus membros sigam rigidamente essas regras. Mas não têm o direito de impô-las a toda sociedade nem de ofender ou violentar a integridade moral das pessoas que estão fora do seu aprisco.

Felizmente, o que parecia unanimidade nas igrejas há algum tempo deixou de sê-lo. Os conflitos sobre sexualidade nas igrejas mostram que essa unanimidade não existe e que as igrejas deixaram de ser impermeáveis às demandas por respeito e justiça por parte da comunidade LGBT. Atualmente, testemunhamos o crescente engajamento de cristãs e cristãos nas lutas pela defesa de direitos e pela superação da homofobia. Portanto, já há um crescente compromisso cristão-ecumênico em torno dessa luta, mesmo porque, grande parte de gays e lésbicas professam a fé cristã, apesar de serem rejeitados pela maioria das igrejas.

## Ecumenismo, ecologia, economia: um olhar feminino e feminista

Três palavras que compartilham o oikos: unidade básica social. Três formas de estar no mundo e de organizar a vida no mundo. Quem é ecumênico interessa-se mais pelo oikos do que pela norma, afirma a teóloga metodista Nancy Cardoso Pereira

POR MOISÉS SBARDELOTTO

“Quem é ecumênico não abandona sua capacidade interpretativa e política”. Para a teóloga metodista Nancy Cardoso Pereira, só quem é ecumênico consegue fazer a crítica da lógica capitalista, da religião como fundamento de justificação das desigualdades, do agronegócio que faz a terra e a gente gemer, do capitalismo na agricultura que devora os campos e destrói o oikos, a casa comum de todos e todas, o mundo.

Por isso, reafirma, o ecumenismo é muito mais do que unidade dos cristãos ou do diálogo com judeus e muçulmanos. “O ecumenismo é a pergunta por um outro mundo possível. O ecumenismo é atitude, postura política diante do mundo todo habitado”, diz, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Um movimento ecumênico significativo, na opinião de Nancy, é aquele que repensa “a ocupação humana, sua lógica de relação com o planeta e a criação de novas relações sociais”. Nesse sentido, a teóloga defende um “ecossocialismo feminista”, ou seja, um exercício, a partir das lutas das mulheres camponesas, de outras possibilidades de “organizar a produção, a reprodução, a distribuição e o consumo da vida”, na contramão do “estupro do corpo da terra, do corpo social que geme de dor” praticado pelo capitalismo. “A agroecologia implica numa relação erótica com o mundo, dar e receber prazer, comida, saúde: gemer de satisfação”, conclui.

Teóloga e filósofa metodista, Nancy Cardoso Pereira é mestre e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - Umesp, e pós-doutora em História Antiga pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Atualmente, é professora e coordenadora no Curso de Teologia e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Severino Sombra, do Rio de Janeiro. Membro do conselho editorial da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, é também agente da Comissão Pastoral da Terra - CPT. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O que é ser ecumênico, em uma perspectiva ecológica? Por outro lado, como o capital, o mercado e o patriarcado moldaram a nossa relação com o meio ambiente? O ecumenismo nos ajuda a superar esse desafio?**

**Nancy Cardoso Pereira -** Três palavras vizinhas se atritam aqui: economia, ecologia, ecumenismo. As três compartilham o oikos: unidade básica social (casa, mas também mundo). Simplificando: economia - oikos + nomos (lei/norma); ecologia - oikos

+ *logos* (compreensão/estudo); ecumenismo - *oikos* + forma do particípio passivo feminino (habitado/habitantes). São assim três formas de estar no mundo e de organizar a vida no mundo. Enquanto a economia dispõe, normatiza sobre o modo de produção da vida na relação com o mundo, a ecologia se ocupa de entender essas relações suas lógicas e implicações e o ecumenismo se pergunta pelas formas (objetivas e subjetivas) de ocupação/vivência do mundo. A religião é uma das linguagens disponíveis das formas sociais de organização da vida.

Então, tudo depende de como entendemos a religião mesmo, de modo especial, como entendemos a religião numa economia de mercado e suas relações com o mundo/planeta. Entendendo a economia como a forma básica de organização da sociedade e seus arranjos da vida material, seria importante perguntar pelas correlações entre crenças e as mobilidades/imobilidades sociais. De um modo geral, a religião - de modo especial as novas formas religiosas dentro do cristianismo - cumpre seu papel hoje de “dar alma” para a lógica capitalista, liberando a acumulação privada de bens. Na forma da “benção”, da “prosperidade”. Nesse sentido, o capitalismo encontra na religião um fundamento de justificação e legitimação das formas desiguais de usufruto do mundo. Na articulação interna do fenômeno religioso temos total identidade e homogeneidade; o dissenso se dá na forma da fidelização dos grupos sociais. A volatilidade da crença é aparente e não compromete a função que o mercado designa para a religião e a circulação dos bens religiosos.

Nesse sentido, os sistemas de crença podem ser mais ou menos pressionados pelos conflitos econômicos e políticos, viabilizando narrativas de pretensão da norma, do conhecimento e da pertença. Ser ecumênico é fazer a pergunta sobre o lugar dos sistemas de crença no conjunto das relações sociais... acessar seu/um/algum sistema de crença sendo capaz de perceber o conjunto das relações sociais de poder implicadas. Quem não é ecumênico não consegue fazer a crítica da religião! Quem é ecumênico não aban-

## “Quem não é ecumênico não consegue fazer a crítica da religião”

dona sua capacidade interpretativa e política: interessa mais o *oikos* que a norma. Quem é ecumênico pergunta pelos viventes, o conjunto dos habitantes, e, a partir daí, pode questionar e desafiar as normas (econômicas) e os arranjos/valores (ecologia). É por essas e outras que o ecumenismo é muito mais que unidade dos cristãos ou diálogo com judeus e muçulmanos! O ecumenismo é a pergunta por um outro mundo possível. O ecumenismo é atitude, postura política diante do mundo todo habitado. Por isso, o ecumenismo é rechaçado e indesejado nas igrejas cristãs que não aceitam abrir mão de seu lugar de poder na formulação civilizatória hegemônica.

**IHU On-Line - Em sua opinião, sobre que bases teológicas o ecumenismo pode ser fortalecido na sociedade contemporânea? Em que pontos é possível encontrar consensos e parâmetros básicos?**

**Nancy Cardoso Pereira** - Fortalecer o ecumenismo é fortalecer uma teologia crítica. Entre nós é a Teologia da Libertação<sup>1</sup> (método e espiritualidade) que oferece bases teológicas, políticas e eclesiológicas de repensar os sistemas de crença, repensando os sistemas de norma da economia e as formas de relação e apropriação com o mundo.

**IHU On-Line - Nesse contexto, quais as contribuições específicas do metodismo?**

**Nancy Cardoso Pereira** - O metodismo hoje no Brasil não tem contribuição teológica nem eclesiológica significativa

<sup>1</sup> **Teologia da Libertação:** corrente teológica que engloba diversas teologias cristãs desenvolvidas no Terceiro Mundo ou nas periferias pobres do Primeiro Mundo a partir dos anos 1970. São baseadas na opção preferencial pelos pobres contra a pobreza e pela sua libertação. Desenvolveu-se inicialmente na América Latina. Confira a edição 214, de 02-04-2007, da IHU On-Line dedicada a essa temática, disponível em <http://migre.me/5uV70>. (Nota da IHU On-Line)

na pergunta pelo “mundo habitado”. Como em outras igrejas, a teologia do metodismo é de caráter empresarial e plenamente funcional ao modelo econômico.

**IHU On-Line - A partir da tradição brasileira e latino-americana, como a teologia pode estimular a caminhada ecumênica, e em que a ação ecumênica pode desafiar os debates teológicos?**

**Nancy Cardoso Pereira** - O que temos de ecumenismo no Brasil e na América Latina é fruto da Teologia da Libertação; na compreensão da “igreja dos pobres”, criou-se uma impressionante e persistente rede ecumênica. A “igreja dos pobres” explicita a pergunta por outra forma de organizar a economia, as normas. Tem gente que se diverte dizendo que “essa teologia fez a opção pelos pobres, e os pobres fizeram a opção pela igreja pentecostal/carismática”... Os movimentos carismáticos e pentecostais de mercado são uma resposta violenta aos significativos avanços ecumênicos de uma igreja (no caso do cristianismo) não alinhada com o poder. A violência imperou e impera em faculdades de teologia, editoras, círculos de estudo. Só quem continua com os pés e o coração na luta do povo é que tem conseguido nem se vender, nem se render.

**IHU On-Line - Em sua opinião, quais são os principais desafios ou obstáculos eclesiais, sociais e culturais para o ecumenismo no contexto brasileiro? Por outro lado, que avanços ainda são necessários por parte das igrejas cristãs na caminhada ecumênica?**

**Nancy Cardoso Pereira** - As igrejas não conseguem ser ecumênicas. O princípio de manutenção das instituições inviabiliza a crítica e a autocrítica... e, sem isso, não há ecumenismo. São as contradições e as disputas na vida social que vão criar os estranhamentos. O neoliberalismo não durou nem três décadas, e nesse período as elites quiseram desmontar o Estado e dar espaço para o capital especulativo... e as igrejas se tornaram roletas de prosperidade que substituíam os instrumentos de proteção social (saúde, emprego, segurança). Com os limites expostos nos sistemas europeus e norte-

americano, o sentimento de decadência vai continuar gerando ressentimento, e forças neoconservadoras insistirão no fundamentalismo como resposta. Mas essas contradições fazem emergir também forças progressistas e vão exigir das igrejas outras respostas.

**IHU On-Line - Como as igrejas podem se comprometer de forma mais eficaz com os sujeitos contemporâneos mais vulneráveis no contexto brasileiro, como as mulheres, os negros, os indígenas e os homossexuais?**

**Nancy Cardoso Pereira** - Quero lembrar o que aprendemos com D. Pedro Casaldáliga<sup>2</sup>: “São Paulo, depois de tantos dogmas que anuncia, tantas brigas teológicas, tantas intrigas por cultura, dá um conselho único: ‘o que eu peço de vocês [é] que não esqueçam dos pobres; o que eu peço de vocês [é] que não esqueçam a opção pelos pobres, essencial ao Evangelho, à Igreja de Jesus’. A opção pelos pobres. E esses pobres se concretizam nos povos indígenas, no povo negro, na

<sup>2</sup> Dom Pedro Casaldáliga: bispo prelado de São Félix, Mato Grosso. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Felix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena a terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da IHU On-Line, de 18-04-2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*, disponível em <http://migre.me/5uUUu>. (Nota da IHU On-Line)

mulher marginalizada, nos sem-terra, nos prisioneiros... nos muitos filhos e filhas de Deus proibidos de viver com dignidade e com liberdade”.

**IHU On-Line - A temática do Mutirão Ecumênico deste ano é “Unidos em Cristo na defesa da Criação”. Diante de ecossistemas tão ricos e variados como os brasileiros, especialmente na região Sul do país, qual o papel das igrejas? Por outro lado, o que significa “defender a Criação”?**

**Nancy Cardoso Pereira** - Tenho viajado muito pelo interior do Rio Grande do Sul para conhecer os desafios das escolas nas áreas camponesas... e o latifúndio continua sendo um escândalo! A lógica econômica e ecológica é de exaustão do bioma pampa tanto pelas práticas tradicionais da pecuária e das monoculturas tradicionais (fumo, arroz, soja) como também da disseminação das florestas artificiais (Aracruz, Votorantim, Stora Enso). O impacto sobre as formas de ocupação do território é devastador: esvaziamento, envelhecimento e masculinização da população do campo. O impacto social também é evidente: fechamento de escolas, inexistência de políticas públicas. Para mim, um movimento ecumênico significativo no RS deveria assumir a luta pela reforma agrária como fator vital de repensar a ocupação humana, sua lógica de relação com o planeta e a criação de novas relações sociais. Estas questões eu socializei num livreto sobre o “ecossocialismo feminista” que exercita a

partir das lutas das mulheres camponesas possibilidades outras de organizar a produção, a reprodução, a distribuição e o consumo da vida. É terra, é escola, é produção, é sexo, é soberania alimentar. Uma relação erótica com o mundo.

**IHU On-Line - O lema do encontro é: “A criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus”. Como podemos compreender hoje essa afirmação de Paulo aos cristãos de Roma, diante da crise ecológica? Nesse sentido, quais são as contribuições do “ecossocialismo feminista”, defendido pela senhora?**

**Nancy Cardoso Pereira** - O agronegócio faz a terra e a gente gemer! Gememos sem terra, sem casa, sem emprego. Gememos nas cidades superlotadas! O capitalismo na agricultura devora os campos e pampas e expulsa do território gentes, seres, água. É uma relação de estupro do corpo da terra, do corpo social que geme de dor. Numa proposta ecossocialista, a agroecologia coloca outra norma, outra lógica de organização e de vida com a terra, na terra. A agroecologia implica numa relação erótica com o mundo, dar e receber prazer, comida, saúde: gemer de satisfação.

#### LEIA MAIS

Nancy Cardoso Pereira já concedeu outra entrevista à IHU On-Line.

• O papel das mulheres na indústria. Edição 331, de 31-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ieZego>

## EAD - JESUS E O REINO NO EVANGELHO DE MARCOS - 2011

INÍCIO - 22-08-2011

INFORMAÇÕES EM [HTTP://MIGRE.ME/5UPTC](http://MIGRE.ME/5UPTC)

## De apocalípticos a proféticos: a metanoia necessária diante da Criação

É necessária uma “mudança de paradigma” diante da crise ambiental: uma revisão de ideias, hábitos e práticas rumo a uma nova organização coletiva. A perspectiva profética abre mais fortemente a possibilidade de esperança, defende o teólogo Haroldo Reimer

POR MOISÉS SBARDELOTTO

“**D**efender a Criação”, como afirma o tema do Mutirão Ecumênico deste ano, “é um propósito nobre e necessário em face do exercício do amor e da solidariedade cristã”. Na opinião do teólogo luterano Haroldo Reimer, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, dificilmente existe a chance de salvar a Criação por parte dos seres humanos. “Podemos, sim, assumir uma posição de defesa, que implica em intervir nas discussões públicas com ações afirmativas e propositivas”, explica.

Em vez de uma postura apocalíptica, o teólogo defende uma leitura “em perspectiva profética”: “Há uma crise no horizonte, já em processo acelerado de execução. Mas ainda pode haver tempo para promover ações capazes de frear o processo. A isso poderíamos dar o nome religioso de ‘conversão’, ou até usar o termo grego *metánoia*”, ou seja, uma “mudança de paradigma” e axiológica, defende. É preciso compreender que “somos parte de um todo. Nós humanos somos um subsistema dentro de um sistema maior. A organização do todo não existe em função dos humanos”, defende. Nesse sentido, “as contribuições de Francisco de Assis devem ser um patrimônio comum às igrejas. Considerar o planeta como uma grande casa é um elemento valioso da mística”, diz.

Haroldo Reimer é teólogo luterano, doutor em Teologia pela Kirchliche Hochschule Bethel, da Alemanha, e pós-doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. É também professor titular no Departamento de Filosofia e Teologia da PUC Goiás e professor da Universidade Estadual de Goiás - UEG. É autor, dentre outros, de *Toda a Criação* (Oikos Editora, 2006), *Gênesis - casa comum: espaço da vida, cuidado e felicidade* (Cebi, 2007) e *Bíblia e ecologia* (Reflexão, 2010). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como podemos compreender o significado do ecumenismo hoje? De Babel a Pentecostes, que fundamentos bíblicos podemos encontrar para a busca da “unidade na diversidade” cristã?**

**Haroldo Reimer** - Em termos bíblicos, Babel é indicativo para um projeto de domínio. É um texto com fortes traços míticos. “Façamos grande o nosso nome”, afirma-se no texto de Gênesis 11. A língua e o poder militar vinculados à torre de controle das cidades, vinculados à estrutural imperial mesopotâmica, expressam anseios de dominação cultural e militar. O texto bíblico, em Gênesis 11, propõe o desmantelamento das estruturas de domi-

nação, sinalizando positivamente para a diversidade de línguas e culturas, sem um centro de dominação. As pessoas e os povos poderiam ou deveriam viver na dispersão no mundo habitado, na legitimidade e dignidade de sua própria codificação simbólica, a que chamamos de cultura, incluindo a cultura religiosa.

O evento de Pentecostes, narrado em Atos 2, afirma fundamentalmente que cada um pôde entender na sua própria língua. Não se fala da necessidade ou existência de uma língua universal; ressalta-se o entendimento do evangelho dentro do código próprio da língua e da cultura de cada grupo, em toda sua diversidade. Não há aí, pois,

um projeto de poder ou de dominação. Na recepção do texto, contudo, tal lógica de dominação acabou sendo imposta quando a igreja se amoldou grandemente à estrutura de dominação do império romano.

A exclusividade e o monopólio da verdade cristã foram tônicas no discurso de vários dos “pais da igreja”, grandes teólogos, mas cuja recepção e influência se encontram em momentos de transição e estruturação de uma lógica de poder que perdurou por séculos e séculos, claro com variantes e em face de constantes desafios, também de ordem militar, como, por exemplo, o avanço islâmico a partir do século VIII. A Reforma Protestante, assumindo

impulsos reformistas anteriores, rompeu com esta estrutura monolítica da relação da igreja com o império, sem, contudo, necessariamente romper com a relação Igreja/Estado. O conflito da ruptura simultaneamente demandou os esforços por aproximação e reconciliação. Os “espíritos ecumênicos” sempre tiveram clareza de que o ponto principal de aproximação entre os grupos eclesiais distintos é a fidelidade ao Evangelho. Esta fidelidade, contudo, não significa nenhuma forma de uniformização. A expressão “para que todos sejam um”, em João 17, indicativa do propósito da unidade, não significa uniformidade, mas fidelidade ao núcleo central: o exercício do amor a Deus e ao próximo.

**IHU On-Line - Em nível mundial, como o senhor analisa a caminhada ecumênica até hoje? Que avanços ocorreram e que pontos ainda precisam ser mais trabalhados? Em sua opinião, qual o papel da igreja luterana nesse contexto?**

**Haroldo Reimer** - A pergunta até extrapola a minha competência. Tenho participado do movimento ecumênico, mas não sou um especialista no assunto. Outros o são. Tenho percebido que a movimento ecumênico conseguiu colocar importantes pontos na agenda de discussões, que tem a ver com questões da comunidade global. Especialmente o Conselho Mundial de Igrejas, por meio de várias iniciativas, conseguiu promover a discussão das questões ecológicas. Houve e há sintonia com esforços no âmbito da Organização das Nações Unidas. Aí houve avanços. Ideias puderam ser disseminadas e fertilizadas, ajudando a dar passos rumos a uma mudança de paradigma.

Mas parece haver certos entraves no movimento que derivam da força conservadora das grandes tradições religiosas no Ocidente. Aí afloram problemas históricos com questões de gênero. No seio das igrejas, a ordenação de mulheres pode ser mencionada como exemplo. No contexto da sociedade em geral, é forte a discussão sobre os direitos reprodutivos. As igrejas têm um patrimônio simbólico a ser

## “Os humanos se tornaram uma ameaça ao ambiente natural, uma ameaça progressiva para a saúde do planeta”

preservado e transmitido às gerações presentes e futuras. Este patrimônio não pode ser enterrado, mas deve ser colocado em circulação e enriquecido com novos elementos.

A igreja luterana tem sido um espaço ecumênico. No Brasil, ela atuou de forma propositiva para a constituição do movimento ecumênico formal. Grandes lideranças ecumênicas foram forjadas no seio da comunidade luterana, por vezes até em divergência com setores internos mais resistentes ou conservadores. Com um espírito ecumênico, ela se nega a participar da acirrada disputa “por almas”. Nisso se expressa a convicção de que Deus, como princípio criador e redentor, não está limitado a determinada confissão religiosa e nem se substancia em determinada estrutura religiosa, como foi expresso há anos atrás por documento controverso emanado do espaço católico-romano oficial. Mesmo com retrocessos como a proposta do ensino religioso confessional, a igreja luterana tem mantido a sua abertura para o diálogo e a caminhada ecumênica. Isso expressa confiança e maturidade, sendo fruto de uma espiritualidade cultivada em meio a adversidades.

**IHU On-Line - A temática do Mutirão é “Unidos em Cristo na defesa da Criação”. Para o senhor, o que significa “defender a Criação”? E como a “unidade em Cristo” inspira e estimula essa defesa?**

**Haroldo Reimer** - Os sinais de desajustes ecossistêmicos “na Criação” são evidentes. A cada dia se tornam mais patentes. Por um lado, a natureza tem seu ritmo próprio, muitas vezes surda e indiferente às agruras ou sofrimentos humanos. Grandes catástrofes como terremotos, tsunamis ou deslizamentos são exemplos para isso.

Por outro lado, há desajustes que se devem claramente à ação humana sobre o ambiente. A poluição do ar, das águas e do solo é decorrência direta da intervenção das pessoas no espaço. O desmatamento de grandes áreas e a ocupação desenfreada e desmedida de espaços é outro exemplo. A lógica consumista, sem consciência dos impactos no ambiente, atrelada à ganância por lucros de, infelizmente, ainda muitos segmentos do universo capitalista acelera as intervenções nefastas. Os índices em geral mostram que, quando há um aumento na produção, há aumento do avanço sobre os recursos naturais. Em jogo estão duas questões que se conjugam, mas que deveriam receber tratamento diferenciado: a necessidade de acesso aos recursos naturais para possibilitar vida digna para milhões de pessoas e a voracidade consumista-capitalista desenfreada. O ambiente e, nele, as pessoas pobres são os segmentos mais ameaçados.

“Defender a Criação” é um propósito nobre e necessário em face do exercício do amor e da solidariedade cristã. Trata-se uma declaração de defesa da vida de milhões de pessoas pobres que estão alijadas do acesso aos bens naturais para suprir sua vida em dignidade. Simultaneamente, trata-se de uma declaração de defesa da integridade do ambiente como um todo. Há nomes distintos que podemos usar para nos referir ao espaço ou mundo que habitamos: criação, natureza, ambiente. Colocar esta defesa da Criação sob o lema da “unidade em Cristo” remete para a identidade ou aos objetivos dos proponentes; são pessoas cristãs que querem abraçar esta causa. Numa rede muito maior de iniciativas em prol do ambiente ou da Criação, há um grupo com identidade cristã que dá ou visibiliza a sua contribuição. Isso é bom e deve ser bem-vindo.

Mas a proposta deve ser tratada com ufanismo. É louvável que na formulação temática não apareça a expressão “salvar a criação”, como foi o caso em outros momentos. Para nós humanos, dificilmente existe a chance de salvá-la. Podemos, sim, assumir uma posição de defesa, que implica em intervir nas discussões públicas com ações afirma-

tivas e propositivas. Estas, preferencialmente, deveriam vir acompanhadas com práticas efetivas, condizentes com as respectivas propostas. Quando a igreja propõe, ela mesma deveria ser o campo experimental da ação, no sentido de fomentar a credibilidade da proposta. E há entre as igrejas, especialmente aquelas envolvidas na proposta ecumênica, muitas iniciativas boas e louváveis.

**IHU On-Line - Quando se fala em Criação, logo se remete aos dois relatos do Gênesis. A que contexto social e histórico esses relatos buscam responder? E que Deus e que ser humano eles nos revelam? O que é necessário reforçar ou revisar desses relatos diante do contexto contemporâneo?**

**Haroldo Reimer** - As páginas iniciais da Bíblia expressam a perspectiva judaico-cristã acerca das origens do mundo habitado. Apesar de sua ampla aceitação e domínio sobre o imaginário ocidental, enquanto textos sagrados oficiais, estes relatos iniciais da Bíblia são uma expressão de fé entre muitas outras. Muitos povos ao redor da Terra procuraram responder à pergunta pela origem do mundo habitado e das pessoas, produzindo narrativas a respeito. Hoje, mais de 200 relatos da criação estão catalogadas, revelando uma riqueza e uma diversidade cultural enormes.

Os dois relatos da Criação em Gn 1 a 3, no texto atual formatados como relato contínuo, remetem ao intento de segmentos do povo hebreu de construir uma narrativa capaz de responder às perguntas pela sua origem última. A resposta, em forma de narrativa, normativa e mítica, é dada a partir da perspectiva da fé monoteísta. Dizer que Deus, em particular o Deus dos hebreus, Yahweh, está na origem de todas as coisas é um confissão de fé, que busca ser afirmada como uma fé-doutrina. A emergência destes relatos brota, por um lado, da própria necessidade - interna - de um povo de construir uma narrativa sobre a sua origem.

Por outro lado, o momento histórico do exílio e do pós-exílio de amplos segmentos do povo judeu, durante o século 6 a.C., favoreceu a formatação

**“A perspectiva profética abre mais fortemente para a possibilidade de esperança. Ainda é possível esperar pela reversão de um processo acelerado de conversão”**

destas narrativas. No contexto de chamada tolerância dos persas, que dominaram a Palestina no século VI e V a.C., a reorganização de povos subjugados era permitida e fomentada. Assim, os hebreus tiveram um impulso externo para formatar seu relato de origem. Este relato deveria contribuir sensivelmente para outorgar identidade a um povo em fase de reorganização.

O relato de Gênesis 1 a 3 expressa a imagem de um Deus vinculado com o espaço criador, a Criação. Criação pode ser entendida aí como um ato ordenador a fim de possibilitar um espaço para a vida em conjunto num lugar. Deus é o criador e também o mantenedor da Criação. A mim alguns detalhes chamam a atenção no texto. A Criação é considerada como sendo “boa”. Mesmo antes da criação dos humanos, cada elo da Criação tem seu valor próprio, independente de sua funcionalidade em relação ao homem. A ordenação do “dominar em subjugar”, em Gênesis 1,28, deve ser suplantada, em termos interpretativos, pela ordenação de “cultivar e guardar”, em Gênesis 2,7. A “ordem” da criação está construída numa ordenação do tempo. Há tempo para trabalho e um tempo para pausa. O tradicional *shabat* significa interromper a atividade laboriosa e usufruir do descanso. Deus assim o fez; pessoas, numa espécie de *imitatio dei*, podem fazer o mesmo. Transparece no texto a imagem de um Deus que está vinculado com a Criação. Deus é coabitante da criação e quer dividir com os demais a responsabilidade da manutenção desta complexa criação.

**IHU On-Line - O lema do Mutirão des-**

te ano é o versículo de Romanos 8, 19: “A criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus”. Qual o contexto e o significado mais profundo dessa afirmação de Paulo aos cristãos de Roma? Como podemos compreendê-la hoje, diante da chamada crise ecológica?

**Haroldo Reimer** - Para mim, esta frase da carta de Paulo aos romanos é expressão de um pensamento apocalíptico. O autor antevê o final dos tempos; prevê um tempo de tribulações antes do tempo final. Os gemidos da Criação, os sofrimentos antes da virada do éon, do tempo, são característicos de textos apocalípticos. Paulo comunga aí de um gênero literário e de certo jeito de pensar. Em meios aos sofrimentos vindouros ou em andamento, a pessoa justa é recomendada ao exercício da solidariedade, à fidelidade, a fim de alcançar o ‘galardão’ da recompensa na vida no novo tempo. Esta postura, contudo, não tem a eficácia de reverter a virada em processo, antevista pelo apocalíptico.

Hoje, não necessariamente precisamos ser adeptos de um modo de pensar apocalíptico. Porque esse jeito de pensar impede a espera por reformas antes da catástrofe. Como leitores e leitoras do texto, nós somos antes compelidos a fazer uma releitura, que é um artifício próprio de mecanismos de recepção de textos sagrados. Diante da chamada crise ambiental, com suas multifacetárias manifestações, é preferível cultivar uma perspectiva da situação com abertura para mudanças ou intervenções transformadoras. A natureza tem seu ritmo próprio, com crises em momentos distintos da história natural. Isso há de continuar. Contudo, há décadas, ou talvez alguns séculos, os humanos, como comunidade planetária, construíram um modo de organização com interferências exacerbadas, danosas e até nefastas ao ambiente, com capacidade acumulada para colocar o próprio planeta em risco. Há cientistas que falam até que, mundialmente, já estaríamos numa nova era geológica, o chamado “antropoceno”, justamente marcado pela dominância dos humanos como comunidade global. Os humanos se tornaram uma ameaça ao ambiente natural,

uma ameaça progressiva para a saúde do planeta!

Diante desta constatação, é preferível ler o texto em questão sob a perspectiva profética, no seguinte sentido: há uma crise no horizonte, já em processo acelerado de execução. Mas ainda pode haver tempo para promover ações capazes de frear o processo, talvez não com resultados imediatos, mas em perspectiva de longo prazo. A isso poderíamos dar o nome religioso de “conversão”, ou até usar o termo grego *metánoia*. Numa linguagem mais acadêmica ou científica, falamos de “mudança de paradigma”: um conjunto de ideias, hábitos e práticas necessita passar por revisão rumo a uma nova organização coletiva. Não se pode mais privilegiar somente um subsistema dentro do sistema global. Tradicionalmente, tem-se privilegiado o subsistema econômico em detrimento do ecossistema maior ou global.

A perspectiva profética abre mais fortemente para a possibilidade de esperança. Ainda é possível esperar pela reversão de um processo acelerado de conversão. Neste sentido, a ardente expectativa de criação é a da revelação mais plena do ser humano. Essa amplitude de perspectiva ou visão alargada tem a ver com uma espiritualidade holística ou integral. O conjunto das relações deve ser pensado, avaliado e redirecionado com vistas às perspectivas de paz, de bem-estar ou de justiça no horizonte da história. O humano passa a desenvolver um novo tipo de relação com os elementos fenomênicos do ambiente. Projetam-se novos valores, símbolos, sobre os elementos da natureza. Trata-se de uma mudança axiológica, que é alvissareira, podendo atingir um momento quântico de expansão e aceitação.

**IHU On-Line - Em sua opinião, há visões antropológicas ou cosmológicas que as igrejas precisam mudar para que se dê novo valor ao ecumenismo e à ecologia?**

**Haroldo Reimer** - O movimento ecumênico é ou deveria ser aquele movimento que cultiva fortemente a noção de que, como humanos, habitamos o grande ecúmeno, o planeta Terra. As

aproximações físicas serão cada vez mais intensas. Praticamente não existem mais novas fronteiras de colonização no planeta. A diversidade cultural, apesar das tendências para sua homogeneização, é e continuará a ser uma realidade. É preciso construir aproximações para além da proximidade física irrefreável, salvo em condomínios fechados, privados.

Como humanos, somos seres ligados à história e ao destino do planeta. Isso me parece ser uma dimensão a ser ressaltada. Irremediavelmente, com a globalização passamos a ter um destino comum. Somos parte de um todo. Nós humanos somos um subsistema dentro de um sistema maior. A organização do todo não existe em função dos humanos! Essa percepção tem a ver com a superação do tradicional e ainda influente esquema do chamado dualismo ocidental, segundo o qual a dimensão corporal recebe menos importância. Ao padecer o corpo - da pessoa e da terra -, padece o todo.

Para as igrejas, é importante dar-se conta de que a questão ecológica não é um modismo passageiro. É o tema do século ou talvez dos séculos seguintes. As mudanças climáticas terão efeitos duradouros sobre vida, esperança e sofrimento das pessoas. Talvez os desajustes ambientais venham a provocar mais sofrimentos que todas as guerras juntas. Aí, comunitária e coletivamente, mas passando pela consciência individual, há de se criar novas práticas, novos jeitos de pensar e agir.

**IHU On-Line - Em sua opinião, quais são as principais contribuições da teologia e da mística cristãs para a “defesa da Criação”, como sugere o tema do Mutirão Ecumênico?**

**Haroldo Reimer** - A teologia e a mística cristãs têm uma contribuição importante a dar. Mas esta contribuição é uma entre muitas. Primeiramente, sempre deve haver o reconhecimento de que a igreja comungou, em boa medida, do espírito moderno, do capitalismo voraz em relação aos recursos da Criação. Isso vale em especial para as igrejas protestantes, mas não só. Reconhecido o pecado, pode-se obter a justificação para

o novo agir. Simultaneamente, porém, podem-se e devem-se receber, manter e transmitir as contribuições importantes em termos de espiritualidade ecológica surgidas ao longo dos tempos.

As contribuições de Francisco de Assis devem ser patrimônio comum às igrejas. Considerar o planeta como uma grande casa é um elemento valioso da mística. Importa reconhecer e cultivar a ideia de que a casa é o espaço fundamental de vida e que deve ser preservada, cuidada. Creio que as tradições sabáticas elaboradas nos textos da Bíblia constituem outro elemento valioso. A partir de uma perspectiva de fé, a vida não se constitui e não se consoma na incessante atividade laborativa. O trabalho é parte integrante da dignidade humana, mas não pode ser seu objetivo e fim último.

O descanso e o ócio são igualmente constitutivos para a dignidade da pessoa humana. Isso deveria ser afirmado como mais ênfase em face de desenvolvimentos globais com tendência a redução de jornadas de trabalho em decorrência de racionalizações das atividades produtivas. O valho ranço teológico dualista deveria ser superado em prol destas perspectivas da Criação como uma grande embora complexa unidade. E o indivíduo, com suas percepções individuais, passa a ser valorizado como elemento a partir do qual começa a se operar um “caminho mental”; o ponto de mutação passa pelo indivíduo; sua multiplicação pode atingir um estágio quântico, gerando efetiva mudança de paradigma. As igrejas podem contribuir para isso; têm capital simbólico acumulado para esta empreitada. Com o que se estarão dando passos efetivos e realizando ações efetivas de “defesa da criação”.

#### LEIA MAIS

Haroldo Reimer já concedeu outra entrevista à IHU On-Line.

• A terra, os pobres, os animais: uma visão ecológica da vida. Edição 346, de 04-10-2010, disponível em <http://bit.ly/cDvxTe>

## “A abertura para a unidade com o outro/a é inerente à identidade”

A identidade, também religiosa, só é possível na consciência de si frente a alguém. É construída a partir da não identidade, ou seja, da alteridade, afirma o teólogo Erico Hammes

POR MOISÉS SBARDELLOTTI

“**S**er alguém depende de ser alguém para alguém. A identidade só é possível na consciência de si frente a alguém”. Para o teólogo e professor da PUCRS, Erico Hammes, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, “a consequência natural é que o outro é a possibilidade para ser o mesmo, para ter uma identidade”.

Em termos de ecumenismo, afirma, “a diversidade confessional pode ser entendida como manifestação da alteridade, a partir da qual se gera a própria identidade, e da identidade que se precisa reconstruir a partir da alteridade”.

Por isso, “parece inerente à identidade a abertura para a unidade com o outro, com a outra. Aquela e aquele de quem se origina a identidade são parceiras e parceiros naturais para a unidade. A dificuldade, porém, está em reconhecer essa condição, motivo pelo qual a tentação do fundamentalismo e do sincretismo - enquanto negação da diferença ou diversidade - acompanham a busca, aparentemente instável da unidade dinâmica”, explica.

Erico João Hammes é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição e em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, onde é professor dos cursos de mestrado e graduação em Teologia. É mestre e doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, em Roma, com a tese *Filii in Filio: A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento. Um estudo em Jon Sobrino* (Porto Alegre: Edipucrs, 1995). Em 2011, concluiu seu estágio pós-doutoral em Cristologia e Paz na Universidade de Tübingen, Alemanha. Também integra a Comissão de Diálogo Bilateral Católico-Luterano da CNBB. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em uma sociedade como a atual, marcada paradoxalmente por sincretismos e fundamentalismos de todos os tipos, o que significa ser ecumênico? Como equilibrar “identidade” com “unidade”?**  
**Erico Hammes -** A simples observação cotidiana das relações entre os diferentes seres mostra que a identidade é construída a partir da não identidade, ou seja, da alteridade. Especialmente a Filosofia e a Teologia mostram que ser alguém depende de ser alguém para alguém. A identidade só é possível na consciência de si frente a alguém. A consequência natural é que o outro é a possibilidade para ser o mesmo, para ter uma identidade. Em

palavras de Paul Ricoeur<sup>1</sup>, o “si mesmo

<sup>1</sup> Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na edição 49 da Revista IHU On-Line, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/9m0DBP> e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível para download em <http://bit.ly/ce-xldt>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória sobre Ricoeur*, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://bit.ly/aXJIH1>. A formação de Ricoeur se dá em contato com as ideias do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia. Suas obras importantes são: *A filosofia da vontade* (primeira parte: *O voluntário e o involuntário*, 1950; segunda parte: *Finitude e culpa*, 1960, em dois volumes: *O homem falível* e *A simbólica do mal*). De 1969 é *O conflito das interpretações*. Em 1975 apareceu *A metáfora viva*. O sentido do trabalho filosófico de Ricoeur deve ser visto em uma teoria da pessoa humana; conceito - o de pessoa - reconquistado no termo de longa peregrinação dentro das produções simbólicas do homem e depois das

como um outro”. Desde a formação da consciência do Eu até a constituição da diversidade supõe-se sempre a presença do não eu como parte do eu. A diversidade confessional pode ser entendida como manifestação da alteridade, a partir da qual se gera a própria identidade, e da identidade que se precisa reconstruir a partir da alteridade. A pergunta que se faz, então, é se é possível ter uma identidade sem uma alteridade. Em caso afirmativo, a pergunta seguinte diz respeito à atitude em relação a esse outro.

Essencialmente, apresentam-se duas possibilidades: aniquilar ao outro ou associar-se a ele. A aniquilação teria como efeito normal também a autodesdestruições provocadas pelos mestres da “escola da suspeita”. (Nota da IHU On-Line)

truição e tornaria absurda a busca da identidade por esse caminho. O problema, naturalmente, está em perceber esse nexos e em suportá-lo. De fato, o outro aparece imediatamente como concorrente do Eu e pode representar uma ameaça à própria estabilidade. Por isso, geralmente a estratégia consistirá em confinar, afastar a ameaça e a concorrência à insignificância de segundo plano em contraste ao primeiro plano do Si ou do Eu. Em termos hegelianos, o senhor - que aqui é o Eu - precisa do escravo - que aqui é o outro - para ser. Não assim o escravo. Essa é a ameaça à unidade - negar o outro pela servidão, sem eliminá-lo como condição de possibilidade do Eu.

A segunda possibilidade é a associação, aqui entendida no sentido de fazer-se sócio, unir-se, tornar-se parte daquele e daquele por quem somos. É a unidade do Eu e do Si com o não-Eu e não-Mesmo. A unidade representa a superação entre a destruição servil e a mesmidade solipsista através da constituição de um espaço elíptico em que a polaridade das alteridades se sustentam reciprocamente em condições de vida.

Assim colocados os temas, parece inerente à identidade a abertura para a unidade com o outro, com a outra. Aquela e aquele de quem se origina a identidade são parceiras e parceiros naturais para a unidade. A dificuldade, porém, está em reconhecer essa condição, motivo pelo qual a tentação do fundamentalismo e do sincretismo - enquanto negação da diferença ou diversidade - acompanham a busca, aparentemente instável da unidade dinâmica.

**IHU On-Line - Em sua opinião, quais são os grandes pilares teológicos do ecumenismo hoje? Em que pontos é possível encontrar consensos e parâmetros básicos?**

**Erico Hammes** - Os principais pilares teológicos do ecumenismo, hoje, são a profissão de fé trinitária, incluída a fé na encarnação do Filho (Palavra) divina, a Bíblia e os estudos bíblicos, a consciência de uma responsabilidade comum pelo ser humano, pelo mundo e pelo ambiente, a práxis de convivência e a atuação por um mundo diferente.

De modo geral, existe um consenso

**“A simples observação cotidiana das relações entre os diferentes seres mostra que a identidade é construída a partir da não identidade, ou seja, da alteridade”**

a respeito do mistério divino da trinitariedade divina e a respeito de Jesus de Nazaré como Filho Divino justificador ou salvador. Há um grande consenso luterano-católico, celebrado solenemente, sobre a justificação e a graça.

**IHU On-Line - Que papel teve o Concílio Ecumênico Vaticano II para a ação e o serviço ecumênicos posteriores? Que pontos merecem ser ainda mais aprofundados/concretizados ou revistos/abandonados dos debates de então?**

**Erico Hammes** - O Concílio Vaticano II foi especialmente importante para que a Igreja Católica entrasse decisivamente no movimento ecumênico. Até aí havia uma resistência muito grande porque as demais confissões, especialmente as que surgiram em torno de Lutero e seus contemporâneos, eram vistas como oposição ao catolicismo. Ao se dispor ao diálogo livre com as demais confissões, a Igreja Católica passa a dar sua contribuição específica: abandona sua autossuficiência para reforçar o cristianismo e o testemunho de unidade. Certamente, o fato de se pesquisarem e aprofundarem as compreensões diferentes da própria confissão e das outras foi possível melhorar a cooperação e aceitação.

As maiores dificuldades, porém, estão na expressão ritual (sacramentos) e na organização institucional (ministérios) e compreensão do ser comunitário (igreja). Próximo a essas questões encontra-se o receio da perda de identidade ou mesmo de fiéis. Será preciso crescer na comunhão entre as confissões, melhorar o conhecimento e reconhecimento recíproco em vista

da unidade na diferença.

**IHU On-Line - Especificamente no âmbito católico, que sombras e luzes o senhor percebe na caminhada ecumênica da Igreja ao longo do papado de Bento XVI?**

**Erico Hammes** - Bento XVI, ainda como Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, foi o responsável pela Declaração *Dominus Iesus* em que afirma a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. O documento causou um desgosto muito grande e até agora, como Papa Ratzinger, ainda não superou os problemas causados, mesmo se na prática tenta mostrar atitudes de abertura e diálogo. Um segundo problema é a tendência a favorecer pessoas e grupos que defendem um catolicismo resistente ao Vaticano II.

**IHU On-Line - Sua palestra no Mutirão Ecumênico será intitulada “Ética Social Ecumênica”. Em linhas gerais, qual será a sua mensagem aos participantes e as ideias principais em discussão?**

**Erico Hammes** - Em geral, as tradições religiosas trazem um conteúdo ético social. Na tradição judaico-cristã esse conteúdo está respaldado nos grandes temas bíblicos da prioridade das pessoas doentes, pobres, estrangeiras, prisioneiras, das viúvas, dos órfãos. O que o movimento ecumênico faz - e aqui é preciso lembrar o Conselho Mundial de Igrejas - é recuperar essa tradição fundante. A Igreja Católica, por sua vez, tem, desde o século XIX, um corpo doutrinário de ética social bastante bem definido. Os grandes temas que hoje convocam para uma ética social ecumênica podem ser resumidos no conceito da “Paz Justa” que requer uma superação da violência em todas as suas formas e o empenho pela construção de um mundo sempre mais adequado ao estado de graça recebido do Senhor.

**IHU On-Line - A partir da tradição brasileira e latino-americana, como a teologia pode estimular a caminhada ecumênica, e em que a ação ecumênica pode desafiar os debates teológicos?**

**Erico Hammes** - Provavelmente o fato mais novo da América Latina, em termos de cristianismo, seja a força do pentecostalismo. Certamente, o apelo ao Espírito Santo, uma reflexão correspondente e uma abertura das tradições históricas para as demandas das pessoas, é um dos grandes desafios a ser encarado. Na medida em que em vários lugares fica evidente a diminuição das comunidades e congregações, os poucos cristãos restantes poderão aceitar mais facilmente a cooperação, desde que abdicuem de suas pretensões exclusivistas e excludentes. A opção pelos pobres e a consciência das grandes transformações no pensamento e na consciência atuais podem servir para reforçar a unidade.

**IHU On-Line** - O Mutirão Ecumênico se propõe a debater a temática “Unidos em Cristo na defesa da Criação”. Para o senhor, qual o papel das igrejas diante da questão ambiental?

**Erico Hammes** - O papel das igrejas está, antes de tudo, em testemunhar a presença divina junto à criação. Em seguida, está em anunciar explicitamente essa boa notícia, com as suas consequências, a todo mundo. Cabe às igrejas mostrarem que a Criação é um sujeito interlocutor - Francisco de Assis a chamava de irmã e irmão - do ser humano e do Senhor. Superar a relação de posse e exploração, que faz de tudo apenas um fetiche econômico, viola o sentido essencial da natureza.

**IHU On-Line** - “A Criação espera com

impaciência a manifestação dos filhos de Deus”. Esse trecho da carta de Paulo aos cristãos de Roma serve de motivação ao Mutirão Ecumênico. Como podemos compreender hoje o significado mais profundo dessa frase?

**Erico Hammes** - De fato, o texto do versículo é continuação ou aplicação dos anteriores (15-18) em que se afirma a filiação divina pelo Espírito Santo e a conseqüente glorificação. De certo modo, a Criação está em tensão para essa transformação porque, de uma outra maneira, lhe diz respeito. Na luz do que hoje vivemos, fica ainda mais claro que a filiação divina no Espírito nos faz servidores e criadores, no sentido de realizarmos a leitura e interpretação do livro da natureza e vivermos a aliança divinizadora com o que é o presente recebido.

**IHU On-Line** - Há visões antropológicas ou cosmológicas que as igrejas precisam mudar para que a defesa da Criação seja mais bem compreendida e posta em prática?

**Erico Hammes** - Talvez, o maior não seja a visão antropológica ou cosmológica das igrejas, mas as visões que assumiram acriticamente. De fato, uma leitura atenta da grande Tradição bíblica já mostra que o ser humano é, antes de tudo, *humus*, terra. Sua vocação é a de aprender a louvar ao Senhor pelos benefícios recebidos, viver, portanto em ação de graças e exercer um domínio que biblicamente se traduz em servir.

**IHU On-Line** - Quais são, a seu ver, os principais desafios ou obstáculos eclesiais, sociais e culturais ao ecumenismo no contexto brasileiro?

**Erico Hammes** - Os principais obstáculos ao ecumenismo podem ser os da pergunta inicial: a indiferenciação e o fundamentalismo, no âmbito religioso. Ignorar quem se é leva a uma forma sincrética de vida e pensamento, sem orientação e sem personalidade. O fundamentalismo, assim como o integralismo católico, infantilizam a fé e impedem o respeito recíproco. No âmbito social e cultural os maiores problemas se situam na ausência do cristianismo histórico junto aos mais pobres e a incompetência para lidar com os ambientes tecnológicos, científicos e empresariais, fazendo com que justamente nesses ambientes reine o sectarismo competitivo ou a ignorância generalizada da convivência construtiva recíproca. Uma dificuldade adicional pode ser considerada a falta geral de boa informação e conhecimento da própria fé, quanto mais a dos outros.

#### LEIA MAIS

Erico Hammes já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line.

\* Comblin e a reinvenção da igreja. Edição 356 da revista IHU On-Line, de 04-04-2011, disponível em <http://bit.ly/gycf0U>

\* Conceito e missão da Teologia em Karl Rahner. Edição 5 dos Cadernos Teologia Pública, de 01-05-2004, disponível em <http://bit.ly/kr2DPz>

\* Fórum Mundial de Teologia e Libertação, uma conquista a ser potencializada. Edição 357 da Revista IHU On-Line, de 11-04-2011, disponível em <http://bit.ly/e4m7cB>

## CICLO DE PALESTRAS: ECONOMIA DE BAIXO CARBONO.

### LIMITES E POSSIBILIDADES

PROF. DR. IGNACY SACHS (ESCOLA DE ALTOS ESTUDOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS, FRANÇA)

BIOCIVILIZAÇÃO: O POTENCIAL BRASILEIRO

DATA: 1/9/2011

INFORMAÇÕES EM [HTTP://MIGRE.ME/5UPZG](http://MIGRE.ME/5UPZG)

## Unidade, liberdade, caridade: o desafio de superar a “ignorância” em torno do ecumenismo

A espiritualidade ecumênica nos leva a ser honestos com nós mesmos, com os irmãos e com Deus. Uma identidade sadia não se perturba ao ver a beleza da verdade presente em outros grupos, afirma o teólogo especialista em ecumenismo Paulo Homero Gozzi

POR MOISÉS SBARDELOTTO

**D**os desafios missionários ao movimento ecumênico moderno: essa trajetória histórica será abordada pelo padre e teólogo especialista em ecumenismo Paulo Homero Gozzi, em sua palestra “Histórico do Movimento Ecumênico Mundial”, no Mutirão Ecumênico. Para Gozzi, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, “a condição para que o mundo creia em nossa mensagem é que sejamos unidos. O anúncio evangélico apresenta eficácia quando damos testemunho comum de vivência cristã”, afirma.

Apesar do “processo de evolução na aproximação e na superação de preconceitos” das igrejas cristãs, Gozzi diz que “o grande desafio em toda a atividade ecumênica é a ignorância, o desconhecimento do que realmente significa ecumenismo”. Para ele, “a espiritualidade ecumênica nos leva a ser honestos com nós mesmos, com os irmãos e com Deus. Uma identidade sadia não se perturba ao ver a beleza da verdade presente em outros grupos”. Nesse sentido, explica, “não pode ser esquecida a famosa frase que atravessa os séculos: unidade no essencial, liberdade no secundário e caridade em tudo”.

Paulo Homero Gozzi estudou Filosofia e Teologia pela Congregação do Santíssimo Sacramento. Foi ordenado presbítero em 1970, e hoje atende a Paróquia Rainha Santa Isabel, no bairro da Casa Verde Alta, em São Paulo. Especializou-se em Ecumenismo pelo Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, na Suíça. Foi assessor nacional de ecumenismo da CNBB. Tem pós-graduação em Missiologia, pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Atualmente, é colaborador do jornal *O São Paulo*, da Arquidiocese de São Paulo, com matérias sobre o assunto. É professor de Liturgia, Sacramentos e Ecumenismo em várias faculdades de Teologia em São Paulo e na Escola de Teologia para Leigos da Região Episcopal Santana, em São Paulo. Dentre suas obras publicadas, destacamos: *Como lidar com as seitas* (Ed. Paulus, 1989) e *Quando o coração celebra a vida* (Ed. Palavra e Prece, 2008). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em nível mundial, como o senhor analisa a caminhada ecumênica até hoje? Que avanços ocorreram e que pontos ainda precisam ser mais trabalhados?**

**Paulo Homero Gozzi** - Podemos estabelecer um marco na caminhada ecumênica em nível mundial exatamente em 1910, na Conferência Mundial das Missões, em Edimburgo, Escócia. Das isoladas e esporádicas iniciativas do século XIX, passou-se a um diálogo permanente entre membros de diferentes confissões cristãs envolvidos com a tarefa missionária. Foi o desafio missionário que provocou o início do

movimento ecumênico moderno. Os 1.200 delegados daquele grande encontro relataram a experiência de fracasso que tiveram nas missões, atribuído às divisões históricas dos cristãos. Constataram aquilo que Jesus já havia dito em sua longa oração sacerdotal registrada no capítulo 17 do Evangelho de João: a condição para que o mundo creia em nossa mensagem é que sejamos unidos. O anúncio evangélico apresenta eficácia quando damos testemunho comum de vivência cristã.

Deixando o isolamento, as igrejas iniciaram um processo de evolução na aproximação e na superação de pre-

conceitos. No diálogo aberto, humilde e sincero, foi-se descobrindo que as divergências são periféricas e pouco importantes, ao passo que as convergências são muito maiores e profundas. Essa caminhada firme culminou na criação do Conselho Mundial de Igrejas e atingiu todos os grandes grupos cristãos.

Outro marco que determinou um grande avanço foi a entrada oficial da Igreja Católica Apostólica Romana nesse abençoado movimento, a partir de João XXIII e do Concílio Vaticano II. A mobilização generalizada para essa caminhada em direção à plena comu-

nhão dos discípulos de Cristo tornou-se irreversível, justamente pela decisão de manter o diálogo bilateral e multilateral entre igrejas de um modo ininterrupto, não obstante o aparecimento de novos fatos que provoquem impasses e dificuldades. É inegável o avanço alcançado pelas comissões de diálogo em todos os níveis, alcançando uma linguagem comum e um entendimento teológico sempre mais promissor. Divergências aparentemente irreconciliáveis, hoje estão superadas, seja porque são vistas como diversidades legítimas nas expressões da fé, seja porque se tratavam apenas de linguagem diferente. O acordo católico-luterano firmado pelas respectivas autoridades máximas a respeito da doutrina da justificação é a maior de todas as conquistas.

Em toda a evolução ecumênica vejo verdadeiros milagres nos acordos feitos, eliminando divergências milenares, especialmente com os irmãos do Oriente, tanto ortodoxos como os das antigas igrejas orientais. A melhor síntese de todos os avanços ecumênicos podemos encontrar na Carta de João Paulo II<sup>1</sup> dedicada à unidade dos cristãos, a *Ut Unum Sint*. Seu longo ministério como bispo de Roma e primaz universal deixou uma indelével marca, assegurando que essa caminhada não tem retorno. Nunca se viram, como nos últimos 50 anos, tantos encontros de líderes cristãos, tantas iniciativas de cunho popular na linha de encontros fraternos e orações em comum. Existe já uma espiritualidade bem firme em direção à unidade cristã moldando a vida de tantas pessoas que são membros dos mais diferentes grupos, todos pertencentes à única e mesma Igreja de Cristo.

É evidente que faltam vários temas a serem trabalhados a fim de se alcançar maiores avanços. É impressionante que, numa comunidade de quase dois bilhões de batizados, de todas as raças, culturas e nações, com as mais variadas tradições, existem apenas cinco assuntos essenciais a serem

## “A condição para que o mundo creia em nossa mensagem é que sejamos unidos. O anúncio evangélico apresenta eficácia quando damos testemunho comum de vivência cristã”

definidos de modo satisfatório e que sem os quais não pode haver completa comunhão: a relação entre a Sagrada Escritura e a Tradição; a Eucaristia; o serviço de Governo na Igreja; o ensino e a preservação da fé, que chamamos de Magistério; e, finalmente, o papel da Virgem Maria na história da salvação e na vida da Igreja. Nesses temas fundamentais, que já fazem parte das discussões entre peritos das diversas igrejas, vejo a beleza do diálogo feito com amor, humildade e firmeza.

**IHU On-Line - Especificamente no âmbito católico, que sombras e luzes o senhor percebe na caminhada ecumênica da Igreja ao longo do papado de Bento XVI?**

**Paulo Homero Gozzi** - Toda a história da Igreja está recheada de avanços e retrocessos, altos e baixos, luzes e sombras... O movimento ecumênico é ainda para muitos, apesar de quase meio século de existência na Igreja Católica Apostólica Romana, uma novidade. Há os entusiastas e os que se opõem radicalmente a essa abertura, quer sejam leigos ou líderes. Ainda durante o concílio, foram identificadas duas alas entre os católicos: os conservadores e os progressistas. E ultimamente notamos o reavivamento dessas atitudes, com novos movimentos e associações em sua quase totalidade conservadoras, ressuscitando devoções e padrões de uma religiosidade ultrapassada, retrógrada e sempre antiecumênica. Esse fenômeno perpassa em geral todos os grupos cristãos numa busca exagerada de identidade e autoafirmação.

Ninguém desconhece a postura conservadora do atual bispo de Roma, por demais preocupado com a preservação de características pré-conciliares. Em seu pouco tempo como papa, todos os grupos reacionários sentem-se apoiados e incentivados em sua tarefa de ignorar e demolir os avanços e aberturas originados pelo Concílio. Porém, justiça seja feita, Bento XVI tem dado continuidade ao trabalho ecumênico e total apoio às iniciativas dos responsáveis pelo setor dentro do próprio Vaticano. Refiro-me aos conselhos pontifícios para promoção da Unidade dos cristãos, para o diálogo inter-religioso e para o diálogo com as culturas.

É claro que a caminhada ecumênica prossegue, talvez mais lentamente, e suas conquistas não podem ser anuladas por quem quer que seja. Quando a obra vem de Deus, ela pode ser testada e provada, retardada e combatida, mas não será destruída. Tenho notado a ação clara do Espírito Santo em todos esses anos em que atuo diretamente no movimento. Sempre pautei minha vida pelo conselho de Gamaliel: se a obra vem dos homens, não é necessário combater... Morrerá por si mesma. Mas se vem Deus, não pode ser desfeita e corremos o risco de lutar contra o próprio Deus (At 5, 38-39).

**IHU On-Line - Quais são os desafios para se gestar e organizar processos ecumênicos nas diversas igrejas locais?**

**Paulo Homero Gozzi** - Para mim, o grande desafio em toda a atividade ecumênica é a ignorância, o desconhecimento do que realmente significa ecumenismo. É urgente investir na formação dos leigos e daqueles que se preparam para exercer ministérios de liderança dentro da Igreja.

**IHU On-Line - Em sua opinião, qual é a principal inspiração da temática do Mutirão Ecumênico deste ano, “Unidos em Cristo na defesa da Criação”? Que papel tem o ecumenismo perante a questão ambiental?**

**Paulo Homero Gozzi** - Embora não faça parte da organização e não tenha auxiliado na escolha do tema, creio que a inspiração foi a Campanha da Fraternidade deste ano. A questão ambiental

<sup>1</sup> Papa João Paulo II (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro pontífice não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

tem tudo a ver com o ecumenismo. A grande obra de Deus é a criação do mundo, e todos os cristãos encontram em seus escritos sagrados a base para defender a vida como um todo e continuar a história da Criação ainda inacabada. Somente unidos poderemos ajudar nesse verdadeiro parto e alcançar a redenção da Natureza.

**IHU On-Line - Um dos eixos específicos do Mutirão aborda o incentivo à “unidade, o testemunho e a diaconia”. Como esses três aspectos podem ser compreendidos nos dias de hoje?**

**Paulo Homero Gozzi** - Há um profundo entrelaçamento dos três aspectos da vida cristã: unidade, testemunho e diaconia. Já dissemos que o serviço prestado pelos cristãos à sociedade e seu testemunho de vida evangélica dependem da manifestação clara de unidade para que tenham sentido e eficácia. Quando as pessoas que executam a mesma missão estão divididas entre si, tal fato torna-se um escândalo para a sociedade e uma vergonha para elas mesmas, constituindo-se num contra-testemunho e num desserviço à causa do Evangelho.

**IHU On-Line - Na formação e prática de sacerdotes, pastores/as ou ministros/as eclesiais, como se inserem o serviço ecumênico e a defesa da Criação? Ainda são desafios periféricos?**

**Paulo Homero Gozzi** - O serviço ecumênico deveria ser uma prática normal de todos os ministros que exercem liderança eclesial. O Concílio Vaticano II recomendou que os futuros pastores fossem “bem instruídos numa teologia perfeitamente organizada e preparada dentro do espírito ecumênico” (*Decreto sobre o Ecumenismo*, n. 10). A indiferença e o descaso que observo na maioria esmagadora dos nossos pastores comprovam que essa recomendação dada há quase 50 anos não foi levada a sério! A falta de formação teológica e pastoral de padres e bispos católicos é ainda o grande desafio.

Por serem os agentes ecumênicos tão poucos, tendo formação bastante limitada, fico admirado com o avanço do movimento com tantas conquistas

**“A espiritualidade ecumênica nos leva a ser honestos conosco mesmos, com os irmãos e com Deus. Uma identidade sadia não se perturba ao ver a beleza da verdade presente em outros grupos”**

alcançadas. Imagino como seria o ecumenismo hoje se todos os agentes de pastoral, padres e leigos, muito bem formados de acordo com a recomendação conciliar, estivessem atuando nessa área em todas as comunidades, paróquias e dioceses sem exceção... Realmente, Deus consegue tirar muito de tão pouco e manifesta sua vontade e sua força em tanta fraqueza humana.

**IHU On-Line - O que se espera do Mutirão Ecumênico neste ano? Quais serão seus principais diferenciais?**

**Paulo Homero Gozzi** - Estou participando pela primeira vez do Mutirão. Minha atuação tem sido sempre em nível da cidade e do estado de São Paulo. Acredito que a iniciativa de abranger vários estados é muito promissora. No tocante à colaboração específica que estarei prestando a esse grande encontro dos três estados brasileiros do Sul mais São Paulo, espero que a visão histórica do movimento ecumênico possa ajudar os participantes a terem consciência de como funcionam os complexos mecanismos históricos de uma instituição que conta com forças que superam infinitamente as mais altas conjeturas humanas.

**IHU On-Line - Em uma sociedade como a atual, marcada paradoxalmente por sincretismos e fundamentalismos de todos os tipos, o que significa ser ecumênico? Como equilibrar “identidade” com “unidade”?**

**Paulo Homero Gozzi** - Para analisar

uma sociedade complexa como a atual, não basta recorrer somente a aspectos sociais, econômicos e culturais; é preciso recorrer, sobretudo, a aspectos psicológicos. Não vejo paradoxos numa sociedade que é, ao mesmo tempo, sincretista e fundamentalista. A sociedade é pluralista. Nela tem de tudo. Pessoas e grupos assumem posturas de todo tipo. Ninguém é, ao mesmo tempo, radical e liberal, fanático e ecumênico... Cada pessoa passa por um processo de transformação, assumindo uma determinada atitude, de acordo com seu histórico familiar, seus problemas psíquicos e afetivos, suas buscas e seus ideais. A maioria das pessoas fanáticas e radicais ao extremo, segundo minha opinião, possui desvios mentais graves.

Testemunhei alguns casos de jovens que foram se tornando gradativamente tradicionalistas fanáticos a partir da necessidade de se autoafirmar, de ter uma identidade, de fugir de ou encobrir um problema afetivo etc. Jovens excêntricos que se identificaram com um grupo que atendia aos seus anseios. Hoje, sentem-se felizes em seu exibicionismo ridículo, arrogante e prepotente. Conhecendo bem a família e a psicologia desses jovens, consigo compreender como chegaram a isso. Não há diálogo possível, pois não há abertura para tal. Tenho alguns amigos assim, que não são tão radicais, dispondo de certa dose de humildade para colocar a amizade acima de suas convicções. Certo diálogo é possível, desde que não sejam questionadas as suas ideias. Falo de relações dentro da Igreja Católica. Um amigo de longa data, com ideias e atitudes totalmente opostas às minhas, chegou a dizer-me uma vez: “Nós agradecemos às autoridades eclesiais por sermos tolerados dentro da Igreja. Se estivéssemos nós no governo da Igreja, vocês não seriam tolerados”... Isso nos faz pensar na fragilidade das instituições que se abrem ou se fecham, dependendo das cabeças de quem as dirige.

Temos um caso bem recente de Igreja que se fechou ao diálogo. Substituindo-se as pessoas que a dirigem, voltar-se-á a se abrir. A história da Igreja está recheada de líderes dita-

dores, megalomaníacos, fanáticos, corruptos, aproveitadores, devassos, assassinos e outras coisas mais... E a Igreja está aí, não graças a esses traidores do Evangelho, mas graças ao Espírito Santo que a conduz e, assim, “o poder da morte nunca poderá vencê-la” (Mateus 16,18), segundo a promessa de Jesus.

E como é ser ecumênico no meio disso tudo? A busca da Unidade jamais abala a identificação com esta ou aquela Igreja. A espiritualidade ecumênica nos leva a ser honestos conosco mesmos, com os irmãos e com Deus. Uma identidade sadia não se perturba ao ver a beleza da verdade presente em outros grupos. Em reuniões ecumênicas vemos as muitas identidades se harmonizarem perfeitamente na busca de uma Unidade futura, mais completa e perfeita. A identidade é feita de particularidades características de um povo, uma cultura, uma tradição de onde somos originados. São pequenas identidades que se abrigam na única e grande identidade que é sermos todos discípulos de Cristo. Todos devem estar conscientes de que unidade não é uniformidade, e pluralismo não é fragmentação e pulverização de ideais. Não pode ser esquecida a famosa frase que atravessa os séculos: unidade no essencial, liberdade no secundário e caridade em tudo...

**IHU On-Line - Em sua opinião, sobre que bases teológicas o ecumenismo pode ser fortalecido dentro da sociedade contemporânea? Em que pontos é possível encontrar consensos e parâmetros básicos entre as igrejas cristãs?**

**Paulo Homero Gozzi** - Creio que as escolas teológicas tradicionais, ocidentais e orientais, não são aptas para fornecer bases ao ecumenismo. É a experiência que todas as comissões de diálogo teológico entre igrejas estão vivendo. As teologias em elaboração na Ásia, África e, especialmente, América Latina, têm mais condições de oferecer tais subsídios. A Teologia da Libertação, por exemplo, está totalmente impregnada do espírito ecumênico, mostrando a realidade desagregadora do nosso

## “Não pode ser esquecida a famosa frase que atravessa os séculos: unidade no essencial, liberdade no secundário e caridade em tudo”

povo, que ainda sofre tanta opressão, e apontando para uma luz no fim do túnel. Não é uma sistematização de lógica cartesiana, tão presente no pensamento europeu, mas um relato da vivência de um povo que busca a superação de seus problemas, confiando nas promessas de Deus. E Deus se comunica com esse povo tão somente a partir de sua realidade cultural, que não pode ser destruída e substituída pela cultura europeia. Foi isso que os missionários “cristãos” tentaram fazer nos últimos 500 anos. O sincretismo saudável entre os valores da cultura e a proposta do Evangelho que anuncia o Reino de Deus será o resultado final de toda uma vivência ecumênica.

Baseados na Teologia da Libertação, os cristãos latino-americanos serão uma Igreja de Cristo verdadeiramente nova e não dependente de divisões históricas. A Igreja encontra sua unidade justamente na rica diversidade de culturas que ajudam a expressar a mesma e única fé. Vejo no grande parâmetro do Credo Apostólico um instrumento de superação do divisionismo do passado. Nele, os cristãos aprendem a olhar para o futuro centrando sua preocupação na missão que Cristo deu à sua Igreja e não na legítima diversidade de expressões da mesma fé no Pai que nos criou, no Filho que nos libertou em seu sangue e no Espírito que nos congrega e santifica.

**IHU On-Line - Em sua opinião, quais são os principais desafios ou obstáculos eclesiais, sociais e culturais ao ecumenismo no contexto brasileiro? Por outro lado, que avanços ainda são necessários por parte das igrejas na caminhada ecumênica?**

**Paulo Homero Gozzi** - Olhando o povo brasileiro em geral sob os aspectos sociais e culturais, vejo uma aceitação tranquila da atividade ecumênica. Pessoas religiosas, praticantes ou não, não só toleram, mas acolhem com bastante interesse qualquer iniciativa de cunho ecumênico, mesmo que não tenham ideias muito claras sobre o tema.

Nosso povo tem culturalmente uma índole de tolerância passiva e de acolhimento benevolente. Há, claro, em pequeno número de pessoas e grupos radicais. Como no futebol e na política, existem sempre no campo religioso pessoas fanatizadas, que dizem estar com a verdade, na “luz”. Só que essa luz as cegou. Aqui já entramos na área da psicopatologia. No âmbito eclesial existe aquela sensação de inutilidade, de falta de urgência ou necessidade da pastoral do ecumenismo. Isto, é claro, é causado pelo desconhecimento de que a busca da unidade está na raiz e no centro da vida em igreja.

Para João Paulo II, o ecumenismo não pode ser considerado apenas “uma espécie de ‘apêndice’, que se vem juntar à atividade tradicional da Igreja. Pelo contrário, pertence organicamente à sua vida e ação, devendo, por conseguinte, permeá-la no seu todo e ser como que o fruto de uma árvore que cresce sadia e viçosa até alcançar o seu pleno desenvolvimento” (Carta *Ut Unum Sint*, n. 20). Não sinto oposição dos agentes de pastoral, padres e leigos, apenas indiferença. Para eles há outras coisas mais importantes. É o que mais me dói. Outras dificuldades são mais facilmente superáveis. Por enquanto, o movimento ecumênico é preocupação de um seletivo e ínfimo número de cristãos em todas as igrejas. Seria um grande avanço se a consciência e o interesse pelo ecumenismo chegassem até as bases e atingissem todos os fiéis nas mais distantes e pequenas comunidades. É o que mais espero, e trabalho para isso. “E a esperança não engana, pois o amor de Cristo foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

## Nem diplomacia, nem cordialidade: um mandato apostólico fundamental

Para o teólogo e assessor do moderador do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas, Marcelo Schneider, é preciso superar uma certa redução da agenda ecumênica ao nível das relações institucionais ou de canais de diplomacia e cordialidade entre iguais

POR MOISÉS SBARDELOTTO

**U**m ponto de conflito. Assim é que a questão do ecumenismo tem sido reconhecida por alguns grupos dentro das igrejas ditas históricas. Para o teólogo Marcelo Schneider, esse fenômeno tem a ver com “uma certa redução da agenda ecumênica ao nível das relações institucionais, como se as relações ecumênicas existissem apenas como canais de diplomacia e cordialidade entre iguais”.

Mas, para Schneider, assessor do moderador do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas - CMI e correspondente para América Latina do departamento de Comunicação do CMI, “o ecumenismo é mais do que um departamento de relações diplomáticas de uma igreja. Trata-se do cumprimento de um mandato apostólico fundamental da Igreja de Jesus Cristo e, por isso, deveria ser considerado como uma das marcas constitutivas de qualquer eclesiologia”.

Por isso, critica, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, “as manifestações fundamentalistas que constatamos hoje no seio de diversas igrejas não são uma expressão de defesa dos valores essenciais do Evangelho, como apregoam alguns, mas uma clara demonstração de incapacidade de compreensão e adaptação às novas realidades do mundo”. “As igrejas têm um papel fundamental quando falam e quando calam”, sintetiza.

Marcelo Schneider é doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST, São Leopoldo, com tese intitulada *Em busca de uma ética social ecumênica. A discussão no Conselho Mundial de Igrejas em perspectiva e práxis Latino-Americanas* (2005). Também é assessor do moderador do Comitê Central do Conselho Mundial de Igrejas e correspondente para América Latina do departamento de Comunicação do CMI. Além de membro da coordenação do Fórum Ecumênico Brasil e do grupo de comunicadores de ACT Aliança (Acting by Churches Together), já atuou como coordenador de comunicação e logística do escritório local da 9ª Assembleia do CMI (2005-2006). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como correspondente de comunicações do Conselho Mundial de Igrejas para a América Latina, qual a sua análise do atual momento do movimento ecumênico nessa região? Quais são os marcos históricos mais importantes dos últimos tempos?**

**Marcelo Schneider** - O momento atual é bastante peculiar. Ao mesmo tempo em que não há, a rigor, nenhum fato novo determinante e visível capaz de justificar um recuo desta ou daquela igreja no movimento ecumênico, este afastamento está acontecendo, sim.

Na maioria dos casos, a questão do ecumenismo tem sido reconhecida por alguns grupos dentro das igrejas ditas históricas como um ponto de conflito. Acho que esse fenômeno tem a ver com a baixa apropriação dos temas atuais do ecumenismo por parte de esferas mais amplas e inclusivas das igrejas e, por outro lado, com uma certa redução da agenda ecumênica ao nível das relações institucionais, como se as relações ecumênicas existissem apenas como canais de diplomacia e cordialidade entre iguais.

No entanto, há muitos sinais positi-

vos que têm o potencial de despertar o interesse e encorajar o engajamento mais contundente das igrejas hoje em dia. Destaco, a seguir, dois destes sinais. O primeiro deles é a realização da 9ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, em 2006, em Porto Alegre. Esta foi a primeira vez que nosso país e região (América Latina) acolheram um evento ecumênico desta envergadura. O sucesso do evento, desde o seu ponto de vista prático até o da visibilidade de tantas agendas e temas simultâneos, só foi possível graças a um processo extremamente participa-

tivo e enriquecedor que contou, além dos parceiros já engajados diretamente no trabalho do CMI, do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - Conic e do Conselho Latino-Americano de Igrejas - CLAI, com diversos setores da Igreja Católica. Esta última, vale lembrar, apesar de não ser membro do CMI, exerce, há muito tempo, sua participação em diversas esferas de debate e articulação na vida do Conselho. A assembleia ocorrida em Porto Alegre mostrou (e ainda mostra) sinais muito claros de convergência de nosso diálogo e busca por unidade.

O segundo aspecto novo que gostaria de destacar é a criação e consolidação do Fórum Ecumênico Brasil, um espaço que surgiu a partir do trabalho dos organismos ecumênicos e agências de apoio a projetos de desenvolvimento, mas que logo ampliou seu espectro de participação e impacto e conta, hoje, como uma representatividade que vai das igrejas filiadas ao CONIC, à Associação de Seminários Teológicos do Brasil - Aste, passando por esferas dos movimentos sociais e agências europeias que apoiam projetos no país. Gostamos de chamar o FE Brasil de “laboratório de novas metodologias ecumênicas”; quer dizer, um espaço onde a partilha de experiências leva à articulação e colaboração em torno de temas comuns muito concretos, como é o caso da juventude e, mais especificamente neste ano, os preparativos para uma coalizão ecumênica em torno da Rio+20, em 2012.

#### **IHU On-Line - Qual o papel específico do CMI nesse contexto?**

**Marcelo Schneider** - A Assembleia de 2006 teve um significado importante para a vida do CMI. Tanto as suas linhas de programas como suas estruturas de liderança e coordenação passaram por transformações contundentes a partir do que foi decidido em Porto Alegre.

No que tange o Brasil e a América Latina, mais especificamente, além da eleição do primeiro brasileiro como moderador do Comitê Central, o pastor Dr. Walter Altmann, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB, os últimos anos têm sido marcados por uma participação muito

## **“A questão do ecumenismo tem sido reconhecida por alguns grupos dentro das igrejas ditas históricas como um ponto de conflito”**

contundente de brasileiros em diversos comitês e grupos de trabalho.

Além disso, o CMI tem procurado estar em constante relação com o Conic, muitas vezes em temas bem específicos, como é o caso da Rede Ecumênica da Água, e, em outras instâncias, através de triangulações com o Clai, como é o caso da representação no FE Brasil e nas coalizões ecumênicas nas edições do Fórum Social Mundial.

A própria criação do cargo de correspondente para América Latina, que exerço em tempo parcial a partir do início deste ano, creio ser um sinal contundente da busca de uma nova dinâmica. Além de colocar-se ao lado e colaborar com as estruturas eclesiais e ecumênicas de comunicação já existentes, uma de minhas principais tarefas é identificar temas na vida das igrejas que possam ter paralelos na experiência de cristãos em outros contextos.

Um exemplo disso é o esforço em torno da criação de um programa de acompanhamento e vigilância de violações de direitos humanos na Colômbia. O CMI está engajado com o Clai na criação de um programa inspirado numa experiência similar bem-sucedida que já acontece, há alguns anos, na Palestina/Israel.

Apesar da contundência de uma realidade marcada pela limitação de recursos, o CMI tem tentando estar mais próximo das experiências ecumênicas também além daquelas protagonizadas diretamente pelas igrejas, enviando representantes a reuniões anuais de parceiros importantes, como, por exemplo, o Centro Regional Ecumênico de Assessoria e Serviço - Creas, em Buenos Aires, Argentina, e a Coordenadoria Ecumênica de Serviço - Cese,

em Salvador.

**IHU On-Line** - Em uma sociedade como a atual, marcada paradoxalmente por sincretismos e fundamentalismos de todos os tipos, o que significa ser ecumênico? Como equilibrar “identidade” com “unidade”? **Marcelo Schneider** - O ecumenismo é mais do que um departamento de relações diplomáticas de uma igreja. Trata-se do cumprimento de um mandato apostólico fundamental da Igreja de Jesus Cristo e, por isso, deveria ser considerado como uma das marcas constitutivas de qualquer eclesiologia. O Evangelho não é de exclusão ou discriminação. Ele fala de amor e acolhida - inclusive daqueles que são diferentes de nós.

Inspirados, entre outros, pelo texto de João 17.21, milhões de cristãos e cristãs ao redor do mundo acreditam e trabalham para que as diferenças entre as igrejas não sejam motivos para isolamento, mas sinais da riqueza da diversidade do legado de Jesus Cristo para o mundo e, principalmente, para que sejamos agentes de transformação desta realidade escandalosa de segregação cristã.

As manifestações fundamentalistas que constatamos hoje no seio de diversas igrejas não são uma expressão de defesa dos valores essenciais do Evangelho, como apregoam alguns, mas uma clara demonstração de incapacidade de compreensão e adaptação às novas realidades do mundo.

Mas a busca pela unidade da Igreja não exige a renúncia da identidade das igrejas. Isto seria anacrônico. Mas há muitas igrejas que, diante de desafios contemporâneos, escolhem um caminho de introspecção, tentando sinalizar uma alegada valorização de suas próprias raízes e defesa de sua própria tradição. O curioso é que tal movimento não necessariamente parte das lideranças das igrejas, mas, em muitos casos, de membros, que formam grupos e exigem da instituição o zelo pela supremacia de sua verdade e a “impermeabilização” da igreja.

**IHU On-Line** - Em sua opinião, quais são os principais desafios/obstáculos

eclesiais, sociais ou culturais para o ecumenismo no contexto brasileiro? Por outro lado, quais são os aspectos positivos do cenário brasileiro que ajudam a animar a caminhada ecumênica?

**Marcelo Schneider** - O grande obstáculo é - e sempre foi - qualquer forma de fundamentalismo que gere exclusão. A convivência ecumênica mais ampla nos ensina, principalmente no convívio com nossos irmãos ortodoxos, que uma igreja ou religião não precisa diminuir ou desqualificar outras expressões de fé e/ou outras igrejas para transmitir a seus membros uma imagem sólida acerca de sua identidade.

O Brasil é um contexto no qual existe uma gama muito variada de igrejas. As igrejas históricas, em algum momento ou outro, e com maior ou menor intensidade, fizeram com que a busca pela unidade fizesse parte de suas agendas. O mesmo não acontece com as igrejas neopentecostais, por exemplo, em que o próprio sentido de comunidade cristã é bastante distinto daquele empregado tradicionalmente nas outras igrejas.

Há, contudo, uma aproximação gradual ao movimento ecumênico por parte de algumas igrejas pentecostais. Não são poucos os exemplos de bonitas iniciativas ecumênicas em pequenas localidades, reunindo cristãos e cristãs de muitas igrejas.

Outro aspecto positivo é, sem dúvida, a matriz multicultural e étnica sobre a qual se constituiu o povo brasileiro. Nascemos da diversidade, com ela aprendemos e ensinamos e, não por último, nela vivemos. Este aspecto, por si só, acaba moldando uma das características mais bonitas dos/das brasileiros/as: saber conviver pacificamente com o outro e, a partir desta convivência, moldar novas formas de cooperação.

Acredito, também, que o FE Brasil e a Rede Ecumênica da Juventude - Reju são sinais muito claros de que há algo de novo e muito bom acontecendo no ecumenismo brasileiro.

**IHU On-Line - Com relação aos fundamentos teológicos, que pontos mais críticos impedem a promoção do ecumenismo entre as igrejas cristãs,**

## “O Evangelho não é de exclusão ou discriminação. Ele fala de amor e acolhida - inclusive daqueles que são diferentes de nós”

**em sua opinião? E, de outro lado, em que pontos é possível encontrar consensos e parâmetros básicos?**

**Marcelo Schneider** - As questões de autoridade apostólica e do episcopado permeiam silenciosamente a maioria dos diálogos ecumênicos, mesmo aqueles que não lidam diretamente com estes assuntos, como é o caso do diálogo acerca do mútuo reconhecimento dos sacramentos, que, por si só, gera caloroso debate e certo afastamento.

Levando em conta esta realidade, a Comissão de Fé e Ordem, do CMI, estabeleceu como um dos eixos de estudo e debate para os próximos anos a questão das “fontes de autoridade” da Igreja.

Se, por um lado, não se pode negar o aspecto histórico e apostólico das igrejas mais antigas, fiéis portadoras da própria história da Igreja e da doutrina apostólica, por outro lado, não se pode ignorar a presença e a contribuição de igrejas mais novas que fazem parte desta comunhão justamente por partilharem os mesmos princípios fundamentais básicos que a constituíram.

Algumas igrejas acreditam que esta é uma questão fundamental e, mais ainda, uma espécie de critério eclesiológico capaz de definir quem “é” e quem “não é” igreja. Se uma igreja acredita que somente ela é portadora do legado de Cristo, a tendência é que acabe diminuindo o testemunho das outras e, por consequência, criando mais barreiras conceituais e práticas.

O objetivo do trabalho da Comissão é esclarecer quais as fontes essenciais comuns que a maioria das igrejas partilha, reconhecendo nelas marcas da autoridade que reveste as igrejas estabelecidas há mais tempo e, ao mesmo tempo, valorizando o papel funda-

mental exercido por aquelas igrejas portadoras da tradição e da forma da experiência cristã ao longo dos séculos.

**IHU On-Line - Um dos objetivos específicos do mutirão aborda o incentivo à “unidade, o testemunho e a diaconia”. Como esses três aspectos se inter-relacionam e podem ser compreendidos nos dias de hoje?**

**Marcelo Schneider** - O artigo I da Constituição do CMI diz que este organismo é uma comunhão de igrejas que confessa Jesus Cristo como Senhor e Salvador, de acordo com as Escrituras, e, por isso, procura responder conjuntamente ao chamado à glória de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Esta é uma boa e sucinta formulação que nos ajuda a abordar a pergunta.

Diante da constatação de que nossa fé nos une, passamos a testemunhá-la juntos. Nosso testemunho não se restringe à nossa espiritualidade e liturgia, mas leva em consideração o papel que as igrejas têm na transformação das realidades injustas do mundo. A esta dimensão do serviço da igreja é dada o nome de *diakonia*.

Atualmente, esta dimensão da missão da igreja é responsável por uma grande fatia da visibilidade cristã ao redor do mundo. Sob o guarda-chuva do CMI, por exemplo, foi criada, em 2010, a ACT Aliança, um grupo de mais de 100 organizações de ajuda humanitária ligadas a igrejas que, juntas, representam um impacto de cerca de 1,2 bilhão de dólares em termos de orçamentos combinados em projetos de ajuda humanitária, desenvolvimento e defesa de causas.

Deste modo, vai se tornando cada vez mais visível a necessidade de uma relação harmoniosa entre estas três esferas (unidade, testemunho e serviço), sob pena de uma excluir a outra.

**IHU On-Line - Qual é a principal inspiração do tema do Mutirão Ecumênico deste ano, “Unidos em Cristo na defesa da Criação”? Que papel e responsabilidade tem o ecumenismo perante a questão ambiental?**

**Marcelo Schneider** - É impossível estar engajado na defesa da justiça e da paz e ignorar o aspecto ecológico. O

cuidado com a criação de Deus tornou-se ainda mais importante na agenda do movimento ecumênico diante dos claros sinais de que a humanidade está esgotando os recursos naturais existentes e administrando-os sem qualquer critério que não seja a ganância e o imediatismo.

A Bíblia nos ensina acerca da complexidade da criação e mostra que os humanos são os responsáveis por cuidar do Jardim do Éden (Gênesis 2.15). O Deus que se revela nas Escrituras é um deus justo que protege, ama e cuida das mais fracas entre Suas criaturas.

O tema das mudanças climáticas é atualmente o foco principal do esforço ecumênico em torno de questões ambientais. Através do movimento ecumênico, igrejas que tradicionalmente não estavam envolvidas na defesa do meio ambiente passaram a trabalhar por esta causa em seus países e engrossaram as fileiras da cooperação internacional. Da mesma forma, igrejas que isoladamente não teriam tanta penetração em esferas internacionais de debate e defesa do meio ambiente encontram, no movimento ecumênico, ferramentas e canais que ajudam a amplificar sua voz e ter maior incidência.

**IHU On-Line - O lema do encontro é o versículo de Romanos 8, 19: “A criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus”.** Como podemos compreender hoje o significado mais profundo dessa afirmação de Paulo aos cristãos de Roma, diante da crise ecológica?

**Marcelo Schneider** - Creio que o texto fala, entre outros aspectos, da responsabilidade daqueles que enxergam injustiças e destruição e têm o dever de se manifestar. Várias perguntas desta entrevista, por exemplo, ofereceram a oportunidade para que se mostrassem alguns dos pilares do movimento ecumênico e, por isso, o recado de Paulo torna-se ainda mais apropriado.

Precisamos falar e agir. Fomos criados à imagem e à semelhança de Deus e recebemos Dele uma responsabilidade intransferível e inadiável, que é cuidar de sua criação. O tema e o lema do Mutirão apontam para esta responsabilidade

e tenho certeza de que entre todas as pessoas que estão envolvidas há esperança de que este encontro ofereça caminhos claros de como cada uma pode unir os seus esforços individuais nesta empreitada global.

**IHU On-Line - Como o senhor vê a relação entre democracia e ecumenismo? Qual a sua avaliação do compromisso político das igrejas cristãs diante do cenário brasileiro atual?**

**Marcelo Schneider** - As igrejas têm um papel fundamental quando falam e quando calam. Não são poucos os exemplos em que igrejas assumiram uma destas alternativas ao longo da história. No que tange a primeira opção, as igrejas têm, através do movimento ecumênico, ampliado sua voz e expressado solidariedade mútua em contextos e temas relevantes na caminhada da humanidade.

O Conic, por exemplo, nasceu a partir deste compromisso com o testemunho público e sempre esteve atento e pronto a expressar sua voz profética, tanto nos tempos dos abusos da ditadura militar como diante das injustiças e desigualdades geradas pela globalização econômica.

Recentemente, tivemos, aqui no Brasil, uma amostra muito contundente do papel decisivo das igrejas e do movimento ecumênico na defesa dos Direitos Humanos e na preservação da verdade.

No início da década de 1980, D. Paulo Evaristo Arns<sup>1</sup>, o Rev. presbiteriano Jaime Wright<sup>2</sup> e a advogada Eny

<sup>1</sup> Dom Paulo Evaristo Arns (1921-): nasceu em Santa Catarina e ingressou na ordem Franciscana em 1939. Foi professor, diretor do CIC e jornalista. Atuou na região norte de São Paulo, cidade onde foi nomeado arcebispo, em 1970. Defendeu os líderes sindicais nas greves, apoiou a campanha contra o desemprego e o movimento pelas eleições diretas. Sua luta em defesa dos direitos dos pobres e pelo fim da desigualdade social lhe valeu dezenas de prêmios no mundo. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Reverendo Jaime Nelson Wright (1927-1999): pastor presbiteriano e defensor dos direitos humanos no Brasil. Durante a ditadura militar, de forma secreta, uniu-se ao cardeal arcebispo de São Paulo D. Paulo Evaristo Arns, que resultou em 1985 na publicação do livro *Brasil: Nunca Mais*, um marco na história dos direitos humanos no país, em que a tortura e os torturadores são expostos com base no farto material por ele reunido. Participou da cerimônia ecumênica na catedral da Sé em São Paulo em memória do jornalista Vladimir Herzog morto na prisão e declarado “suicida”, o que foi demonstrado como falso. (Nota da IHU

Raimundo Moreira<sup>3</sup> foram alguns dos protagonistas de um projeto chamado “*Brasil: Nunca Mais*”, que garantiu que cópias de registros de abusos perpetrados contra cidadãos e cidadãos brasileiros pelo regime militar pudessem ser colocadas a salvo a fim de se preservar a memória histórica e pavimentar o caminho da verdade e da justiça.

Em 14 de junho passado, o secretário geral, Rev. Olav Fykse Tveit<sup>4</sup>, da Noruega, e o pastor luterano brasileiro Walter Altmann<sup>5</sup>, moderador do Comitê Central do CMI entregaram, durante um ato público realizado em São Paulo, ao Procurador-Geral da República, Roberto Gurgel, mais de 4000 páginas daqueles documentos que estavam salvaguardados nos arquivos do CMI, em Genebra.

A pergunta acerca dos motivos que levaram cristãos/ãs brasileiros/as a recorrerem ao CMI para manter estes documentos a salvo e a razão do apoio imediato do Conselho a esta iniciativa (mesmo em tempos em que operações como esta eram extremamente arriscadas) nos leva a entender a amplitude e influência direta do movimento ecumênico neste tipo de cenário.

O movimento ecumênico é a favor da democracia porque parte-se do pressuposto de que este é o modelo que melhor preserva e respeita os direitos humanos.

**IHU On-Line - Em nível local e latino-americano, que avanços ainda são necessários na caminhada ecumênica On-Line)**

<sup>3</sup> Eny Raimundo Moreira: advogada brasileira, idealizadora do projeto Brasil: Nunca Mais. Entre 1964 e 1979, Eny e demais colegas advogados fotocopiaram os autos do Superior Tribunal Militar, aproveitando que a lei permitia que os advogados consultassem os processos durante 24 horas. O objetivo era encontrar informações e evidências de violações aos direitos humanos praticadas por agentes da repressão militar. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Olav Fykse Tveit (1960-): teólogo luterano norueguês e secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas desde 2010, com um mandato de cinco anos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Walter Altmann (1944-): pastor luterano brasileiro e moderador do Conselho Mundial de Igrejas. Foi presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas - Clai de 1995 a 2001, e membro do Conselho e do Comitê Executivo da Federação Luterana Mundial - LWF. Confira a entrevista de Altmann nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

“As manifestações fundamentalistas que constatamos hoje no seio de diversas igrejas são uma clara demonstração de incapacidade de compreensão e adaptação às novas realidades do mundo”

ca e que pontos ainda precisam ser mais trabalhados?

**Marcelo Schneider** - É uma questão metodológica. Creio que ainda careçamos de articulação mais eficaz, que nos afaste da duplicação de agendas e iniciativas, que aponte para os temas em torno dos quais somos realmente fortes e que temos como fazer diferença. Entender o movimento ecumênico como algo puramente institucional e que, por isso, nada que existe fora das instituições tem validade é um gesto ingênuo. É preciso saber reconhecer por onde flui o grande rio ecumênico, sob pena de acabarmos sozinhos e inócuos. Felizmente, tudo indica que, pouco a pouco, as mais diversas esferas do movimento ecumênico estão se dando conta do novo leito deste velho rio.

A comunicação tem um papel importante a desempenhar também. Quanto mais informações partilharmos, mais os membros de nossas igrejas vão entender o que fazemos. Quanto mais visibilidade dermos ao que é feito por nossos membros (também ecumenicamente), mais cultivaremos o sentido de apropriação da Igreja e mais construiremos comunidades participativas e, não por último, um movimento ecumênico forte e renovado.

## Criação: denominação cristã para a sinfonia do universo

Defender a Criação é uma consequência natural do deslumbramento com o seu esplendor e também uma decorrência do conhecimento de um sem-número de ameaças à sua plena manifestação, aponta o ecologista Arno Kayser

POR MOISÉS SBARDELLOTTO

**É** preciso superar a “visão atrasada” das classes política e empresarial e de grande parte da população, classes essas que “creem que somente com mais atividade econômica clássica é possível crescer”. Para o agrônomo e ecologista Arno Kayser, esse paradigma tem que ser superado e transformado em “uma visão de crescimento em parceria e obediência às leis naturais”.

Nesse contexto, o conceito cristão da Criação - a “maravilhosa sinfonia que é o universo”, no qual “acontece a aventura da vida humana e não humana” - ajuda as igrejas a assumirem seu papel de “reinterpretar uma visão teológica que compreendeu o ser humano como senhor da Criação colocando toda ela a seu dispor”, defende Kayser, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Essa interpretação errônea levou a um sem-número de violências contra os fracos e justificou moralmente a destruição da natureza em prol do deleite humano”. Por isso, “defender a criação é uma consequência natural do deslumbramento com o seu esplendor e também uma decorrência do conhecimento de um sem-número de ameaças a sua plena manifestação segundo o desejo divino do Criador”.

Para isso, afirma Kayser, a espiritualidade e a mística cristãs podem contribuir com os valores do “amor universal e a comunhão dos justos”. “O amor universal nos chama para a defesa dos próximos que existem na criação e a comunhão nos coloca na condição de igual para com toda a Criação. O que é a base para toda uma prática de serviço em prol da manifestação plena de todas as formas de vida”, explica.

Arno Kayser é agrônomo, ecologista e escritor. É membro ativo do Movimento Roessler para Defesa Ambiental, entidade ecológica de Novo Hamburgo-RS. É um dos fundadores e membro ativo do Comitesinos, primeiro comitê de bacia hidrográfica do Brasil. Trabalha na Fundação Estadual de Proteção Ambiental - Fepam, órgão ambiental do estado do Rio Grande do Sul. É autor de peças teatrais infantis e livros de poesia e crônicas, com ênfase na área ambiental. Entre suas obras, destacamos *A reconciliação com a floresta* (Ed. Mundo Jovem, 2010, 2. ed) e *A borboleta que queria morrer* (Ed. Oikos). É autor do blog [www.arnokayser.wordpress.com](http://www.arnokayser.wordpress.com). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Sua palestra no Mutirão Ecumênico será “Ecologia: Desafios e perspectivas”. Quais são os principais desafios ecológicos do nosso país hoje?**

**Arno Kayser** - O Brasil é um país megadiverso em franco crescimento econômico e político no mundo, mas que ainda apresenta um quadro de grande concentração de renda e uma escala muito grande de pobreza.

Apesar do crescimento econômico e projeção política do país, ainda somos uma economia dependente que se insere no mercado internacional pela exploração inadequada dos seus recursos naturais. Em particular o solo, as florestas e reservas minerais que ainda são consumidas para gerar uma pauta de exportação de produtos primários sem grande valor agregado.

De um lado, temos o desafio de preservar nossa natureza incrível da destruição para incorporação ao processo econômico e, de outro, temos que combater os problemas decorrentes de uma industrialização crescente e uma grande concentração humana em megacidades. Estes geram poluição industrial e degradação de paisagens e recursos essenciais como a água.

Outro desafio é o saneamento ambiental do lixo e esgotos nos grandes centros e também a poluição do ar, gerada pelo transportes baseado em carros e por alguns polos de indústria pesada.

Outro grande desafio vem da geração energética. Apesar de termos muitas hidroelétricas, o nosso modelo prioriza megaprojetos que inundam grandes áreas, deslocando populações humanas e alterando ecossistemas delicados. Apesar de termos uma boa produção de combustíveis renováveis, eles vêm de grandes monocultivos. O estado de São Paulo tem quase 50% da área dedicada à produção de cana. Além disto, a indústria do petróleo cresce muito no país reforçando um modelo de produção que tem trazidos impactos poluidores e incrementado mudanças climáticas extremas no mundo todo.

Estas mudanças climáticas também são uma ameaça à produção de alimentos e à segurança de populações

em áreas de risco.

Temos um potencial muito grande em energias limpas que precisa ser desenvolvido.

No campo, temos que proteger nossas paisagens naturais que, em maior ou menor grau, estão sendo alteradas e destruídas e precisamos proteger recursos como solo agrícola e água para produção de alimentos. Tanto a mata atlântica como o cerrado, o pampa, o pantanal, a caatinga e a mata amazônica sofrem, em maior ou menor grau, com uma ocupação desordenada e baseada na pura exploração econômica sem uma visão ecológica, coordenando o uso ecologicamente sustentável destas paisagens.

Outro grande desafio é retirar da miséria grandes contingentes de pessoas que, hoje, sobrevivem em ambientes insalubres ou áreas de risco e que se veem forçadas a destruir ou contaminar o ambiente em que vivem para sobreviver.

Porém, talvez o maior desafio seja superar a visão atrasada das classes política e empresarial - e de grande parte da população -, classes que creem que somente com mais atividade econômica clássica é possível crescer. Esse paradigma tem que ser superado com a sua transformação numa visão de crescimento em parceria e obediência às leis naturais. O Brasil, por seu potencial, é um dos lugares do mundo com a maior capacidade de desenvolver uma econômica limpa e em harmonia com a natureza se fizer esta evolução cultural.

**IHU On-Line - Por outro lado, no âmbito das perspectivas, como as igrejas cristãs podem contribuir com o cuidado ambiental, sabendo-se que muitas decisões nesse âmbito são de nível político?**

**Arno Kayser** - As igrejas cristãs, em seu papel de testemunho da mensagem do Cristo - mensagem que as fundamenta -, têm um grande papel na mobilização da população para realizar esta transformação, pois ela começa no plano moral e ético em que temos que aprender a incluir como próximos a serem amados não só os irmãos humanos, mas todos os demais

seres deste planeta. Debate que já vem sendo travado há algum tempo, diga-se de passagem.

Neste debate, elas podem ajudar muito na formação de visão crítica na população que questione as decisões políticas atuais e as substitua por outras que visem o bem-estar coletivo e não só o desenvolvimento da economia de grandes grupos econômicos ou a concentração de poder em alguns caciques políticos que, hoje, controlam a cena nacional.

Ao mesmo tempo, no nível de base, elas podem ser abrigo e incentivadoras de iniciativas e organizações que comecem a construir uma sociedade baseada em fundamentos ecológicos e que movimentem a economia, no sentido de atender às necessidades reais das pessoas e promover a vida em todas as formas, substituindo o modelo atual, o qual somente visa o lucro financeiro em detrimento de todo o resto.

**IHU On-Line - A temática do Mutirão é “Unidos em Cristo na defesa da Criação”. Para o senhor, o que significa “defender a Criação”?**

**Arno Kayser** - A Criação é a denominação cristã desta maravilhosa sinfonia que é o universo no qual acontece a aventura da vida humana e não humana. Defender a criação é uma consequência natural do deslumbramento com o seu esplendor e também uma decorrência do conhecimento de um sem-número de ameaças a sua plena manifestação segundo o desejo divino do Criador. Criador que para os cristãos se manifestou em plenitude na figura do Cristo. A leitura da Bíblia nos relata que muito da evolução espiritual de Jesus se deu no contato com a natureza. Ele se retirou para o deserto a fim de enfrentar a tentação e, na hora mais dura antes da sua provação final, escolheu um jardim para orar e se fortalecer. Unir-se a Cristo na defesa da Criação é se pautar nestes gestos e se colocar ao lado dos fracos deste mundo que estão em perigo. Entre eles, os pobres, as populações tradicionais, os animais, as plantas, a água, a terra e o ar que fazem parte da Criação.

**IHU On-Line - Em nossa realidade brasileira, especialmente na região Sul, que aspectos ambientais devem ser levados em conta nessa defesa?**

**Arno Kayser** - Ecologicamente, a região Sul do Brasil está na faixa subtropical. O que faz dela uma zona de fronteira onde ocorrem vários ecossistemas de transição como a mata subtropical dos grandes rios e da costa atlântica, a mata de araucária e o pampa. Estes são relativamente pequenos em relação a outros ecossistemas e estão expostos a um sistema de produção agrícola baseado em monoculturas. Em especial, da soja e do eucalipto. Também no Sul temos os mesmos problemas de grandes concentrações urbanas de poluição dos recursos naturais e degradação humana. Os desafios são similares aos do resto do país.

**IHU On-Line - Em sua opinião, quais são as principais contribuições da espiritualidade e da mística cristãs para a defesa da Criação?**

**Arno Kayser** - O amor universal e a comunhão dos justos. O amor universal nos chama para a defesa dos próximos que existem na Criação e a comunhão nos coloca na condição de igual para com toda a Criação. O que é a base para toda uma prática de serviço em prol da manifestação plena de todas as formas de vida.

**IHU On-Line - Há visões antropológicas ou cosmológicas que as igrejas precisam mudar para que a defesa da Criação seja mais bem compreendida e posta em prática?**

**Arno Kayser** - Talvez o principal desafio seja reinterpretar uma visão teológica que compreendeu o ser humano como senhor da Criação colocando toda ela a seu dispor. Esta interpretação errônea levou a um sem-número de violências contra os fracos e justificou moralmente a destruição da natureza em prol do deleite humano.

Creio que a reinterpretação deva colocar o ser humano como parte integrante da Criação e não como seu senhor. Mas uma parte com responsabilidades maiores decorrentes das potencialidades humanas de compreender os fundamentos científicos

**“A Criação é a  
denominação cristã  
desta maravilhosa  
sinfonia que é o universo  
no qual acontece a  
aventura da vida  
humana e não  
humana”**

da Criação e da capacidade de amor universal que é latente em todos os humanos. Talentos que nos delegam tarefas maiores na gestão da criação.

**IHU On-Line - Muito se fala hoje em sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável. É possível equilibrar o desenvolvimento humano e social com a defesa da Criação?**

**Arno Kayser** - Creio que sim. Mas para isso devemos buscar um desenvolvimento ecologicamente sustentável. O conceito de desenvolvimento sustentável dominante ainda tem muito da visão economicista. Quem o defende ainda acredita que precisamos de mais desenvolvimento econômico ignorando o fato de que já temos muita atividade econômica, mas ela está mal distribuída.

O desenvolvimento ecologicamente sustentável prega a garantia das necessidades das gerações atuais sem prejudicar as necessidades das populações futuras. Mas amplia este conceito para todas as formas de vida e não somente para as necessidades humanas.

Ele também questiona o tipo de necessidades a serem garantidas: as de sobrevivência ou as de um consumo de luxo? O exemplo das demais formas vivas nos mostra que, de um modo geral, as criaturas querem ter garantidas as necessidades de sobrevivência. Não há luxos entre elas. E nem por isto elas não deixam de ter uma vida rica e interessante.

Os seres humanos têm muito a aprender no sentido de preencherem sua existência com práticas e preceitos que elevem sua condição para

uma vida de maior gozo espiritual e de relação fraterna com os semelhantes em substituição a uma busca por uma felicidade baseada em objetos e sensações de consumo.

Neste sentido, também há uma grande contribuição que pode vir das igrejas cristãs a partir do próprio exemplo de Cristo, que viveu uma vida simples no convívio com os amigos sem abrir mão de momentos de festa e gozo com seus próximos, praticando o bem e se colocando ao lado dos necessitados de toda ordem no enfrentando das dificuldades e opressões de seu tempo.

**IHU On-Line - Um de seus livros mais recentes aborda a reconciliação com a floresta. O que significa essa reconciliação?**

**Arno Kayser** - Significa superar o medo da selva que acompanha o ser humano desde priscas eras. Medo baseado em um desconhecimento da verdadeira natureza da selva que levou o ser humano a uma relação de enfrentamento e de dominação da natureza. Se reconciliar é superar uma relação baseada no medo e se reintegrar com a parte selvagem que há dentro e fora de nós nos, percebendo-nos como uma parte de um todo em permanente relação de interdependência. A ciência já nos demonstra que todas as criaturas vivas cooperam para fazer do planeta um lugar agradável para se viver. Nós temos que perceber que temos uma tarefa nessa missão e nos reconciliarmos como todos os demais seres para melhor cumpri-la.

**IHU On-Line - Como analisa a educação, a formação e o conhecimento ecológicos da população em geral, especialmente da nossa região? Que avanços precisam ser feitos nesse processo educativo ambiental?**

**Arno Kayser** - A maior parte da população foi educada dentro do paradigma do ser humano como rei da Criação e, como tal, ainda não percebe com clareza seu papel na construção de uma sociedade ecologicamente sustentável. Na verdade, estão em grande parte mergulhados na busca do consumo como fórmula de felicidade

sem perguntar bem dos custos disto para a vida do planeta.

Mas felizmente uma parcela significativa das pessoas, em particular os jovens, vem se educando dentro de uma nova visão de parceria com a natureza. Esta visão se iniciou no Sul com o trabalho de educação informal de grandes lideranças como Henrique Roessler,<sup>1</sup> José Lutzenberger<sup>2</sup> e Magda Renner,<sup>3</sup> entre outros. A continuidade dele se deu com o trabalho de toda uma geração do qual faço parte, organizados em entidades ecológicas em várias regiões do país e que tem se desenvolvido muito em escolas e co-

1 **Henrique Luiz Roessler** (1896-1963): um dos pioneiros do movimento de defesa ambiental do Rio Grande do Sul, em 1955, tornou-se fundador e principal ativista da provável primeira entidade ambientalista do Brasil - a União Protetora da Natureza - UPN. Nascido em Porto Alegre e tendo vivido por muitos anos em São Leopoldo, Roessler atuou como delegado Florestal para o RS, desenvolvendo ampla ação contra a caça e a pesca predatórias. Em 1953, passou a escrever artigos para o Suplemento Rural do Correio do Povo, tendo publicado mais de 300 crônicas. (Nota da IHU On-Line)

2 **José Antônio Lutzenberger** (1926-2002): agrônomo e ecologista brasileiro que participou ativamente na luta pela conservação e preservação ambientais. Foi secretário-especial do Meio Ambiente da Presidência da República de 1990 a 1992. Em 1971, depois de treze anos como executivo da Basf, abandonou a carreira para denunciar o uso indiscriminado de agrotóxicos nas lavouras do Rio Grande do Sul. A partir de então, dedicou-se à natureza e defendeu o desenvolvimento sustentável na agricultura e no uso dos recursos não renováveis, alertando para os perigos do modelo de globalização em vigor. Participou da fundação da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural Agapan - uma das entidades ambientalistas mais antigas do país - e criou a Fundação Gaia. Leia mais na edição número 18 da revista IHU On-Line, intitulada *Lutzenberger: uma vida em favor da natureza*, publicada em 20 de maio de 2002, disponível em <http://migre.me/5uSsx>. (Nota da IHU On-Line)

3 **Magda Elisabeth Nygaard Renner** (1926-): ambientalista e ecologista brasileira, nascida no Rio Grande do Sul. Começou a atuar na preservação ambiental na ONG Ação Democrática Feminina Gaúcha - ADFG, na qual ingressou na década de 1960. Em 1972, após assistir a uma palestra do ecologista José Lutzenberger, fundador da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural - Agapan, Magda iniciou sua militância pela causa ambiental. Sua atuação contabiliza episódios como a luta contra a maré vermelha que atingiu o litoral gaúcho na década de 1970 e contra os aterros de resíduos nas ilhas do rio Guaíba. Nos anos 1980, engrossou passeatas que alertavam sobre os problemas decorrentes da instalação do Polo Petroquímico de Triunfo. Também foi decisiva sua atuação no lobby ecológico durante a elaboração da Constituição de 1988. (Nota da IHU On-Line)

## “O amor universal nos chama para a defesa dos próximos que existem na Criação e a comunhão nos coloca na condição de igual para com toda a Criação”

munidades através de projetos pedagógicos formais e informais de várias espécies. Este processo vem num crescendo deste a Eco-92<sup>4</sup> e vem formando toda uma nova geração que aos poucos vai se impondo.

O desafio atual é não permitir que este processo generoso se perca num mar de falsas promessas de um consumo verde. Vale lembrar o que ocorreu no passado com grande parte da geração hippie, que se perdeu nas drogas ou num mundo de trabalho yuppie, esvaziando ou cooptando seus esforços transformadores.

É preciso aprofundar o processo de educação ambiental coletiva para que todos nós juntos aprendamos a construir um mundo em harmonia com a natureza. Uma tarefa que ninguém sabe exatamente o que venha a ser, mas que muitos já têm certeza do que não o é.

**IHU On-Line - Junto com as igrejas, diversos são os movimentos da sociedade civil preocupados com as questões ecológicas. Como o senhor analisa a caminhada desses movimentos hoje? É possível estreitar as relações entre elas e esses atores sociais?**

**Arno Kayser** - Acho que, a partir do Fórum Social Mundial, temos assistido a um processo de convergência e diálogo entre vários movimentos da sociedade civil que são potencializados

4 **ECO-92, Rio-92, Cúpula ou Cimeira da Terra** são nomes pelos quais é mais conhecida a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento - CNUMAD, realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro. O seu objetivo principal era buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. (Nota da IHU On-Line)

pelos sinais cada vez mais urgentes que a degradação ambiental tem nos dados diariamente. A tarefa de proteger a natureza tem um apelo muito forte semelhante ao do combate à fome, à miséria, à construção da paz e ao enfrentamento das injustiças. É uma tarefa agregadora e inquestionavelmente urgente. As igrejas também têm atuado neste contexto trazendo para o diálogo a questão do desenvolvimento de uma espiritualidade que dê conta do vazio da sociedade de consumo excludente em que estamos inseridos. É uma contribuição que se soma à base científica que gerou o movimento ecológico e contribui na formação de uma transformação cultural profunda que resulte em atitudes e novas técnicas para superar os desafios decorrentes da devastação do meio ambiente.

Neste contexto a aproximação é inevitável e necessária, pois ela nos fortalece e nos une sem que cada segmento precise abrir mão de sua individualidade, mas que disponibilize seus potenciais na gestação de um ecossistema reequilibrado, tal como ocorre com os demais seres deste planeta.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Arno Kayser** - Como diz Douglas Adams<sup>5</sup> no livro *O guia do mochileiro das galáxias*: “Não entre em pânico”. Mesmo que a catástrofe ambiental pareça inevitável, a vida sempre encontrou um jeito de sobreviver se adaptando e se transformando. A consciência dos problemas ambientais não deve nos paralisar, mas ser um fator de motivação para a ação junto ao seu grupo ou comunidade. As tarefas são muitas e há espaço para todo tipo de habilidade ou conhecimento. Só pondo a mão na massa é que a gente descobre qual é o nosso papel no processo.

5 **Douglas Noël Adams** (1952-2001): escritor e comediante britânico, famoso por ter escrito esquetes para a série televisiva Monty Python's Flying Circus, junto com os integrantes desse grupo de humor *nonsense*, e pela série de rádio, jogos e livros *O guia do mochileiro das galáxias*. (Nota da IHU On-Line)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Teologia Pública

## “Economia para a vida”: contribuições da teologia para a crítica à idolatria

“Economia para a vida implica na preservação do meio ambiente, que é condição de vida, e na vida de todas as pessoas - vida corporal, a única que temos e podemos cuidar de fato - pois a vida eterna é graça de Deus”, afirma o teólogo Jung Mo Sung

POR MOISÉS SBARDELOTTO

“Todas as sociedades produzem deuses, que são obras de ações e interações humanas que são sacralizadas, e em seu nome se funda a ordem social existente e se exige sacrifícios de vidas humanas necessários para a reprodução da ordem”. Para o teólogo Jung Mo Sung, o neoliberalismo, hoje, apresenta uma lógica idolátrica, devido à “dimensão fascinante do capitalismo global atual”. “Diante da fascinação, não basta criticar, é preciso desvelar o processo sacrificial para desmascarar a fascinação que cega”, afirma.

Nesse contexto, “a teologia tem um papel importante a cumprir na sociedade. Podemos dizer que a crítica pela teologia da fascinação da idolatria do mercado é um papel ou uma contribuição importante a dar no espaço público da sociedade e do debate acadêmico”, defende.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Sung faz também uma análise das contribuições do Concílio Vaticano II, prestes a completar 50 anos de sua convocação, além das Jornadas preparatórias para o Congresso Continental de Teologia, que irá ocorrer na Unisinos, em outubro de 2012. E também explica qual a sua compreensão da importância e do significado da “teologia pública”.

Jung Mo Sung é teólogo e filósofo leigo católico. É mestre em Teologia Moral pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo - Umesp, com pós-doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. É professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Umesp. Dentre suas obras, destacamos: *Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise* (Vozes, 2005, 2ª. ed.), *Educar para reencantar a vida* (Vozes, 2006) e *Se Deus existe, por que há pobreza?* (Paulinas, 2000, 3ª. ed.). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a importância de celebrar os 50 anos do Concílio Vaticano II? A partir dessa data especial, quais são os principais desafios que a igreja precisa discutir no atual momento histórico?**

**Jung Mo Sung** - Uma pessoa sabe quem ela é a partir da sua memória. Quando sofre amnésia e perde completamente a memória, perde também a sua identidade, não sabe quem é, e assim não consegue compreender o seu presente e nem consegue pensar no seu futuro. Assim também funciona para instituições ou igrejas. É claro que nenhuma

instituição sofre de amnésia total, mas, de forma semelhante às pessoas, a sua memória é conformada de modo seletivo. Guardamos certos fatos e esquecemo-nos de outros. Esquecer é fundamental na formação da memória e, portanto da identidade, porque não é possível guardar na memória todos os fatos. Perdoar, por exemplo, é um exercício de esquecimento.

Se sabemos quem somos a partir da nossa memória, o processo de seleção desta memória impacta não somente na identidade, mas na forma como compreendemos o presente e

as tarefas e objetivos para o futuro. Assim sendo, esquecer ou lembrar-se de certos fatos ou acontecimentos do passado da Igreja Católica influencia o modo como esta igreja compreende o seu presente e os desafios do seu futuro. Por isso, celebrar os 50 anos do Concílio ou não e como se celebra são opções importantes na “organização” da memória da Igreja e, portanto, da sua identidade e do seu futuro.

Dito isso, podemos dizer que o primeiro desafio consiste na luta pela interpretação do Concílio na história recente da Igreja, pois a memória é

sempre constituída de reinterpretação de fatos passados. Interpretado como uma abertura da Igreja ao Espírito de Deus e às realidades do mundo moderno, eu penso que a celebração dos 50 anos de Concílio nos coloca, em primeiro lugar, o desafio de repensar o próprio conceito de modernidade ou de mundo moderno que esteve presente no Concílio e ainda está em muitos documentos e textos teológicos de hoje.

A modernidade foi compreendida como emancipação humana, racional e secularizada, quando na verdade apresenta duas faces aparentemente contraditórias. A proposta de emancipação humana baseada na razão veio acompanhada de colonização e escravidão da população do mundo não europeu ocidental. A racionalidade moderna justificou a irracionalidade da matança e exploração de centenas de milhões de pessoas em nome do progresso e civilização. Franz Hinkelammert<sup>1</sup> chama a racionalidade moderna de “racionalização do irracional”. Além disso, a dita secularização não significou negação completa da religião ou do sagrado, mas o deslocamento do sagrado para a esfera do mercado, no capitalismo, e Estado no comunismo. Na crítica teológica ao capitalismo, isso foi chamado de “idolatria do mercado”.

A compreensão da modernidade como racional e secularizada traz para a Igreja o desafio de justificar a fé diante da razão e a religião diante do mundo secular. A compreensão mais crítica do mundo moderno traz o desafio de criticar teologicamente a idolatria que explora e mata, ou não permite a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo, além da degradação ambiental, em nome de um novo tipo sagrado. Como todo sagrado, este Império global que está se formando com a globalização econômica fascina e atrai ao mesmo tempo em que gera medo. Hoje, especialmente o medo de ser expulso da globalização.

1 Franz Josef Hinkelammert (1931-): economista, filósofo e teólogo da libertação alemão. Lecionou na Universidade Católica do Chile de 1963 a 1973. Depois do golpe de Pinochet, mudou-se para o Departamento Ecumênico de Investigações de San José, Costa Rica. Suas obras pensam o modo das relações sociais baseadas na acumulação do capital a partir e para a América Latina. (Nota da IHU On-Line)

## “Uma das grandes novidades do Concílio foi tentar superar a noção de a Igreja ser ou estar “separada” do mundo que se fortalece no mundo moderno”

Diante do mundo assim, a Igreja Católica, que celebra os 50 anos do Concílio como abertura ao Espírito de Deus e “às alegrias e esperanças” e também aos sofrimentos do mundo, deve assumir o desafio de encontrar formas concretas mais eficientes de testemunhar o amor de Deus junto aos pobres e vítimas deste sistema imperial global.

**IHU On-Line - Quais são as temáticas eclesiais ou teológicas que requerem uma mudança para que se dê continuidade ao espírito do Concílio Vaticano II?**

**Jung Mo Sung** - Eu penso que uma das grandes novidades do Concílio foi tentar superar a noção de a Igreja ser ou estar “separada” do mundo que se fortalece no mundo moderno. A visão do mundo dividido em religioso e secular é uma criação do mundo moderno, pois antes tudo estava sob o “manto” do religioso; a vida em sua integralidade era explicada a partir do senso religioso. Com a emergência da modernidade e da separação entre Estado e Igreja, a secularização, surgiu o “espaço público” que ficou fora do controle ou da esfera do religioso, que ficou mais restrito ao campo da vida privada.

Uma das reações da Igreja foi a de se valorizar como uma instituição “separada” por Deus que tinha como função a salvação das almas das tentações e perigos do “mundo”; isto é, o caminho da salvação consistia em “sair” do mundo, ou pelo menos não se intrometer demasiadamente nos problemas do mundo. Por isso, a religião se via como não tendo relação

com a política. E o clero, com o seu celibato, era uma expressão social visível desta teologia.

O Concílio procura superar esse dualismo Igreja/mundo, assumindo que as alegrias e esperanças do mundo também são as da Igreja e desenvolve também uma eclesiologia que procura superar a divisão interna das pessoas “separadas”, consagradas, sagradas, das pessoas comuns. E propõe uma visão da Igreja como Povo de Deus, dentro do qual todos os seus membros são iguais no Batismo, com diferentes serviços ou ministérios.

Para dar continuidade e aprofundamento neste caminho ou espírito, eu penso que é fundamental retomarmos o debate teológico em torno da Igreja como Povo de Deus a serviço do testemunho da presença do Reino de Deus no mundo. Superar a teologia da “separação”, teologia centrada na noção do sagrado. Pois, sagrado é aquilo que foi separado do mundo profano. Cristianismo não é uma religião que anuncia um novo sagrado, um sagrado mais poderoso do que outros; pelo contrário, anuncia que Deus se esvaziou do seu poder e se encarnou, entrou no mundo, na forma de um ser humano.

**IHU On-Line - Passados 40 anos desde a obra seminal de Gustavo Gutiérrez, como a Teologia da Libertação deve ser compreendida hoje? De que libertação falamos no contexto contemporâneo, que não é mais o mesmo de 40 anos atrás?**

**Jung Mo Sung** - Eu penso que é fundamental retomarmos as novidades fundamentais da Teologia da Libertação<sup>2</sup> - TdL que a diferenciaram de outras teologias políticas ou progressistas da época. A principal novidade da TdL não consistiu em falar dos pobres ou da inserção política dos cristãos na sociedade, mas na sua “ruptura epistemológica”, na sua metodologia e princípios teóricos que norteiam o fazer teologia.

O primeiro elemento desta ruptura foi a relação práxis/teologia. A TdL se

2 A IHU On-Line produziu uma edição especial, intitulada Teologia da Libertação, no dia 02-04-2007. A edição 214 está disponível em: <http://migre.me/UHKa>. (Nota da IHU On-Line)

propôs a fazer sua reflexão teológica a partir e sobre problemas das práxis de libertação. A TdL não quis reler todos os tratados teológicos a partir dos pobres - como alguns pensam ainda hoje -, mas refletir e dar respostas e pistas de ação para perguntas que vinham das lutas diante de uma realidade tão injusta. Infelizmente, muitos dos livros considerados de TdL não explicitam qual problema ou pergunta que surge da realidade e das práticas que estão tentando elucidar.

O segundo elemento foi a ruptura com a noção de que existe uma abordagem universal ou neutra na busca da verdade ou das verdades na teologia ou em outras áreas de saber. A opção pelos pobres, além de ser uma opção que norteia a condução das práticas pastorais, é uma afirmação de que, em situações de opressão, não há um ponto de vista neutro ou universal para interpretar a realidade e a fé; e que a perspectiva bíblica é a perspectiva dos pobres ou das vítimas das relações de dominação.

Um terceiro elemento tem a ver com a noção de libertação que foi colocada na pergunta. No início da TdL, a noção de libertação era bem concreta; falava-se da libertação das relações de dependência no campo da economia política internacional e nacional. Na medida em que a TdL refletia as questões das lutas sociais, a noção de libertação era entendida de uma forma bem “encarnada”, dentro das possibilidades históricas. Com o passar do tempo, começou a predominar a noção de libertação como a passagem para um mundo “sem dominação e injustiça, um mundo de plena harmonia”. Isto é, uma noção abstrata de libertação que pressupõe a libertação de todas as contradições humanas e de todos os conflitos e problemas inerentes a todas as sociedades humanas. No fundo, a libertação passou a significar a “construção do Reino de Deus em plenitude” no interior da história. Com isso, perdeu-se a concretude histórica que se pretendia no início da TdL com o diálogo com as ciências do social.

É claro que há outros elementos importantes nessa teologia, como a necessidade da “libertação da teologia”

## “O Concílio procurou superar esse dualismo Igreja/mundo, assumindo que as alegrias e esperanças do mundo também são as da Igreja”

(a autocrítica da teologia, da Igreja, da religiosidade dos pobres, incluindo as CEBs) para que possa haver a teologia da libertação; mas o espaço aqui não permite alongar muito esse tema.

Para terminar a resposta a esta pergunta, eu penso que é importante repensarmos o próprio conceito de libertação antes de responder libertação do “quê” falamos hoje. Em outras palavras, repensar a relação entre a libertação, liberdade e a condição humana.

**IHU On-Line - A partir dos debates da Jornada Teológica do Cone Sul e do Brasil, que ocorreram em junho, por onde anda a teologia hoje? Que questões centrais foram debatidas?**

**Jung Mo Sung** - A Jornada Teológica que ocorreu em Santiago, Chile<sup>3</sup>, precisa ser entendida dentro da realidade da Igreja Católica chilena. Não foi uma jornada de especialistas discutindo ou avaliando a situação da TdL hoje, mas foi um encontro que serviu mais para ser um “sinal dos tempos” na Igreja de Chile, que passa por dificuldades. Isto é, um evento que reuniu diversos setores da Igreja chilena para discutir temas que giravam fundamentalmente em torno do testemunho profético da Igreja na realidade social. Por isso, não é possível dizer por onde anda a teologia hoje a partir daquela jornada. Para interessados em mais detalhes sobre a jornada, vale a pena conferir o sítio que contém também textos discutidos lá: [www.jornadateologicas.cl](http://www.jornadateologicas.cl).

**IHU On-Line - O espaço dos leigos e leigas - especialmente mulheres**

<sup>3</sup> Sobre a Jornada Teológica, confira as notícias publicadas nas Notícias do Dia, disponíveis em: <http://acessa.me/gvz9> e <http://acessa.me/gvz2f>. (Nota da IHU On-Line)

- na Igreja continua sendo reduzido. A que “paradigma” esse fenômeno está associado? Que mudanças são necessárias para uma nova eclesiologia, menos clericalista?

**Jung Mo Sung** - Eu penso que o ponto nevrálgico na discussão de um novo modo de compreender a estrutura interna da Igreja está na articulação entre dois temas: a missão da Igreja no mundo e a tradição como parte da revelação.

Setores da Igreja Católica que reivindicam mudanças estruturais que ofereçam mais espaço de atuação e decisão para laicato (homens e mulheres) e possibilidade de ordenação das mulheres se fundamentam em dois pontos: a) a missão da Igreja no mundo como testemunho profético capaz de questionar a sociedade e, por isso, a necessidade de adequações internas para fazer jus a este papel profético; b) uma leitura da Bíblia que não se reduz a repetição das regras existentes no tempo bíblico, mas a que se utiliza da hermenêutica para “atualizar” o espírito da Bíblia nos dias de hoje.

Setores que se opõem a essas mudanças têm uma concepção da missão que se funda mais na “separação” do mundo ou na salvação eterna das almas, que têm pouco a ver com o testemunho profético. Além disso, esses setores costumam compreender a tradição da Igreja - incluindo aqui toda a história da conformação das estruturas institucionais e hierárquicas - como parte do processo de revelação da vontade de Deus no mundo. Sendo assim, a modificação na relação clero/laicado e a ordenação das mulheres são vistas como contrárias à verdade revelada e guardada pelo magistério da Igreja.

Por isso, penso que a mudança eclesiológica pressupõe uma mudança na compreensão da relação entre a verdade revelada e a Igreja. O que implica em um debate teológico e mudança cultural muito interessante e difícil.

Mudanças profundas em instituições seculares como a Igreja Católica são resultados de dois movimentos: um interno, a partir de uma nova compreensão de si e da sua missão, que é fruto de uma luta interna em termos de debate teológico-ideológico e de relações força entre os grupos; e a pressão

do contexto onde está localizada. O crescimento de religiões não cristãs, como o islamismo, e principalmente de Igrejas evangélicas e pentecostais pode ser um fator de pressão para mudanças. Quando ficar mais claro que as respostas tradicionais não são capazes de fazer frente às novidades e pressões do contexto social e religioso, haverá mais espaço para mudanças desejadas por grupos internos que hoje não são hegemônicos.

**IHU On-Line - Em sua opinião, qual é o espaço e a importância de uma “teologia pública”?**

**Jung Mo Sung** - Eu penso que há dois tipos de compreensão quando se fala da “teologia pública”. O primeiro é no sentido de que a teologia e a Igreja têm ou devem ter um papel ou uma contribuição a dar na “esfera pública”. Uma visão mais ampla e mais “neutra” da teologia política ou TdL, na medida em que inclui na esfera pública a sociedade civil, além da esfera da política no sentido estrito. Eu usei o termo “neutro” para dizer que o fato de se assumir como teologia pública não conota necessariamente nenhum posicionamento ideológico ou político definido. Há autores da teologia política que são mais conservadores ou mais “liberais” (no sentido norte-americano) ou progressistas.

O segundo é a compreensão da teologia pública como uma presença pública da teologia nas universidades, dialogando com as ciências em geral. É uma forma de a teologia sair do “gueto” dos seminários ou faculdades de teologia e participar de forma amadurecida no âmbito da academia. Seria uma forma de superar a preconceito contra a teologia que surgiu após o Iluminismo.

Eu penso que esses dois tipos de compreensão da teologia pública são úteis e podem contribuir no diálogo e na inserção das igrejas cristãs na sociedade hoje. Mas “teologia pública” por si só não define suficientemente os pressupostos epistemológicos e opções éticas de cada corrente interna. Por isso, penso que é preciso adjetivar a expressão, como, por exemplo, “teologia pública neo-ortodoxa” ou “teologia pública profética”.

## “É fundamental retomarmos o debate teológico em torno da Igreja como Povo de Deus a serviço do testemunho da presença do Reino de Deus no mundo”

**IHU On-Line - As novas tecnologias digitais mudaram os espaços, os tempos, os conceitos de comunidade, pertença etc. Como essa realidade se reflete (ou não) no campo teológico e pastoral?**

**Jung Mo Sung** - A vida e os relacionamentos das pessoas e das comunidades estão marcados profundamente pela noção de tempo e espaço. Na medida em que novas tecnologias estão criando novo tipo de espaço, o espaço virtual, que permite, por exemplo, redes de relacionamentos que ultrapassam limites do espaço geográfico, elas modificam também a noção de tempo e assim a própria noção de pertença e do que é importante na vida.

Com certeza, essas modificações estão afetando a pastoral, mas ainda há poucas pesquisas e reflexões teológicas sobre isso. Como disse antes, a TdL deve se ocupar com temas e problemas que surgem das práticas pastorais sociais e, portanto, este deveria ser um tema urgente.

Deixe-me dar um pequeno exemplo como provocação para reflexões. Através de redes sociais estão surgindo comunidades virtuais de cristãos, com pessoas de diversas partes do mundo, em torno de visões teológicas ou religiosas convergentes. É claro que comunidades virtuais não possibilitam a experiência de “face a face”, que é fundamental na experiência comunitária. Todavia, elas permitem que pessoas que se sentem isoladas, seja porque vivem longe da sua comunidade de pertença original ou porque não aceitam a teologia ou a linha pastoral da sua igreja local, se vejam perten-

cendo ao que poderíamos chamar de versão tecnológica da “comunhão dos santos”. Há muitas pessoas que usam, por exemplo, Twitter como um “púlpito” para a divulgação de mensagens ou de pensamentos teológicos.

**IHU On-Line - Em sua fala na Jornada Teológica, o senhor abordou as referências no âmbito econômico de conceitos religiosos ou teológicos como dogmatismo, fundamentalismo, sacralização do mercado, sacrifícios. O que isso revela a respeito da sociedade contemporânea?**

**Jung Mo Sung** - Na verdade, eu citei autores fora da teologia, especialmente da área da economia e administração de empresas que usam esses termos religiosos para falar das práticas e teorias no campo econômico e das empresas. Este tipo de pesquisa e reflexão começou já na década de 1970, na TdL, com autores como Franz Hinkelammert e Hugo Assmann<sup>4</sup> e eu tenho participado disso desde 1988.

A constatação do uso de termos religiosos e teológicos no campo da economia não é um acaso ou um simples uso de metáforas sem importância na economia. Este uso constante de termos e símbolos religiosos para sintetizar lógicas, práticas e cosmovisões econômicas revela que o mundo moderno não é não religioso. Pelo contrário, não se pode compreender o

<sup>4</sup> Hugo Assmann: professor na Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo. É doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, Itália. É Gaúcho, foi professor de teologia no Seminário de Viamão na década de 1960. Exilado, foi um dos pioneiros da Teologia da Libertação. Uma vez radicado na Costa Rica, inicia uma importante pesquisa, juntamente com Franz Hinkelammert sobre Economia e Teologia. Já de volta ao Brasil, dedica-se aos temas da educação. “Ele ajudou a construir a Igreja do Montserrat, que é muito moderna, atualizada. A reconstrução foi feita sob os cuidados dele. Então, ele, como vigário, era um dinamizador das vivências do bairro. Hugo realizava muitas atividades. A missa que preparava era sempre muito caprichosa, e as festas e a liturgia, muito cuidadas. Ao mesmo tempo, participava do movimento social de auxílio às pessoas com necessidade e se mostrava uma presença intelectual forte. Ele tinha nessa paróquia a presença de muitos universitários e intelectuais, uma vez que era uma pessoa muito conceituada nessa área. Além disso, era provocador, com muito rigor de argumentação e sempre muito atualizado. Então, instigava muita mudança e reação, sobretudo no meio mais conservador”, disse, em entrevista à IHU On-Line, Esther Grossi. (Nota da IHU On-Line)

mundo moderno se não levar em consideração o fato de que ele se levanta contra o mundo feudal com a pregação de uma boa nova: a libertação humana pelo avanço tecnológico e econômico. Só que essa salvação, como toda religião, exige sacrifícios. A economia capitalista não nega a soteriologia da cristandade medieval, mas a modifica. Agora os sacrifícios necessários para a salvação são exigidos em nome do mercado. É por isso que os ideólogos e defensores do capitalismo se dão bem que setores conservadores das igrejas que defendem que não há salvação sem sacrifício.

Em resumo, o mundo moderno não é secularizado no sentido antirreligioso, mas é idólatra. Karl Marx<sup>5</sup> e Max Weber<sup>6</sup> já apontaram para esse aspecto do capitalismo.

**IHU On-Line - Em sua crítica ao neoliberalismo, o senhor usa termos como “ídolo” e “idolatria”. Em que sentido?**

**Jung Mo Sung - Um dos conceitos te-**

**“Cristianismo não é uma religião que anuncia um novo sagrado, um sagrado mais poderoso do que outros; pelo contrário, anuncia que Deus se esvaziou do seu poder e se encarnou, entrou no mundo, na forma de um ser humano”**

ológicos fundamentais da Bíblia, se é que podemos dizer que é um conceito no sentido mais técnico, é o da idolatria. Todas as sociedades produzem deuses, que são obras de ações e interações humanas (objetos ou instituições) que são sacralizadas, e em seu nome se funda a ordem social existente e se exige sacrifícios de vidas humanas necessários para a reprodução da ordem.

Os profetas perceberam isso e desvelaram e criticaram esse processo de produção de deuses, os ídolos. Em oposição a ídolo, que se caracteriza por exigir sacrifícios de vidas humanas, a Bíblia nos apresenta Deus que não quer sacrifícios, mas misericórdia. Os seguidores de Deus misericordioso podem doar suas vidas por amor, na liberdade, mas não se sentem coagidos entregando suas vidas em sacrifício.

Um aspecto que é importante na crítica à idolatria é que o ídolo é sempre visto como deus por seus adoradores e, por isso, fascina e atrai. Quando digo que o neoliberalismo apresenta uma lógica idolátrica estou também querendo apontar para a dimensão fascinante do capitalismo global atual. Diante da fascinação, não basta criticar; é preciso desvelar o processo sacrificial para desmascarar a fascinação que cega. Nesta tarefa, a teologia tem um papel importante a cumprir

na sociedade. Voltando ao tema da teologia pública, podemos dizer que a crítica pela teologia da fascinação da idolatria do mercado é um papel ou uma contribuição importante a dar no espaço público da sociedade e do debate acadêmico.

**IHU On-Line - Para o senhor, a vida econômica hoje é percebida como uma religião, e o neoliberalismo, como uma nova religião econômica. É possível uma “outra economia”, justa e eticamente regulada? Sobre que parâmetros estaria assentada?**

**Jung Mo Sung -** Uma ideia ampla como “economia justa e eticamente regulada” nos ajuda a pensar na superação da economia capitalista que conhecemos hoje. Mas, ao mesmo tempo, não é muito operacional e não oferece muitas pistas concretas para formular os pontos principais de uma “outra economia”. Isso porque entramos em uma discussão sem fim sobre o que é “justo” e “ético”; só para depois entrarmos na discussão de como ética pode regular economia.

Economia é o campo da produção e distribuição de bens materiais e simbólicos necessários para a reprodução da vida humana. Não basta que uma economia seja justa e ética - não importa aqui o que se entende por isso -, se não produz o suficiente para a reprodução da vida de toda a sociedade. Por isso, eu prefiro a proposta por Franz Hinkelammert de discutirmos em torno da “economia para a vida”. Esta expressão remete a Jo 10, 10, “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”, e se opõe a economia capitalista que é pensada para o crescimento econômico e acumulação do capital.

Economia para a vida implica também na preservação do meio ambiente, que é condição de vida, e na vida de todas as pessoas. Aqui estamos falando de vida corporal, a única que temos e podemos cuidar de fato - pois a vida eterna é graça de Deus.

O grande desafio para quem luta por uma sociedade mais justa e humana, onde todas as pessoas tenham a oportunidade e possibilidade de ter uma vida digna e prazerosa, é responder à pergunta: como será a nova for-

5 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos *Cadernos IHU ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lf>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista *IHU On-Line*, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)

6 Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a *IHU On-Line* dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber o *IHU* publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo *IHU*, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

**“Teologia pública’ por  
si só não define  
suficientemente os  
pressupostos  
epistemológicos e  
opções éticas de cada  
corrente interna”**

ma de coordenação da divisão social do trabalho?

Uma característica das economias não simples é o fato da fragmentação do processo produtivo. Isto é, ninguém ou nenhum grupo pequeno produz todos os bens necessários para a sua sobrevivência. Com isso, cada um faz uma parte do trabalho necessário e há a necessidade de coordenação desses trabalhos ou processos fragmentados. O comunismo propôs, como alternativa ao capitalismo, o modelo de planejamento centralizado pelo Estado. A experiência histórica nos mostrou que esse caminho é ineficiente porque é impossível conhecer de modo eficaz todos os elementos da economia para esse planejamento. O neoliberalismo propõe que o mercado seja o único ou principal instrumento de coordenação da divisão social do trabalho.

A luta por uma “economia justa” ou uma “economia para a vida” passa necessariamente por este desafio de pensarmos uma forma alternativa dessa coordenação. Propostas econômicas alternativas no âmbito de unidades produtivas (por exemplo, empresas na linha da “economia de comunhão”) ou em âmbitos microrregionais ou marginais ao mercado global (por exemplo, muitas experiências de economia solidária) são importantes e ajudam muito na vida concreta do povo. Mas, em termos de outro sistema econômico, não há como evitar o tema dessa coordenação.

A princípio, podemos dizer que há sim alternativa ao capitalismo, pois ele não é eterno, mas não será solução perfeita ou definitiva.

## **Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011**



**Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material**

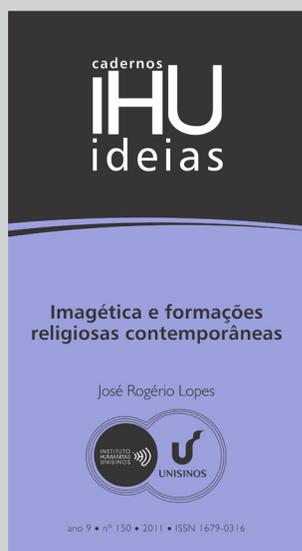
**Palestrante: Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo - Unisinos**

**Data de início: 29 de agosto de 2011  
Data de término: 07 de novembro de 2011**

**Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU**

**Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



## Uma outra cauda longa: concentração diversificada das mídias contemporâneas

POR JOÃO MARTINS LADEIRA\*

Nestes dias que correm, diversas imagens foram criadas na expectativa de apresentar ao público uma forma convincente e palpável para a complexa configuração contemporânea dos meios de comunicação. Algumas se tornaram bastante populares. Uma, especialmente corrente, interpreta a busca sistemática pela diversificação como principal marca.

Esta ideia da cauda longa, de Chris Anderson, impacta por recopilar expectativas anteriores. Reflexo de diagnósticos sobre o imperativo de diversificar a velha produção de massa, trata-se de modelo simples. Mercados de massa teriam se esgotado. Em seu lugar, surgiriam nichos diversificados. E neles se venderiam menores quantidades de mercadorias de muitos tipos.

Meios digitais criariam espaços acessíveis para disponibilizar muitos bens para uma intensa quantidade de públicos. De forma harmônica, a diversidade de gostos encontraria equivalentes nas estruturas de distribuição flexíveis, das quais internet seria o principal exemplo. A explicação, se-dutora, dizia exatamente aquilo que

se esperava ouvir.

Supor um mundo diversificado mostra-se como eco de outros debates, em que o sonho da flexibilidade ocupa lugar central. A caracterização real sobre os meios de comunicação talvez seja menos excitante. Alguns velhos jogos de calcular ocupam ainda o lugar do mercado dinâmico e diversificado que Anderson quis pintar, como outros antes dele.

Características mais relevantes - e menos valorizadas - residem alhures. O modelo da cauda longa parece uma imagem distorcida daquilo que de fato importa: a construção de meios, estes sim diferenciados, visando à comercialização de velhos produtos de grande porte ainda extremamente relevantes.

O quadro para os mercados de comunicação parece contraditório. Diferenciação? Decerto. Não de bens prenhos de diversidade, mas de seus canais de comercialização. Outro diagnóstico possível versa sobre a tendência a criar sinergias entre parcelas da indústria cultural, de modo a obter a máxima exploração de uma mesma ideia.

\* João Martins Ladeira é doutor em sociologia pelo IUPERJ, mestre em comunicação e jornalista graduado pela UFF e bolsista PNPd junto ao PPGCC, Grupo Cepos, do qual é membro ativo. E-mail: joaomartinsladeira@gmail.com

A característica se apresenta de duas formas. Uma, mais simples, reside no reempacotamento de produções idênticas em roupagens distintas. Tal formato permite transpor um mesmo item em vários formatos. Não se trata de estratégia nova. Mesmos os chefões dos estúdios já sabiam o quanto seus lucros dependiam de canais alternativos às salas de projeção.

Assim, películas cinematográficas reaparecem nas prateleiras de locadoras de DVDs, apenas para, algum tempo depois, transformar-se em programação de canais a cabo e, muitos meses à frente, chegarem às estações abertas. Recentemente, uma nova oportunidade tem se afirmado: o *streaming* de audiovisual na internet, licenciado como negócio rentável.

Aqui, importa administrar os intervalos de tempo entre formatos de distribuição. Criar limites ao acesso permite cobrar valores diferenciados dos mais apressados. Consumo imediato implica arcar com preços mais elevados. Tal caminho de diversificação se mostra como uma estratégia simples, anexada a outras, mais sofisticadas.

A segunda alternativa talvez seja mais complexa. Reside na confecção de conjuntos de itens distintos, mas baseados num mesmo conceito. Franquias, cujo resultado são dezenas de mercadorias alternativas, tornam-se o expoente claro desta tendência, pela possibilidade de confeccionar muitos tipos de produções.

Sequências infinitas de películas de Guerra nas Estrelas, Homem-Aranha ou Harry Potter; adaptados ou adap-

táveis como literatura ou histórias em quadrinhos; possíveis de desdobrar em brinquedos ou parques temáticos; retomados e ampliados em continuções ou *remakes*: todas são exemplos que denotam o poder da administração racionalizada destas franquias.

Tal oportunidade não tem origem no nada. Condições específicas se mostraram necessárias para organizações com tal racionalidade se afirmarem. A concentração entre corpo-

### “Alguns velhos jogos de calcular ocupam ainda o lugar do mercado dinâmico e diversificado que se tentou pintar”

rações de comunicação fora central. Presenciada a partir do final dos anos 1980 e intensificada durante a década de 1990, representa uma chance inédita de integração de negócios.

Sua consequência mais clara está na construção de imensos conglomerados, capazes de atuar nas atividades das mais variadas. Exatamente tal ação multifacetada permite a um mesmo produto circular entre muitas mídias distintas. Aqui, a convergência de negócios se mostra intensamente associada à diversificação de

meios, num fenômeno complexo.

A criação de conglomerados como AOL-Time-Warner, Capital Cities-Disney-ABC ou Vivendi-Universal espelha esta realidade. Tais oligopólios globais podem, enfim, retomar seus imensos investimentos fixos através de redes internacionais de distribuição. Tal resultado aponta para cenário distinto da suposta atuação em subculturas ou em nichos de mercado.

Assim, uma mesma mercadoria pode ser comercializada por corporações distintas. Todavia, a concentração da propriedade permite solucionar problemas centrais com relativo grau de facilidade. Graças a esta organização, mesmo questões das mais complexas - a negociação de copyright - vem a ser minimizadas.

Outros ganhos não menos importantes são dignos de nota. Minimizar o princípio de incerteza típico à atuação das indústrias culturais merece destaque. A atuação diversificada não oferece garantias. Porém permite, pela presença em diversas atividades, maior controle sobre a extensão do mercado. Este processo de consolidação envolve principalmente poder.

Anderson perdeu o elemento relevante. Seu desenho ignorou a concentração e as oportunidades oferecidas para diversificar a venda de produtos de grande porte. Esperava-se que o poder se remodelasse, distanciando-se dos mercados de imensa dimensão. Nada mais diferente do sonho dos vários nichos. E nada mais real.



## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) de 16-08-2011 a 19-08-2011.**

### Tecnologia Terminator e o dilema brasileiro

Entrevista especial com **Silvia Ribeiro**, pesquisadora e coordenadora de programas do Grupo ETC

Confira nas Notícias do Dia de 16-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/prxX5i>

Apesar de o Convênio de Diversidade Biológica das Nações Unidas - CDB ter adotado uma moratória global contra a experimentação e o uso da tecnologia Terminator dez anos atrás, tramita no Congresso Nacional dois projetos de lei que pretendem liberar o uso dessas sementes no país. As iniciativas são “extremamente preocupantes”, diz a pesquisadora.

### Crise internacional: o desafio de regular o mercado financeiro

Entrevista especial com **Luiz Fernando de Paula**, professor de Economia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e presidente da Associação Keynesiana Brasileira - AKB

Confira nas Notícias do Dia de 17-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/nxHLa9>

“Procura-se dar soluções de mercado para problemas que foram gerados justamente por um mercado excessivamente livre”, frisa o economista ao analisar a crise financeira in-

ternacional e as medidas adotadas por governos europeus e estadunidense. Para ele, a economia mundial ainda não entrou em “grande depressão”, mas está longe de encontrar uma solução.

### Reformas reforçam o socialismo sui generis de Cuba

Entrevista especial com **Max Altman**, jornalista, membro do Coletivo da Secretaria Nacional de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores

Confira nas Notícias do Dia de 18-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/nqgDt5>

A análise da realidade econômica impôs a Cuba mudanças na condução da economia nos próximos anos. O preço elevado das commodities no mercado internacional e a precariedade da produção agrícola interna fizeram o governo repensar medidas adotadas há mais de 50 anos.

### Lei Maria da Penha e a violência simbólica

Entrevista especial com **Patrícia Mattos**, cientista política na Universidade Federal de São João Del-Rei

Confira nas Notícias do Dia de 19-08-2011

Acesse no link <http://bit.ly/qQPbif>

Instituída há cinco anos, a Lei Maria da Penha já resultou em mais de cem mil sentenças por agressão contra as mulheres e é considerada um avanço na legislação brasileira “ao diferenciar a violência sofrida pelas mulheres das outras formas de violência.

## Seminário Observatórios, Metodologias e Impactos nas Políticas Públicas

**Paulo de Martino Januzzi - Secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Soci**

**Data: 27/9/2011**

**Informações em <http://migre.me/5uQ6N>**

## Destaques On-Line - 05-07-2011 a 16-08-2011

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) no período de 05-07-2011 a 16-08-2011.

### O mundo árabe em movimento

Entrevista especial com Analúcia Danilevicz Pereira, historiadora, professora na Escola Superior de Propaganda e Marketing, na Faculdade Porto-Alegrense e na UFRGS

Confira nas Notícias do Dia de 05-07-2011

Acesse no link <http://bit.ly/IGT0ep>

As manifestações que têm deixado o mundo árabe em ebulição nos últimos meses possuem como principal motivo a decadência do padrão econômico da população e não a busca pela democracia, assinala Pereira.

### A cidadania transitiva no contexto da comunicação digital

Entrevista especial com Massimo Canevacci, antropólogo italiano

Confira nas Notícias do Dia de 21-07-2011

Acesse no link <http://bit.ly/q84Gxg>

“Há uma profunda interconexão entre a metrópole comunicacional, a subjetividade multivital e as culturas digitais. Sublinho culturas, no plural, porque não é uma questão de tecnologia: a dimensão da comunicação digital está transformando profundamente o contexto global e local”, acentua Canevacci.

### Redes sociais atuam como filtros de informações

Entrevista especial com Luli Radfahrer e Raquel Recuero

Confira nas Notícias do Dia de 16-07-2011

Acesse no link <http://bit.ly/pFV6IW>

Ao remover a ideia de armazenamento local de dados, “a computação em nuvem promove a colaboração ao mesmo tempo em que concentra o processamento e as bases de dados nas mãos de poucos. É ao mesmo tempo libertadora e escravizante”.

## Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011

Data de início: 29 de agosto de 2011

Data de término: 07 de novembro de 2011

Informações em <http://migre.me/5uQ8c>



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

# Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

<b>Dia 22-8-2011</b>
<p>Evento: Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades Palestrante: MS Andrei D. Cechin pela USP Tema: Limites da economia sustentável na perspectiva de Georgescu-Roegen Horário: 20 às 22h Local: Auditório Pe. Bruno Hammes - Área 4 Maiores informações: <a href="http://bit.ly/fmmTpa">http://bit.ly/fmmTpa</a></p>
<p>Evento: EAD - Jesus e o reino no Evangelho de Marcos - 2011 Palestrante: Equipe de Espiritualidade do IHU Tema: O início do Evangelho de Marcos (Mc 1,1-15) Local: Plataforma Moodle Maiores informações: <a href="http://bit.ly/roVure">http://bit.ly/roVure</a></p>
<b>Dia 24-8-2011</b>
<p>Evento: ObservaSinOs - Oficina sobre os dados censitários 2010 da Região do Vale do SinOs - Oficina Indicadores da Saúde Palestrante: Prof. MS Ademir Barbosa Koucher - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Tema: Observasinos - Oficina sobre os dados censitários 2010 da Região do Vale do SinOs Horário: 14h às 17h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU Maiores informações: <a href="http://bit.ly/r5ygRR">http://bit.ly/r5ygRR</a></p>
<b>Dia 25-8-2011</b>
<p>Evento: IHU ideias Palestrante: MS Mário Francis Petry Londero - UFRGS Tema: O acontecer na clínica: quando o criar resiste à normatização do cotidiano Horário: 17h30min às 19h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU Maiores informações: <a href="http://bit.ly/oWxdQv">http://bit.ly/oWxdQv</a></p>
<b>Dia 29-8-2011</b>
<p>Evento: Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011 Palestrante: Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo - Unisinos Tema: Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material Horário: 20 às 22hh Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU Maiores informações: <a href="http://bit.ly/ndTF3S">http://bit.ly/ndTF3S</a></p>
<p>Evento: Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira Palestrante: Profa. Dra. Christa Berger - Unisinos Tema: Do rádio à internet: a legalidade e a mobilização popular hoje Horário: 19h30min às 22h30min Local: Auditório Central - Unisinos Maiores informações: <a href="http://bit.ly/mG3UrL">http://bit.ly/mG3UrL</a></p>

Dia 29-8-2011

Evento: Tópicos Especiais II: Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III . A exceção jurídica e o governo da vida humana”

Palestrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - Unisinos

Tema: Homo sacer

Horário: 8h30min às 12h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Maiores informações: <http://bit.ly/qQ7NQP>

## Exposição alusiva aos 50 anos da Campanha da Legalidade está disponível na sede do IHU

Na sede do Instituto Humanitas Unisinos - IHU já está disponível uma exposição de fotos e painéis sobre o importante acontecimento histórico de agosto de 1961, conhecido como “Campanha da Legalidade”.

A exposição, aberta ao público, ficará disponível até o dia 29 de agosto, quando se encerra o **Seminário 50 anos da Campanha da Legalidade: memória da democracia brasileira**<sup>1</sup>.

O evento é uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em parceria com o PPG em História da Unisinos.

O sítio do IHU publicou ainda uma instigante entrevista com o historiador Jorge Ferreira, que proferiu, no último dia 18 de agosto, na Unisinos, a palestra “Contexto e Significados da Legalidade”<sup>2</sup>.



1 Informações a respeito do Seminário podem ser acessadas no sítio do IHU On-Line, disponível em: <http://twixar.com/sk0FMNPre7a2kl>. (Nota da IHU On-Line)

2 A entrevista com o historiador pode ser acessada no sítio do IHU On-Line, disponível em: <http://twixar.com/P31fOo-foid3c>. A cobertura completa da palestra pode ser acessada na página da revista IHU On-Line, disponível em: <http://twixar.com/GyWhouv1y>. (Nota da IHU On-Line)

## “Estamos usando em um ano o que a natureza demora um ano e meio para recompor”

Segundo sugere Georgescu-Roegen, o aquecimento causado por atividades humanas tem provado ser um obstáculo maior ao crescimento econômico sem limites do que a finitude de recursos acessíveis, explica Andrei Cechin

POR GRAZIELA WOLFART

**A**ndrei Cechin é estudioso do pensamento de Nicholas Georgescu-Roegen (1906-1994), que foi um matemático e economista heterodoxo romeno, cujos trabalhos resultaram no conceito de decrescimento econômico e é considerado como o fundador da bioeconomia (ou economia ecológica). Para Cechin, “uma importante implicação do pensamento de Georgescu para o debate sobre desenvolvimento sustentável é que, no fundo, qualquer tentativa de solucionar o problema da distribuição de recursos naturais entre as gerações depende da postura ética das atuais gerações em relação às gerações que ainda estão por vir”.

Na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line** por e-mail, Andrei Cechin explica que “a utilização dos recursos energéticos e materiais terrestres no processo produtivo e a acumulação dos efeitos prejudiciais dos resíduos no ambiente revelam que a atividade econômica de uma geração tem influência na atividade das gerações futuras. Assim, o que está em jogo é a possibilidade de que estas tenham qualidade de vida igual ou maior que a da atual geração. E este é o cerne do problema ecológico para Georgescu. As pressões sobre os ecossistemas aumentarão ainda mais em uma escala global nas próximas décadas se a atitude e as ações humanas não mudarem radicalmente. Precisamos, porém, entender que somos nós que dependemos dos ecossistemas, e não eles que dependem dos seres humanos”.

Andrei Cechin participará do **Ciclo de Palestras Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades** no próximo dia 22 de agosto, falando sobre os limites da economia sustentável na perspectiva de Georgescu-Roegen, das 20h às 22h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. É doutorando em Administração na Universidade de Wageningen, na Holanda, mestre em Ciência Ambiental pelo Programa de Pós Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo - USP, e economista formado na FEA-USP. Confira a entrevista.

### **IHU On-Line - Como definir o conceito de decrescimento econômico em Georgescu-Roegen?**

**Andrei Cechin** - A ideia de decrescimento em Georgescu vem como resposta a duas propostas de outros dois precursores da economia ecológica: a “condição estacionária” de Herman Daly<sup>1</sup>, e a “economia do astronauta” de Kenneth Boulding. A condição estacionária é entendida como aquele estado em que a quantidade de recursos da natureza utilizada seria suficiente apenas para manter constantes

o capital e a população. Significa obter desenvolvimento sem crescimento material: a escala da economia é mantida constante enquanto ocorrem melhorias qualitativas. Uma economia que dependesse inteiramente da utilização direta da radiação solar, e que reciclasse os materiais dissipados pelo processo industrial (“economia do astronauta” de Boulding) poderia, em tese, operar como um ciclo fechado. Dada a disponibilidade de energia advinda do Sol, não haveria barreira para reciclar os materiais dissipados pelo processo industrial.

No entanto, para Georgescu a “economia do astronauta” está fundada no mito de que todos os minérios passarão

à categoria de recursos renováveis. A reciclagem total dos materiais não seria possível na prática. Por isso, a tendência de extração de recursos será necessariamente declinante a partir de determinado momento - por mais remoto que possa estar o início dessa tendência. Isso fará com que a escala da economia seja reduzida. A proposta de condição estacionária de Daly foi considerada igualmente um “mito de salvação ecológica”, pois transmitiria a ideia de que seria possível manter indefinidamente os padrões de vida e de conforto já alcançados nos países abastados e dá a falsa impressão de que o fim do crescimento e a manutenção de um determinado padrão

<sup>1</sup> Confira, na edição 369 da **Revista IHU On-Line**, de 15-08-2011, uma entrevista exclusiva com Herman Daly à **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/r0b5eb>. (Nota da IHU On-Line)

de vida, com capital e população constantes, não implicam pressão nos ecossistemas.

### O crescimento não é ambientalmente sustentável

Georgescu foi além da condição estacionária e da economia do astronauta. Dado o caráter inevitável do decrescimento, consequência da limitação material da Terra e dos limites à reciclagem, propõe que esse processo seja voluntariamente iniciado, em vez de vir a ser uma decorrência da escassez de recursos. A ideia é que não bastará parar de crescer, ou mesmo estabilizar o fluxo de recursos naturais que entra na economia. E para ele, nos anos 1970, algumas economias do mundo já deveriam estar pensando na redução desses fluxos.

Mais de trinta anos depois do alerta de Georgescu, a ideia de decrescimento planejado como maneira de evitar o colapso ambiental ganhou alguns adeptos. Segundo essa perspectiva, a sustentabilidade ambiental muito provavelmente não pode ser alcançada com aumento da produção e consumo. O fato é que ficou mais difícil ignorar o seguinte dilema: o crescimento não é ambientalmente sustentável, pelo menos em sua forma atual, por mais que se consiga uma desmaterialização/descarbonização relativa da economia, mas ao mesmo tempo o decrescimento é algo instável, pelo menos sob as condições atuais, pois leva ao aumento do desemprego e a uma espiral de recessão, como mostrou o relatório do governo britânico “Prosperity without growth?”.

Peter Victor no livro *Managing without growth: slower by design, not disaster* (Cheltenham: Edward Elgar Publishing 2008) defende a ideia de que os países ricos já têm condições para abandonar o crescimento e, por isso, deveriam fazê-lo de imediato. A mensagem é que seria melhor reduzir o crescimento de forma intencional e projetada fazendo alterações em instituições-chave, como impostos e jornada de trabalho, do que ter de encarar-lo por desastre. Talvez seja justamente pela força e pelo choque que causa o termo decrescimento, que um

## “Segundo uma visão inspirada em Georgescu, existe, abaixo da chamada ‘economia real’ do PIB, a economia material no sentido mais forte”

movimento de crítica radical ao economicismo e à ideologia do crescimento vem se apropriando dele e popularizando-o, principalmente na Europa. Quando surgiu esse movimento com um discurso mais ou menos afinado se autodenominando “decrescentistas”, uma coletânea de artigos de Georgescu já havia sido publicada duas décadas antes com o título em francês *La décroissance: entropie, écologie, économie*.

### IHU On-Line - Há semelhanças entre esse conceito e o defendido por Serge Latouche?

**Andrei Cechin** - Serge Latouche<sup>2</sup>, principal expoente desse movimento mais recente, insiste que não se trata, pura e simplesmente, de crescimento negativo do PIB. O movimento pretende libertar o imaginário coletivo da esfera do econômico. É um projeto de sociedade baseado numa crítica, principalmente cultural, do estado de coisas. É por isso que Latouche afirma que o lema mais adequado seria “acrescimento”, como em “ateísmo”. Diferentemente da ênfase dada por Georgescu e pelos que consideram a sociedade do crescimento como algo insustentável, o discurso dos decrescentistas enfatiza que a sociedade do crescimento não é sequer desejável. Embora as fontes por detrás da ideia e do movimento do decrescimento sejam distintas - uma ecológica e uma cultural -, recentemente há uma es-

pécie de reforço mútuo entre as duas que pode ser visto nos trabalhos das duas edições da conferência internacional sobre “decrescimento econômico para a sustentabilidade ambiental e a equidade social” ([www.degrowth.net](http://www.degrowth.net)), na edição especial sobre decrescimento da revista *Journal of Cleaner Production* (2010, vol 18), e no mais recente livro de Latouche<sup>3</sup> (*Pequeno tratado do decrescimento sereno*) que dá muito mais ênfase às limitações ecológicas do que em seus trabalhos anteriores.

### IHU On-Line - O que podemos entender pelo conceito de bioeconomia ou economia ecológica de Georgescu-Roegen?

**Andrei Cechin** - A consolidação do que hoje é chamado de economia ecológica deve tributo às contribuições independentes de Kenneth E. Boulding, Nicholas Georgescu-Roegen, Herman E. Daly e Robert U. Ayres e Allen Kneese, na década de 1960, ainda que a expressão economia ecológica não tenha sido usada por eles na época. Georgescu chegou ao termo bioeconomia ao perceber que seu interesse era entender a sobrevivência da humanidade na Terra, e que isso requer atenção ao apego da espécie humana aos seus instrumentos exossomáticos (que permitem a conversão de energia fora dos corpos biológicos) - peculiaridade que a distingue de outros animais. O problema ecológico surge com a transferência de parte substancial da conversão energética da humanidade para fora dos corpos humanos e se aprofunda de maneira inaudita com a combustão dos recursos fósseis que aumentou exponencialmente o fluxo de resíduos indesejados. Daí decorre a

<sup>3</sup> **Serge Latouche**: economista, sociólogo e antropólogo, professor na Universidade de Paris-Sul e presidente da Associação Linha do Horizonte. É autor de, entre outros, *Les Dangers du marché planétaire (Os perigos do mercado planetário)*. Paris: Editora Presses de Sciences, 1998. Latouche concedeu uma entrevista ao IHU On-Line n.º 100, de 10-05-2004, *Como salvar o planeta e a humanidade? Decrescimento ou desenvolvimento sustentável?*, disponível para download em <http://bit.ly/n1Zh6T>. Confira, também, a edição n.º 56 dos *Cadernos IHU Ideias*, intitulado *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial*, disponível para download em <http://bit.ly/qGBHiJ>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Serge Latouche** estará na Unisinos no próximo dia 24 de novembro, participando do Ciclo de Palestras Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades. A programação completa do evento está disponível em <http://bit.ly/fmmTpa>. (Nota da IHU On-Line)

necessidade de se pensar a economia no seio da biosfera. Como a questão, para Georgescu, não é somente biológica, nem somente econômica, tampouco apenas social ou ambiental, a ciência capaz de dar conta da inter-relação socioeconomia/natureza seria uma “bioeconomia”.

### **Economia ecológica x economia convencional**

Sua visão teve desdobramentos para economia ecológica principalmente através de Herman Daly. A economia ecológica, por maior que seja a pluralidade interior a essa comunidade, está preocupada com os limites biofísicos ao crescimento da produção e do consumo material e com a capacidade de absorção e assimilação dos resíduos pela natureza. Em princípio, é essa ênfase na questão da escala, do tamanho físico da economia em relação à ecossistêmica que diferencia a economia ecológica. Alguns, como Herman Daly, defendem que, a partir de certo ponto (desconhecido), o crescimento deixa de ser benéfico e passa a comprometer seriamente a possibilidade de que as gerações futuras usufruam qualidade de vida semelhante a da geração atual. Georgescu nunca usou a expressão economia ecológica e não fazia nenhuma militância ambientalista. Mas alguns consideram suas contribuições como a linha demarcatória entre o que pode ser considerado economia ecológica e as vertentes ambientais da economia convencional. Há, contudo, economistas ecológicos que não o consideram um precursor e há quem considere que suas contribuições podem ser absorvidas e modeladas pela economia ambiental neoclássica.

### **IHU On-Line - Qual a atualidade em nossos dias da tese de inevitável degradação dos recursos naturais em decorrência das atividades humanas, defendida por Georgescu-Roegen?**

**Andrei Cechin** - Começamos com as evidências. Como mostra a Avaliação Ecosistêmica do Milênio, a humanidade causou alterações sem precedentes nos ecossistemas nas últimas décadas para atender a crescentes demandas por alimentos, água, fibras e energia.

## **“É preciso que o otimismo contido no ideal de desenvolvimento sustentável, ou de economia verde, seja aliado ao ceticismo da razão”**

Isso tem enfraquecido a capacidade da natureza de prover outros serviços fundamentais, como a purificação do ar e da água e proteção contra catástrofes naturais. A biodiversidade global sofreu uma queda de 30% em menos de quarenta anos, segundo o Índice Planeta Vivo (2010). Apenas de 1998 para cá houve um salto de 35% nas emissões de gases de efeito estufa. E para completar, o indicador mais geral da pressão ecossistêmica das atividades econômicas - a Pegada Ecológica - mostra que em 2007 a sobrecarga imposta pelas atividades humanas foi 50% maior que a capacidade regenerativa do planeta.

Agora vamos à visão de Georgescu. São duas as fontes mais básicas para a reprodução material da humanidade: os estoques terrestres de minerais e energia, que são limitados, e sua taxa de utilização pela humanidade é facultativa. E o fluxo solar cuja fonte é praticamente ilimitada em quantidade total, mas altamente limitada em termos da taxa que chega à Terra. Há ainda outra diferença: os estoques terrestres abastecem a base material para as manufaturas, enquanto o fluxo solar é responsável pela manutenção da vida. A humanidade pode ter total controle sobre a utilização dos estoques terrestres, mas não sobre o fluxo solar. Dessa forma, a taxa de utilização determinará em quanto tempo esses recursos estarão inacessíveis.

### **A produção de resíduo**

Outro aspecto da reprodução material da humanidade é a produção de resíduo, que gera um impacto físico

geralmente prejudicial a uma ou outra forma de vida, e direta ou indiretamente à vida humana. Deteriora o ambiente de várias maneiras. Exemplos conhecidos são a poluição por mercúrio e a chuva ácida, o lixo radioativo, e a acumulação de CO<sub>2</sub> na atmosfera. Georgescu deu muita atenção aos efeitos do esgotamento dos estoques de energia e materiais, ou seja, dos recursos naturais utilizados no processo produtivo, e menos aos efeitos dos resíduos, como lixo, poluição, resíduos tóxicos, gases de efeito estufa, etc., gerados pelo mesmo processo. E, hoje, talvez a maior preocupação seja com os resíduos da atividade econômica. No entanto, ele reconheceu que a poluição e os resíduos se tornariam um problema anterior ao esgotamento dos recursos devido à sua acumulação e por serem fenômenos visíveis e de superfície. Nesse contexto, o aquecimento causado por atividades humanas tem provado ser um obstáculo maior ao crescimento econômico sem limites do que a finitude de recursos acessíveis, como sugeriu Georgescu. Ora, a utilização dos recursos energéticos e materiais terrestres no processo produtivo e a acumulação dos efeitos prejudiciais dos resíduos no ambiente revelam que a atividade econômica de uma geração tem influência na atividade das gerações futuras. Assim, o que está em jogo é a possibilidade de que estas tenham qualidade de vida igual ou maior que a da atual geração. E este é o cerne do problema ecológico para Georgescu. As pressões sobre os ecossistemas aumentarão ainda mais em uma escala global nas próximas décadas se a atitude e as ações humanas não mudarem radicalmente. Precisamos, porém, entender que somos nós que dependemos dos ecossistemas, e não eles que dependem dos seres humanos.

### **IHU On-Line - Considerando a crise financeira internacional, em que sentido o pensamento de Georgescu-Roegen pode ser inspirador em relação à crítica que ele fazia a economistas liberais neoclássicos por defenderem o crescimento econômico material sem limites?**

**Andrei Cechin** - O pensamento de Ge-

orgescu traz à tona o fato de as economias estarem inseridas nos ecossistemas e a sua dependência em relação aos fluxos de energia e materiais, cuja oferta depende em parte de fatores econômicos (tipos de mercados, os preços) e, em parte de limites físicos e biológicos. E o que isso tem a ver com crise financeira? Tradicionalmente, a economia é analisada em dois níveis. Há o nível financeiro, que pode crescer por empréstimos feitos ao setor privado ou ao Estado. O sistema financeiro empresta na expectativa de que o crescimento econômico indefinido dará os meios para pagar os juros e as dívidas. Então, há o que os economistas descrevem como a economia real, o PIB a preços constantes. Quando cresce, ela de fato permite que se paguem as dívidas<sup>4</sup>. Alguns economistas ecológicos (como Martinez-Alier e Herman Daly) diagnosticam a crise financeira como sendo devida ao crescimento excessivo de ativos financeiros em relação ao crescimento da riqueza real. Como consequência, o valor da riqueza real atual já não é suficiente para servir como uma garantia para a dívida. Ou seja, na raiz da crise estaria a crescente disjunção entre a economia real da produção e da economia “de papel” de financiamento. A velocidade a que o sistema financeiro se expande estaria totalmente defasada da capacidade de a economia real produtiva gerar riqueza para repagar as dívidas. Isso ocorre, pois a produção é dependente do seu sustento material e energético, onde o ritmo de crescimento é distinto e limitado. Ou seja, segundo uma visão inspirada em Georgescu, existe, abaixo da chamada “economia real” do PIB, a economia material no sentido mais forte.

### Suposição otimista dos economistas neoclássicos

Ele forneceu o instrumental para se examinar a suposição otimista dos economistas neoclássicos, segundo a qual a substituição de recursos e as inova-

4 Cf. KALLIS, Giorgos; MARTINEZ-ALIER, Joan; NORGAARD, Richard B. “Paper assets, real debts: An ecological-economic exploration of the global economic crisis”. *Critical perspectives on international business*, vol. 5, n. 1/2, 2009, p. 14-25. (Nota do entrevistado)

ções tecnológicas sempre superariam os limites biofísicos e que, portanto, não haveria restrições ao crescimento do PIB. Mas, ao contrário, o crescimento da produção e consumo depende de fluxos de energia e de materiais. A possibilidade de esgotamento dos ativos ambientais, a degradação dos “sumidouros”, como a atmosfera global, e a crescente ocupação do espaço da Terra podem limitar de maneira decisiva a expansão contínua da escala da economia. É importante lembrar que o pioneiro nessa análise da disjunção não foi Georgescu, e sim o Nobel em Química, Frederick Soddy. Em seu livro *Wealth, virtual wealth and debt* (1926), Soddy argumentou que é fácil para o sistema financeiro aumentar as dívidas (dívidas privadas ou públicas), e confundir essa expansão do crédito com a criação de riqueza real. No entanto, no sistema industrial, o crescimento da produção e do crescimento do consumo implica crescimento na extração e destruição final de combustíveis fósseis, patrimônio acumulado de milhões de anos.

### IHU On-Line - Como o senhor entende a ideia de economia sustentável na perspectiva de Georgescu-Roegen? Quais os limites deste pensamento hoje?

Andrei Cechin - No final da vida, Georgescu revelou seu profundo ceticismo quanto ao novíssimo valor “desenvolvimento sustentável”, que já havia ganhado alguma popularidade. Embora para ele estivesse bem claro que desenvolvimento e crescimento são coisas distintas, chegou a considerar o termo desenvolvimento sustentável como um tipo de consolo, útil apenas para desviar a atenção dos verdadeiros problemas, como a diferença existente entre os países ricos e pobres, os problemas da poluição e a futura sobrevivência da espécie humana. A expressão esconderia a falsa ideia de que o crescimento econômico pode ser sustentado indefinidamente, promovendo um otimismo insensato, porém lucrativo. Se economia sustentável, ou economia verde, significar apenas um aumento na participação/crescimento das atividades ou projetos verdes, tais como painéis fotovoltaicos, moinhos eólicos, parques

nacionais, pontos de reciclagem de lixo, hortas orgânicas e ecoturismo, sem que se mudem os padrões de produção e consumo insustentáveis, então Georgescu revelaria seu ceticismo quanto a essa promessa. Assim como foi crítico ferrenho da ideia de desmaterialização da economia.

### O mito de desmaterialização da economia

Para Georgescu, o mito de desmaterialização absoluta da economia, uma economia que prescindia de matéria ou energia, impede que os economistas pensem em termos de limites e escala. A tecnologia permite que bens e serviços sejam produzidos com menos recursos naturais e menos emissões. Aumentos na eficiência reduzem a quantidade de energia e matéria necessárias para produzir uma unidade de valor monetário do PIB global. No entanto, esse aumento de eficiência tem se dado a uma taxa menor que a taxa de crescimento da economia, o que faz com que o impacto ambiental global continue a crescer em termos absolutos. Algumas evidências sugerem essa hipótese. Por exemplo, a quantidade de energia primária necessária para produzir cada unidade de produção econômica mundial caiu mais ou menos continuamente durante a maior parte dos últimos cinquenta anos. A “intensidade energética” global - quantidade de energia necessária para produzir uma unidade de valor monetário do PIB global - é agora 33% menor do que era em 1970. No caso da “intensidade material”, embora esta tenha diminuído 26% de 1980 a 2007, o PIB global aumentou em 120% e a população mundial aumentou em 50% o que resultou em aumento absoluto de 62% na extração global de recursos<sup>5</sup>. Para provar isso, Georgescu provavelmente apontaria o relatório Living Planet de 2010 que revela que a Pegada Ecológica da humanidade mais que duplicou desde 1966. Em 2007, o último ano para o qual se têm dados, a humanidade usava o equivalente a um planeta e meio para suportar suas ativi-

5 “Trends in global resource extraction, GDP and material intensity” 1980-2007. Disponível em: [http://www.materialflows.net/index.php?option=com\\_content&task=view&id=32&Itemid=48](http://www.materialflows.net/index.php?option=com_content&task=view&id=32&Itemid=48) (Nota do entrevistado)

dades. Ou seja, estamos usando em um ano o que a natureza demora um ano e meio para recompor. Essa economia é qualquer coisa menos sustentável.

### IHU On-Line - Quais as implicações do pensamento de Nicholas Georgescu-Roegen para a ciência econômica de forma geral e para o debate sobre desenvolvimento sustentável nos dias atuais?

**Andrei Cechin** - A implicação mais direta para a ciência econômica é a de que o processo econômico não pode contrariar as leis da física, entre elas a Lei da Entropia. Por isso, não pode ser mais representado como um diagrama circular isolado do ambiente material. Deve ser encarado como um sistema aberto trocando energia e matéria com o ambiente, ou melhor, degradando energia e matéria para manter a própria organização. Como ele é um subsistema, o custo de manter a própria organização é o aumento na entropia, a desorganização do sistema maior no qual está inserido - o

ambiente. Entender a economia como um subsistema faz com que se preste atenção ao seu tamanho, à sua escala. Há, num nível mais abstrato, implicações epistemológicas mais gerais da Lei da Entropia para a ciência. Uma delas é o reconhecimento do tempo como algo irreversível. A corrente chamada de neoclássica foi construída com base em modelos da Física pré-entropia, por isso não poderia deixar de estudar os fenômenos socioeconômicos como se fossem totalmente reversíveis, e de considerar irrelevante o estudo da história para a compreensão dos fenômenos econômicos de hoje.

### Desenvolvimento sustentável

Quanto ao debate sobre o desenvolvimento sustentável, além de tudo que já foi dito nas respostas anteriores, se desenvolvimento exige necessariamente expansão econômica da produção e do consumo, a expressão “desenvolvimento sustentável” é uma contradição em termos, uma vez que a expansão

da escala da economia provoca processos irreversíveis de degradação do mundo físico. Por isso, é preciso que o otimismo contido no ideal de desenvolvimento sustentável, ou de economia verde, seja aliado ao ceticismo da razão. O pensamento de Georgescu traz ceticismo quanto à capacidade de as economias continuarem crescendo sem solapar a base biofísica que permite a reprodução material das sociedades. Seu pensamento significou uma ruptura, uma vez que admitiu que o processo de produção econômica vem necessariamente acompanhado da geração de resíduo e poluição, sejam estes fenômenos locais ou globais, como as mudanças climáticas antropogênicas. Finalmente, uma importante implicação do pensamento de Georgescu para o debate sobre desenvolvimento sustentável é que, no fundo, qualquer tentativa de solucionar o problema da distribuição de recursos naturais entre as gerações depende da postura ética das atuais gerações em relação às gerações que ainda estão por vir.

The image shows a screenshot of the Twitter profile for @ihu. The profile header includes the IHU logo, the name 'IHU', the handle '@ihu', and the bio 'O IHU busca ampliar novas questões e respostas para os grandes desafios de nossa época...' with the website 'http://www.ihu.unisinos.br'. The profile statistics are: 18,238 Tweets, 343 Following, 2,216 Followers, and 188 Lists. The timeline shows three tweets from @ihu IHU, each with a retweet and reply count.

[http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu)

## O acontecer na clínica

No ponto de inflexão entre uma produção ética e uma produção moral é que podemos pensar o sentido do fazer clínico na atualidade, pontua Mário Francis Petry Londero

POR GRAZIELA WOLFART

No próximo dia 25 de agosto, durante o evento **IHU ideias**, o psicólogo Mário Francis Petry Londero falará sobre o tema “O acontecer na clínica: quando o criar resiste à normatização do cotidiano”. Ele adianta, na entrevista a seguir, concedida por e-mail, aspectos do que será debatido na palestra, que acontece das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Em suas respostas, explica que “a clínica é desafiada a intervir nesse contexto social no qual o humano se vê paralisado em suas angústias protagonizando apenas flutuações entre as diversas ofertas de consumo que o anestesiam para o viver”. E continua: “a clínica, então, se coloca numa posição estratégica de acolher a angústia do humano para daí produzir novos sentidos, no tempo necessário de maturação que precisa existir para haver uma transformação criativa no indivíduo. Um tempo para a angústia, para, a partir dela, advirem maneiras criativas de transpor as adversidades da vida”.

Graduado em Psicologia pela Unisinos, é mestrando do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional e graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. É residente em Psicologia na Residência Integrada em Saúde do Grupo Hospitalar Conceição, com ênfase em saúde mental. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é o lugar, o papel e a importância da clínica psicanalítica no contexto atual da sociedade?**

**Mário Francis Petry Londero** - Existe uma clínica que se faz importante e preenche um papel fundamental em termos de normatização da vida. É uma espécie de clínica que propõe respostas em vez de problematizações, trata de dizer o que seriam bons costumes, como viver de maneira regrada, como se manter em equilíbrio, mesmo que isso se conquiste a partir de medicamentos cada vez mais numerosos que surgem na indústria farmacêutica. Uma clínica ligada a uma moral do cotidiano com pouco espaço para um pensamento ético. Podemos vê-la em revistas, jornais, televisão e em muitos espaços propriamente clínicos. Tome isso para se concentrar; aquele outro para ficar calmo; este para dar um aceleração; evite isso; faça aquilo; drogas, nem pensar... Depois reclamam do uso abusivo de determinadas drogas em nossa sociedade que o que mais faz é ofertar aneste-

sia e que pouco incute uma proposta de desenvolver pensamentos. É uma clínica voltada ao controle dos “impulsos”, que rechaça qualquer possibilidade de desvio de rota, feita para evitar sofrimentos, angústias ou quaisquer movimentos que instiguem o humano a pensar. Nesse caso, uma clínica que intenciona adestrar o humano para que ele possa viver em “paz” junto à sociedade que não suporta diferenças.

### A clínica do homem em construção

Ao contrário dessa clínica “formatadora de almas” que tem grande importância para uma sociedade de controle, podemos pensar em uma outra que se lança ao inusitado, ao impensável das relações e que, justamente por isso, resiste a certo padrão normatizador que os mecanismos de controle tentam ordenar. Tal clínica se faz importante ao produzir uma escuta que dá vazão a sentidos preñes de novidade, que anuncia um homem

em plena construção de si e do mundo, ao contrário do humano que apenas repete incessantemente o que lhe foi forjado como verdade e norma. É uma clínica que oferta a possibilidade de criar mundos a partir de sua função ética de problematizar o que está posto, deflagrando assim, tanto no sujeito como na própria clínica, uma postura política de resistência frente ao que parece ser uma verdade estanque que burocratiza o amanhã em suas possibilidades de invenção.

**IHU On-Line - Qual o sentido do fazer clínico numa sociedade de controle na qual cada indivíduo tem em si um *modus operandi* capaz de controlar, prever e cotidianizar cada ato de sua vida?**

**Mário Francis Petry Londero** - No livro *Microfísica do poder*, Foucault comenta que, para efetivar uma resistência frente aos mecanismos de controle produzidos pela sociedade capitalista, seria preciso primeiramente combater o próprio controle já instalado em cada indi-

víduo. Para Foucault, os jogos de poder produzem mecanismos de controle via *socius*, os quais variam de acordo com as tecnologias e com o próprio contexto social em que se está inserido. Nesse sentido, nossa sociedade produziu mecanismos de controle pós-disciplinares nos quais o controle se efetiva de maneira contínua e intrínseca aos corpos de cada indivíduo. O homem está sempre alerta a si mesmo, endividado em seu próprio controle. Não à toa Foucault se direciona aos gregos em suas pesquisas ao final de sua vida para pensar a relação do homem consigo mesmo - as práticas de si - e suas questões éticas e morais. Para Foucault, a partir de uma genealogia das práticas de si, pode-se perceber que há uma variação que nos leva tanto para uma produção moral como para uma produção ética. Nesse ponto de inflexão entre uma produção ética e uma produção moral, podemos pensar o sentido do fazer clínico na atualidade.

#### A produção de questionamentos éticos

Como comentei acima, podemos pensar uma clínica “ortopédica” em sintonia com operações que normatizam o sujeito, enquadrando-o num funcionamento adequado frente a uma sociedade de controle, que o remete a se relacionar com o social de maneira a seguir os códigos vigentes sem a possibilidade de questionamento e de criação. No caso, essa clínica se volta a uma produção moral em seu sentido relativo à obediência dos costumes: como se deve viver, o que se deve consumir, etc. Numa perspectiva inversa, temos a possibilidade de instalar uma clínica que se direcione a problematizar tais costumes dados, impostos ao sujeito e que enfraquecem possíveis criações do homem junto ao mundo que o cerca. É uma clínica que se detém a produzir questionamentos éticos ao buscar atos criativos nas relações, intencionando criar modos inéditos de viver e conviver em sociedade ao potencializar a própria vida, borrando os limites postos pelos mecanismos de controle. Em Espinoza, essa ética buscada pela clínica consiste em criar circunstâncias que aumentem a potência de agir e de pensar, produzindo alegria e libertando o indivíduo das determinações alheias. O

sentido buscado por tal clínica na atualidade parece ser o de refletir/possibilitar/acompanhar atos criativos que resistam aos fluxos em sua cotidianização de toda e qualquer ação dos indivíduos em sociedade a fim de controlá-los. É um fazer clínico conectado aos imprevistos, ao que insurge como ato fora do que se encontra burocratizado nos processos de vida.

#### IHU On-Line - Neste panorama contemporâneo, como entender a questão da criatividade dos indivíduos? Há uma dificuldade em criar outros cenários possíveis? Como a clínica psicanalítica se insere neste contexto?

Mário Francis Petry Londero - Na dissertação trabalhei com o livro *Admirável mundo novo*, de Huxley, para problematizar o estado atual da sociedade e suas possibilidades de invenção no que se refere aos indivíduos que nela estão inseridos. É incrível como a arte, nesse caso, a literatura, muitas vezes transmite em suas obras uma possível realidade. Digo isso porque me parece que *Admirável mundo novo* retrata muito bem o que produzimos em termos de lógica social na atualidade. O livro conta a história de uma civilização absolutamente estabilizada por conta de seus mecanismos de controle, na qual os solavancos de uma resistência perante tal sistema ganhavam um tom ridículo, caindo num sem sentido. Toda tentativa de diferir era vista como inadequada, pois persistia apenas a ideia de uma existência programada e adaptada ao sistema posto, no qual cada indivíduo e casta cumpria determinada função. Numa padronização dos movimentos da vida, que em sua lógica dominante vendia um ideal de bem-estar e liberdade, mas que, porém, só admitia tal oferta se estivesse de acordo com as escolhas oferecidas e criadas junto à própria produção. Dessa forma, uma liberdade que imprimisse o novo, ou seja, um deslocamento no que tangia à lógica de controle instalada era logo rechaçada e coibida. Nesse cenário apresentado outros possíveis não vingavam, sendo impedido à própria processualidade da sociedade e do humano no que diz respeito à produção de movimentos. Sociedade e humanos que se faziam estáveis, com a vida destinada a seguir certo trajeto cotidianizado. Vida

que imprimia uma eterna nulidade em termos de inusitados perante um amanhã burocratizado - eternidade, como diria Pelbart.

#### A vitalidade capitalística

Não muito diferente disso é o que parecemos vivenciar em nossa sociedade capitalista, a qual absorve qualquer tentativa de resistência frente a sua lógica. A vitalidade capitalística é tamanha que aquilo que outrora fora inventado como máquina de guerra resistente a sua lógica, logo vira um bem de consumo rentável para o sistema. Nesse panorama contemporâneo no qual o capitalismo captura qualquer tentativa de contestação padronizando a tudo via consumo, outros cenários possíveis ficam esvaziados, tornando-se um desafio produzir deslocamentos que permitam, ao menos por alguns instantes, uma diferença. O indivíduo assujeitado por tal sistema vive um mundo de consumo, uma avalanche de ofertas que nem mesmo ele sabe se fazem sentido ou não para si. Para cada problema que se instala na vida do indivíduo se apresenta um leque de bens de consumo para solucionar e apaziguar o sentimento de angústia que poderia vir a sentir. O consumo se torna fluxo de imagens que dão ao homem um valor, um pertencimento a tal marca que, ao menos por instantes, produz um sentimento de paz frente aos “tensionamentos” da vida. Como na sociedade do admirável mundo novo, o indivíduo não sai do lugar, pois o que transita são as imagens ofertadas pelo consumo, empobrecendo o humano no que ele tem de repertório criativo para enfrentar crises e angústias advindas de transformações próprias da vida. O indivíduo não se transforma; o consumo que se adapta em velocidade infinita às angústias produzidas pela dinâmica social capitalista. Nesse sentido, a partir de uma perspectiva na qual a saúde é processo de vida em movimento e a doença os pontos de parada nos quais o indivíduo não consegue transpor, podemos pensar que a clínica é desafiada a intervir nesse contexto social no qual o humano se vê paralisado em suas angústias protagonizando apenas flutuações entre as diversas ofertas de

consumo que o anestesia para o viver. A clínica, então, se coloca numa posição estratégica de acolher a angústia do humano para, daí, produzir novos sentidos, no tempo necessário de maturação que precisa existir para haver uma transformação criativa no indivíduo. Um tempo para a angústia, para, a partir dela, advirem maneiras criativas de transpor as adversidades da vida.

**IHU On-Line - Como definir os conceitos de individuação, ato criativo e acontecimento nesse debate sobre a clínica psicanalítica?**

**Mário Francis Petry Londero** - Esses três conceitos atravessaram toda minha dissertação. Na verdade, nenhum deles tem origem na clínica, sendo os três ligados à filosofia. Cada qual em sua especificidade junto a minha pesquisa se costurou com o outro. Hoje, olhando o resultado do texto produzido na dissertação, vejo o quanto estão conectados. De maneira que, para haver uma individuação no ser, é preciso que exista um acontecimento e para se produzir um acontecimento, é necessário um ato criativo, bem como se faz importantíssimo o ato criativo no processo de individuação. Os três conceitos estão situados na dissertação para sustentar um entendimento clínico sobre o processo saúde/doença. No caso, a produção de saúde se dá nos movimentos de criação do ser junto às dificuldades que o afetam ao longo de seu viver, ou seja, em sua travessia diante da processualidade da vida. Ao contrário da doença que é parada de processo, a saber, que emperra passagens de vida produzindo estados no qual o processo é interrompido como diria Deleuze. Nesse sentido, a clínica pode auxiliar uma pessoa em seus momentos de parada, nesses pontos de fragilidade do humano nos quais não consegue por suas relações reagir e criar passagens que o coloque em movimento. O conceito de individuação trabalhado pelo filósofo Gilbert Simondon é propriamente este movimento que acabei de comentar acima. Podemos considerar que todo o organismo vivo defasa a si mesmo ao relacionar-se com seu ambiente. Processo de defasagem que diz respeito às passagens de fase - uma seguida da outra para dar conta da problemática do viver -, imprimindo no ser um movimento de

**“Tome isso para se concentrar; aquele outro para ficar calmo; este para dar um aceleração; evite isso; faça aquilo; drogas, nem pensar...”**

desatualização/tensão/atualização de si e do mundo. Nesse caso, o ser que se encontra estabilizado, que não se defasa, fica adocido, pois não se atualiza junto ao mundo que está em relação. Em razão disso, se faz necessário ao organismo vivo, até mesmo para a sobrevivência, que esteja em constante processo de defasagem, a saber, neste movimento de desatualização/atualização que o vigora perante o mundo que o cerca e que lhe coloca em tensão.

#### **O ato criativo**

Nesse limiar entre desatualização/atualização do humano em vida, trago para pensar o conceito de ato criativo, pois me parece que ele sustenta esse processo, ou seja, é a potência em criar outras formas, impensáveis, ou mesmo deformar o que até então era vislumbrado pelo ser humano como uma identidade posta, que se trata propriamente a individuação. Nela, o indivíduo se vê problematizado, tensionado pelas forças do mundo que o cerca a efetivar um ato criativo em si mesmo e no que com ele se afeta para sobreviver de maneira saudável, a saber, para se sustentar como organismo vivo em constante metaestabilidade. O ato criativo, então, irrompe com uma lógica cotidianizada ao forjar outros possíveis no humano, o qual ao produzir tal ação atualiza a si e ao mundo numa condição de invenção do futuro, em vez de apenas repetir de maneira burocrata e previsível os próximos passos em vida. O sujeito passa enquanto produtor do ato criativo a desburocratizar o amanhã, ou seja, se esquece, ao menos por instantes, dos

caminhos já sabidos, traçados e que pouco produz novidade e força de invenção. A desburocratização do amanhã produzido a partir do ato criativo abre brechas para o acontecimento, já que ele expressa, justamente, o impensável da vida, dando ao futuro sua característica de indeterminação e, por isso, permitindo inventá-lo. Derrida comenta que o acontecimento se faz possível quando o impossível se efetiva na vida, interrompendo um tipo de história que até o momento transcorria de maneira linear e sem sobressaltos.

**IHU On-Line - Em que sentido se pode construir um olhar sobre a clínica enquanto ato de resistência?**

**Mário Francis Petry Londero** - O ato de resistência na clínica está, justamente, na produção do acontecimento em vida, no que ele expressa de impensável, no que produz de embaçamento aos códigos vigentes que tentam a tudo limitar em sua padronização. Nesse sentido, a clínica produz uma escuta que propõe a transformação do indivíduo e do mundo a partir do que, até então, era visto como fora da lógica vigente, ao contrário de um outro tipo de clínica que apenas adapta o indivíduo a determinada lógica de mercado, trabalho ou escola. É a proposta de sair dos trilhos que sempre levam ao mesmo lugar para, daí, poder seguir novos roteiros de vida.

**IHU On-Line - Dado esse cenário de autonomia e relativismo dos indivíduos, quais os principais desafios para os terapeutas do século XXI?**

**Mário Francis Petry Londero** - Parece-me que estar atento ao contexto social com o qual se está em constante tensão e invenção é um primeiro desafio, já que, por vezes, vemos a clínica se fechar em si mesma, parecendo que o indivíduo se produz apenas por ele mesmo. Também é importante estar calcado pela ética de olhar a própria clínica como eternamente aberta, em questão, invenção e devir, como nos comenta Aragon, para que ela se metamorfoseie ao longo de sua própria prática que a exige atualizada para com o mundo. Em relação à clínica e o que ela se propõe junto aos indivíduos

em sofrimento que a procuram, creio que acompanhá-los em seus percursos de vida, abrindo brechas inusitadas que ampliem o olhar sobre a vida seja um bom começo.

**IHU On-Line - A partir da sua pesquisa, que exemplos de análises de práticas clínicas e pensamentos oriundos de produções de obras de arte podem ser citados para compreender o tema em debate?**

**Mário Francis Petry Londero** - Minha pesquisa se desenvolveu a partir de relatos de experiências clínicas com os quais tive contato ao longo da minha caminhada profissional como psicólogo. Dentre as principais, elenquei para o estudo alguns atendimentos com grupos e acompanhamentos terapêuticos para pensar a clínica como resistente ao cotidiano a partir de atos criativos. As relações que trouxe do plano da arte junto ao fazer clínico foram para ilustrar a potência inventiva que tal área do conhecimento humano nos proporciona. Duchamp e seu mictório que se tornou uma obra de arte chamada *A Fonte* foi um dos exemplos. Esse artista plástico do início do século XX traz, em sua arte, elementos muito originais para estarmos relacionando com os conceitos de individuação, ato criativo e acontecimento. Em sua proposta de trabalho apanha objetos que já não possuem uma utilidade, ou seja, que não têm mais sentido diante do *socius* e os coloca novamente em cena a partir de uma outra designação, dando a ele um novo sentido que desliza sobre o antigo de maneira a produzir pensamentos paradoxais. Diante dessa perspectiva da arte, parece-me que o processo que transcorre na clínica é um pouco similar, no qual o clínico e o paciente vão criar outros sentidos para elementos da vida que já continham sentidos desbotados, que pouco acrescentavam para o vivente e que já estavam atravancando os processos de vida. De maneira que tal produção de sentido eleve o ser humano sobre aquilo que estava lhe deixando doente e, da mesma forma, ocasionando todo um “efeito borboleta” no mundo que o cerca contagiado, agora, por uma nova expressão de sentido em vida.

## Observasinos e os dados da Região do Vale do Sinos

POR MÁRCIA JUNGES

Em 24-08-2011, o professor MS. Ademir Barbosa Koucker, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE apresenta **Oficina sobre os dados censitários 2010 da Região do Vale do Sinos**, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

A oficina será realizada em duas etapas, explica Ademir. “Na primeira, vou apresentar as alterações introduzidas no Censo 2010 com destaque para as inovações tecnológicas, as mudanças relativas à localização dos domicílios, às características dos logradouros, e os novos quesitos dos questionários. Na segunda parte, vou apresentar e demonstrar o uso das ferramentas digitais disponíveis no Portal do IBGE na internet para recuperar e analisar os resultados já divulgados para diferentes recortes geográficos, inclusive em nível intramunicipal, como os distritos, os bairros e os setores censitários”. De acordo com o pesquisador, o Censo 2010 introduziu uma série de aperfeiçoamentos técnicos em todos os seus instrumentos de coleta. O uso do computador de mão, por exemplo, ampliou a capacidade de investigar novos temas, possibilitou obter maiores garantias de qualidade técnica e gerencial da coleta e permitiu estender o questionário para temas específicos como a população indígena, por exemplo, que, em 2010, teve como objeto de investigação as etnias e as línguas faladas.

“As alterações introduzidas, tanto no questionário da amostra quanto no questionário básico, conjugadas com as novas informações sobre a localização dos domicílios e as condições dos logradouros, aumentaram as possibilidades de cruzamentos dos dados e contribuíram para qualificar, ainda mais, os resultados obtidos neste décimo segundo Censo Demográfico do Brasil realizado em 2010”, acrescenta Ademir.

### Retrato populacional

A **Oficina** é uma atividade do ObservaSinos que objetiva promover a informação e a formação sobre a base de dados constituída a partir do Censo de 2010. O Censo constitui-se em uma das principais bases de dados do Brasil, organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. De acordo com Marilene Maia, uma das coordenadoras do evento, “esta pesquisa objetiva apresentar o maior retrato em extensão e profundidade da população brasileira e das suas características socioeconômicas, que pode subsidiar a organização e a projeção da vida nos próximos anos. Conhecer e debater os dados, assim como analisar sua construção e implicações com a realidade e as políticas públicas, constituem-se como objetivos desta Oficina dirigida à comunidade acadêmica e também à população, gestores e profissionais que atuam na região do Sinos”.

E completa: “Os indicadores socioeconômicos constituem-se em ferramenta para o conhecimento e intervenção na realidade. Os indicadores socioeconômicos do Vale do Rio dos Sinos são acessados e disponibilizados pelo ObservaSinos em vista de subsidiar os processos de construção, qualificação e controle social das políticas públicas na região”.

Para maiores detalhes sobre o evento, consulte <http://bit.ly/r5y-gRR>.

# IHU Repórter

## Miriam Trentini

POR THAMIRIS MAGALHÃES | FOTO ARQUIVO PESSOAL

**U**ma pessoa verdadeira, sempre em busca da felicidade. Assim se descreve Miriam Trentini, há 21 anos funcionária da Unisinos. Tendo passado por vários setores, como a biblioteca, Trentini, que atualmente trabalha no setor de atendimento da Gerência Serviços de Informação - GSI, fala um pouco de sua personalidade, família, escolhas, metas para o futuro e se emociona ao lembrar o passado e sua história de vida. Natural de Crissiumal-RS, ela conta que não consegue ser falsa e que é o que os outros veem.

**Quem sou eu** - Sou uma pessoa simples e muito verdadeira. Não consigo ser falsa e não gosto de me relacionar com pessoas assim. Eu sou o que sou. Pronto. Às vezes, sou estourada, reclamo quando acho que devo reclamar, mas também sou leal, companheira. Família e amizade para mim são duas coisas fundamentais.

**Origens** - Nasci em Crissiumal, cidade que fica na fronteira com a Argentina, a 500 km da grande Porto Alegre. Minha família mora em Crissiumal. Vou sempre que posso, porque é longe. Geralmente, passo os feriados e parte das férias por lá. Minha mãe é viúva e meu pai faleceu quando eu tinha 10 anos. Admiro demais minha mãe como mulher, batalhadora, que criou três filhos sozinha, em um tempo em que a maioria das mulheres da localidade era somente dona de casa. Meus dois irmãos são casados e com filhos. Minha família é bem pequena. E eu moro aqui em São Leopoldo com a minha filha, Izabela, que tem 17 anos. Já fui casada, mas sou separada há muitos anos.

**Formação educacional** - Estudei em uma escolinha pequena, no interior do município de Crissiumal, bem pertinho de casa. Minha mãe era professora e fui aluna dela. Depois fui estudar em uma escola maior, na cidade, porque a anterior era só até a quarta

série. Terminei o primeiro grau numa escola na cidade e queria ir para um internato em Ivoti. Estudei um ano lá. Não me adaptei muito bem, tinha só 14 anos. Senti saudades de casa, da família, e voltei. No ensino médio, fiz magistério no município vizinho, Humaitá. Terminei o magistério, mas não continuei nessa área porque eu vi que não tinha paciência para ser aquela professora dedicada, fator necessário isso. Foi quando resolvi vir para São Leopoldo a fim de estudar.

**Vinda para São Leopoldo** - Vim para São Leopoldo para estudar e comecei a trabalhar. Depois de alguns empregos fora, comecei a trabalhar na Unisinos. Já faz 21 anos que estou aqui na Unisinos. Entrei em 1990, tendo passado por vários setores. E, agora, o último que estou há mais tempo é na GSI, na parte de Suporte Técnico.

**Vida Acadêmica** - Fiz o vestibular na Unisinos. Passei no curso de Tecnólogo em Processamento de Dados. Estudei um ano e não gostei do curso. Fiquei perdida, não sabia mais o que fazer. Então, continuei trabalhando, sempre trabalhei. E foi quando comecei a fazer o curso de Secretariado aqui na Unisinos. Fiz as cadeiras de alemão, que é uma língua que eu gosto bastante, apesar de agora eu já estar há muito tempo sem estudar. Então, comecei a fazer o curso de direi-

to. Só que fiquei grávida, minha filha nasceu. Logo em seguida, me separei e aí acabei deixando de lado o curso. Até porque, como sou sozinha aqui, não tinha com quem deixar a minha filha. Ficou difícil estudar. Depois disso perdi a vontade também de continuar numa sala de aula. Eu sei que deveria ter continuado...

**Alemão** - Língua que gosto muito. Leio de vez em quando alguma coisa ainda. Falo, visto que minha família é de origem alemã; assim, a gente conversa em alemão em casa. Meu irmão é professor de alemão. Acabo tendo contato com a língua quando vou para lá. Aqui, muito pouco.

**Lazer** - Assistio a programas de TV, filmes, leio, gosto de cozinhar e faço algumas caminhadas. Faço muitos programas culturais com a minha filha. Procuro aproveitar bastante o tempo que eu tenho com ela, porque, afinal, a família que eu tenho aqui é ela e eu. Tenho meus amigos também. Adoro estar com eles. Gosto de passear, de sair, de ter tempo livre para fazer nada também.

**Leitura e livros** - Leio bastante, principalmente revistas, jornais e artigos na internet. Enfim, uma coisa que eu não consigo ficar é sem ler notícias. Estou sempre lendo, me atualizando sobre as coisas que acontecem no



MIRIAM COM A FILHA

munho, no Brasil. Com relação a livros, os últimos que li e gostei bastante foram *Os Bórgias*, de Mario Puzo; *Cartas a uma nação cristã*, de Sam Harris; *O livreiro de Cabul*; *Quando Nietzsche chorou*; e *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer Bradley.

**Filmes** - Estou gostando muito dos filmes brasileiros. Acho que está tendo uma safra bem boa dos filmes daqui. Cinema eu tenho frequentado menos. O último que fui foi para ver *Harry Potter* com minha filha. Mas em casa eu vejo o que tem de lançamento. Agora quero ver *Cisne Negro*, mas que ainda não tive tempo, até porque acho que é um filme pesado, que eu vou ter que “parar” para ver. Gosto de comédia, mas não aquelas “pastelão”, que me irritam, mas aquelas que me divertem. Gosto de comédias mais inteligentes, drama, suspense e policial. Como acompanho minha filha adolescente, vejo também seriados como *Glee*. Mas não há um gênero específico. Não gosto de filme de violência.

**Política brasileira** - Acredito que melhorou bastante para o trabalhador depois do Lula, porque ele trabalhou em função de melhorar a vida dos miseráveis. Acho que ele conseguiu realizar algum progresso. Mas é difícil melhorar muito em pouco tempo, porque o Brasil é um país que vem com essa miséria e exploração toda desde sempre. Também tinha plena certeza de que, quando Lula assumisse, ele não iria resolver todas as

coisas como muita gente esperava que fosse acontecer. Sabia que alguém iria pagar mais por essas mudanças, que teríamos que abrir mão de outras coisas. Acho que, na verdade, o que falta é as pessoas se darem conta de seus direitos e reivindicá-los. Ficamos muito apenas dentro de uma sala discutindo as coisas que estão erradas, com as quais não concordamos. Nós somos um povo muito pacífico. Não vamos à rua para lutar, para mudar essa corrupção toda que está por aí e isso faz com que nada mude. Os mesmos políticos são eleitos e reeleitos para cargos que deveriam ser ocupados por pessoas íntegras, interessadas realmente em representar a vontade popular, em melhorar as condições dos brasileiros. Mas ser um povo pacífico tem um lado muito positivo: vivemos em paz.

**Religião** - Nasci e permaneci ligada à Igreja Luterana. Sou batizada. Fiz a Confirmação. Minha filha também. Casei lá dentro. Acredito, no entanto, que crença não é só seguir o ritual da igreja. A crença está dentro de nós, no momento que se faz o bem ao próximo; eu penso que isso em si já é a religião. É o que ela basicamente prega. Não sou frequentadora assídua da igreja. Vou de vez em quando. Mas rezo sempre em casa. Leio sobre a religião espírita também. Acredito que muita coisa se encaixa mais na religião espírita do que qualquer outra religião cristã.

**Sonho** - Viajar. Conhecer a Europa.

**Unisinos** - A Unisinos é minha segunda casa, onde passo horas agradáveis trabalhando e convivendo com pessoas muito queridas. A Unisinos permitiu a construção dos meus sonhos, uma vez que, com o trabalho aqui dentro, eu consigo

educar a minha filha; consegui comprar meu apartamento, por causa da minha experiência de vida que fiz aqui dentro. Fiz muitos amigos também, alguns dos quais já foram embora, estão morando em outros estados. Continuo tendo vínculo com eles, mesmo assim. É como muita gente aqui dentro. É a vida da gente, o dia a dia.

**Percurso na Universidade** - Comecei trabalhando como secretária no antigo NPD, com o Pe. Sebaldo, que agora é a GSI. Eu também trabalhei na biblioteca, no setor de compras. Trabalhei na pesquisa, mas sempre apenas um turno, e no outro na GSI. Surgiu a oportunidade de ir para o Sesu e é onde estou no momento, sempre aprendendo. Gosto muito do que faço.

**IHU** - Sei que o Instituto tem um trabalho bonito. O IHU quer contribuir na realização da missão da Unisinos como universidade jesuíta, que busca com desenvoltura tornar efetiva a missão da Companhia de Jesus da diaconia da fé, da promoção da justiça e do diálogo cultural e inter-religioso. Ele também participa proativamente na promoção de Escolas de Formação Política. Através das entrevistas e artigos da revista, consigo me manter bem informada sobre acontecimentos nacionais e também internacionais, sempre com matérias bem oportunas.

**Ideais** - Quando comecei a cursar Direito, eu pensava muito em ajudar. Por exemplo, eu vejo na cidade onde nasci - uma cidade pequena - muita falta de conhecimento ou mesmo de medo pela busca de direitos básicos dos cidadãos. São pessoas humildes, e eu sempre penso em um dia poder trabalhar nessa área e ajudar as pessoas nesse sentido. Não consigo ver injustiças. Estou sempre me metendo; quando vejo que alguma coisa está errada, eu acabo me envolvendo para mudar a situação. Isso me levou a ingressar e fazer parte do Sintep, sindicato que representa os trabalhadores de ensino privado.



## Congresso Continental de Teologia - Lançamento do sítio

No próximo dia 25 de agosto, na Unisinos, será lançado, às 19h30min, na Sala Ignacio Ellacuría e companheiros, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, a página eletrônica do Congresso Americano de Teologia, a ser realizado de 8 a 11 de outubro de 2012, na Unisinos.

Estarão presentes **Socorro Martinez**, coordenadora continental de Ameríndia, **Pablo Bonavía**, do Observatório Teológico, do Uruguai e **Roberto Urbina**, teólogo chileno. Também estará presente no evento **Ermano Allegri**, diretor da Adital. Na oportunidade, a teóloga mexicana e os dois teólogos, apresentarão o projeto do Congresso e debaterão com o público presente os objetivos deste evento continental.

Logo após será apresentado o sítio do Congresso. O evento do lançamento do sítio é aberto ao público.

Para saber mais sobre o Congresso Continental de Teologia, leia o projeto e a convocação em <http://bit.ly/9pnOsW>

## Globalização e o pensamento econômico franciscano

Os **Cadernos IHU ideias** em sua 153ª edição apresenta o texto “Globalização e o pensamento econômico franciscano: orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate” de **Stefano Zamagni**. De acordo com ele, “o século XV foi o século do primeiro humanismo, cujo impulso motor foi a transição do feudalismo para a modernidade. Hoje em dia, é uma passagem radical da sociedade industrial para a pós-industrial que sugere a urgência de um novo humanismo. Globalização, financeirização da economia, uma terceira revolução industrial, a questão da migração, conflitos de identidade, enorme aumento de desigualdades sociais e degradação ambiental são alguns dos assuntos que sugerem um descontentamento generalizado”. A partir de 09-09-11 o artigo completo estará disponível no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em formato PDF.

## Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio

Os **Cadernos Teologia Pública**, em sua 56ª edição, apresenta o texto Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”, no qual o autor **Andrea Grillo** apresenta suas reflexões a partir da publicação da Instrução Universae Ecclesiae da Comissão Ecclesia Dei: “Ao teólogo compete examinar criticamente cada expressão da fé eclesial: respeito crítico e crítica respeitosa fazem parte de seu instrumental obrigatório. Nesta nova fase, é necessário que os teólogos façam ouvir sua voz e que os pastores encontrem o modo de expressar o seu mal-estar”, observa.

A versão íntegra deste artigo está disponível no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), em formato PDF, <http://bit.ly/oldiDe>.

Siga o IHU no



([http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu))

E também no

**facebook**

(<http://bit.ly/ihufacebook>)

Apoio:

